

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Graduação em Jornalismo

Byanca Bráulia Soares Madureira

**COBERTURAS DE TRAGÉDIAS:
impactos emocionais para o jornalista no exercício de seu trabalho**

Belo Horizonte

08 de junho de 2020

Byanca Bráulia Soares Madureira

**COBERTURAS DE TRAGÉDIAS:
impactos emocionais para o jornalista no exercício de seu trabalho**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Edmundo de Novaes Gomes

Área de concentração: Jornalismo

Belo Horizonte

08 de Junho de 2020

Byanca Bráulia Soares Madureira

**COBERTURAS DE TRAGÉDIAS:
impactos emocionais para o jornalista no exercício de seu trabalho**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo

Prof. Dr. Edmundo de Novaes Gomes – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dra. Teresinha Maria de Carvalho Cruz Pires – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Ms. Leilane Tolentino Stauffer - (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 08 de Junho de 2020

Honro o fechamento deste ciclo dedicando a minha monografia aos meus amigos, família e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos e que sempre estiveram ao meu lado. Isso fez toda a diferença. Gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de maneiras diferentes, ajudaram a tornar que a realização e conclusão deste trabalho fossem possíveis.

A Deus, por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida.

A meu orientador, Edmundo Novaes, por ter acreditado nesse caminho desde o início e por ter depositado seu tempo e sabedoria em me ensinar a percorrer da melhor forma.

A meus colegas e amigos do coração, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade, que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza. Juntos, conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos. Vocês foram um apoio essencial para concluir este trabalho com êxito.

A minha mãe, minha irmã e demais familiares e amigos. Seus apoios, incentivos e, principalmente amizade e carinho foram primordiais para que eu conseguisse concluir com êxito este trabalho.

A todos os professores que tive ao longo desse percurso, pela importância que tiveram na minha vida acadêmica, no meu desenvolvimento pessoal e no meu processo de formação profissional.

Aos jornalistas que aceitaram contribuir e ajudar com este trabalho, através dos relatos e vivências das suas experiências no campo profissional.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu, muito obrigada!

“Jornalismo é como se fosse um fio, que liga as pessoas ao mundo.”
(Calebe Lamonier).

RESUMO

Requisito para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso III, do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, este trabalho visa mostrar um outro lado do percurso jornalístico, uma visão dupla, primeiro tentando analisar e retratar os impactos emocionais absorvidos por profissionais da área ao vivenciar situações fatos impactantes e as consequências deles nas vidas e carreiras dos profissionais, além de conceituar e tentar entender a atuação do jornalista e da profissão jornalística como testemunha de um fato. O conceito do sentido de uma notícia, reportagem e/ou cobertura jornalística e como ela interage emocionalmente na vida do repórter que a produz apontam-se como fundamento para a compreensão do papel do profissional da área jornalística. Um trabalhador que, enquanto testemunha de um acontecimento, também sofre impactos decisivos, na medida em que entra em contato e vivencia os fatos que cobre. A cobertura de tragédias se caracteriza como desafio ético e técnico para um profissional que deve sempre estar atento para as circunstâncias, transições e os dramas que o cercam por todos os lados de múltiplas formas. Com foco principal no repórter, este trabalho busca se concretizar a partir de leituras em profundidade de bibliografias específicas sobre o tema e de entrevistas realizadas com profissionais que vivenciaram fatos impactantes em momentos de sua vida profissional.

Palavras-chave: Jornalismo de Catástrofe. Papel do Jornalista. Trauma. Jornalismo e Trauma. Trauma no Jornalismo.

ABSTRACT

Requirement for approval in the Course Conclusion Work III discipline, of the Journalism Course of the Pontifical Catholic University of Minas Gerais, this work aims to show another side of the journalistic path, a double vision, first trying to analyze and portray the emotional impacts absorbed by professionals in the field when experiencing impacting situations and their consequences in the lives and careers of professionals, in addition to conceptualizing and trying to understand the role of the journalist and the journalistic profession as a witness to a fact. The concept of the meaning of a news item, report and / or journalistic coverage and how it interacts emotionally in the life of the reporter who produces it are pointed out as a basis for understanding the role of the professional in the journalistic area. A worker who, while witnessing an event, also suffers decisive impacts, as he gets in touch and experiences the facts he covers. The coverage of tragedies is characterized as an ethical and technical challenge for a professional who must always be aware of the circumstances, transitions and dramas that surround him on all sides in multiple ways. With a main focus on the reporter, this work seeks to materialize from in-depth readings of specific bibliographies on the topic and interviews conducted with professionals who experienced impactful facts in moments of their professional life.

Keywords: Catastrophe journalism. Role of the Journalist. Trauma. Journalism and Trauma. Trauma in Journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Foto a criança e o abutre.....	40
Figura 2 -	Antes e depois – Tragédia em Mariana/MG.....	59
Figura 3 -	Distrito de Bento Rodrigues devastado pela lama da barragem de fundão....	60
Figura 4 -	Desastre ambiental - Rompimento da barragem de fundão em Mariana.....	60
Figura 5 -	Caminho percorrido pela lama de rejeitos da barragem de fundão na unidade de Germano, em Mariana/MG.....	61
Figura 6 -	Antes e depois – Tragédia em Brumadinho.....	64
Figura 7-	Momento em que a barragem da Vale em Brumadinho (MG) se rompeu em janeiro de 2019.....	65
Figura 8 -	Equipe resgata vítima com auxílio de helicóptero, após rompimento da barragem em Brumadinho.....	66
Figura 9 -	Bombeiros no local do acidente.....	71
Figura 10 -	Informativo sobre o acidente da TAM.....	72

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Objetivos	12
1.2	Justificativa	13
2	JORNALISMO: UM CONCEITO A PARTIR DE CONTEÚDOS	13
2.1	O jornalismo e suas características	13
2.2.	Histórico do jornalismo e telejornalismo no mundo	15
2.2.1	<i>Histórico do jornalismo e telejornalismo no Brasil</i>	17
2.3	A Reportagem e o Repórter	20
2.4	A Questão do Gênero e os Critérios de Noticiabilidade	22
3	O JORNALISMO NA COBERTURA DE TRAGÉDIAS	26
3.1	O jornalismo no âmbito da tragédia	26
3.2	Definição de Tragédia	28
3.2.1	<i>Exemplos de Tragédias que Geraram Coberturas Jornalísticas Impactantes</i>	30
3.3	A Atuação Profissional no Ambiente da Tragédia	36
3.3.1	<i>Alguns Profissionais que tiveram sua História Jornalística Escrita a Partir da Cobertura de Tragédias</i>	38
3.4	O impacto emocional de jornalistas na cobertura de tragédias	41
3.5	O Jornalista como Testemunha do Fato	43
3.6	O Impacto da Cobertura de Tragédias no Jornalismo	45
3.7	O Impacto da Cobertura de Assuntos com Violência	48
4	PERCURSO METODOLÓGICO	50
4.1	Considerações metodológicas	50
4.2	Questionário para Entrevista Qualitativa	52
5	ANÁLISE DE CONTEÚDO	55
5.1	Renato Franco e o Caso da barragem da empresa da Vale em Bento Rodrigues	55
5.2	Edilene Lopes e o Caso da barragem da empresa da Vale em Brumadinho	61
5.3	Fernando Rocha e o Voo 3165 da TAM	67
5.4	Guilherme Belarmino e a Cobertura Policial	73
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	81
	APÊNDICES A – Transcrição da Entrevista Realizada com Renato Franco	87
	APÊNDICES B – Transcrição da Entrevista Realizada com Edilene Lopes	94
	APÊNDICES C – Transcrição da Entrevista Realizada com Fernando Rocha ..	100
	APÊNDICES D – Transcrição da Entrevista Realizada com Guilherme Belarmino	109

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta monografia é tentar oferecer uma perspectiva de compreensão de um de seus aspectos mais notórios no que se refere à percepção do público: o envolvimento do repórter em fatos comumente denominados catastróficos e o lugar de testemunha que ele acaba por exercer nestas situações. Assim, aquilo que se pretende é buscar a análise dos impactos emocionais absorvidos por profissionais da área ao vivenciar situações de tragédias, e compreender a atuação do jornalista e da profissão jornalística como testemunha de um fato, procurando captar a consequência deste tipo de cobertura em suas vidas e carreiras profissionais.

Neste sentido, o problema que move este estudo acaba por abargar uma visão dupla, ao apurar como e em que medida os jornalistas são impactados emocionalmente por tragédias em seu ofício de transmitir tais fatos/notícias para o público e procurar entender a construção da profissão jornalística e do próprio jornalista como testemunha de um acontecimento.

Trata-se de uma investigação de relevância social, já que, por este trabalho, será possível obter melhor entendimento e maiores possibilidades reflexivas sobre a maneira como uma tragédia pode impactar emocionalmente o profissional jornalista. A cobertura de tragédias se caracteriza como desafio ético e técnico para um profissional que deve estar sempre atento a todas as situações, alterações e as fatalidades que o cercam por todos os lados de inúmeras formas.

Assim, este estudo se delineará a partir de partes essenciais. A primeira, com a revisão bibliográfica que deverá levar do aprofundamento conceitual sobre termos como reportagem e tragédia. Em seguida, a partir da escolha de tragédias ocorridas em âmbito nacional e internacional que mereceram ampla cobertura jornalística. Finalmente, com a entrevista de profissionais que trabalharam nas coberturas dos fatos ditos catastróficos, trágicos.

Será abordado no primeiro capítulo, uma breve descrição sobre o conceito de jornalismo e todas as suas categorias e subcategorias, como gêneros e classificações; além de uma apresentação sobre o histórico do jornalismo e do telejornalismo no Brasil e no mundo.

No capítulo seguinte, procurar-se-á definir tragédia e seu entendimento no ambiente midiático, sua dimensão, além da apresentação de variados acontecimentos trágicos e de profissionais que geraram/produziram coberturas impactantes. E como esses conceitos se apresentam: o jornalismo e o trauma e o trauma no jornalismo.

O seguinte capítulo apresentará o envolvimento e o relato destes profissionais a cobertura de tragédias e os impactos emocionais absorvidos por estes em tais situações.

Finalmente, a última parte abordará uma análise das entrevistas realizadas com jornalistas que vivenciaram e realizaram coberturas marcantes.

Na pesquisa, foram utilizados citações e trechos de livros, artigos e publicações periódicas, além de conceitos de autores como Alzira Alves de Abreu, Mauro Wolf, Nelson Traquina, Nilson Lage, William Hazlitt, entre outros, ademais conteúdos materiais publicados e disponibilizados na internet. Tudo isto no sentido de obter a melhor conceituação sobre o assunto.

1.1 Objetivos

O objetivo mais abrangente deste trabalho não é outro senão buscar entendimento sobre como jornalistas lidam com a emoção ao cobrir tragédias e os efeitos provocados por tais coberturas em nível pessoal e no âmbito profissional. E, também entender a construção jornalista como testemunha de um acontecimento.

Na mesma medida, dentre os propósitos mais específicos, seria possível citar a determinação de estudar o gênero reportagem e a proceder à análise de matérias com relatos de jornalistas que cobriram tragédias.

A partir daí, pretende-se também sistematizar os estudos já realizados na interface da comunicação/psicologia sobre coberturas de tragédias e impactos emocionais para o jornalista no exercício de seu trabalho, além de mapear tragédias ocorridas em nível nacional e internacional, identificando os profissionais responsáveis por suas coberturas em diversos veículos, de modo a definir as fontes a serem entrevistadas. Com isso, analisar os impactos nestes profissionais através de seus relatos.

A ideia é de que tal contado servirá de aprendizado para a compreensão sobre como os jornalistas fazem para manter os sentimentos de empatia e sensibilidade diante de uma tragédia e, ao mesmo tempo, desenvolverem seu trabalho.

1.2 Justificativa

Compreender o sentido de uma notícia, reportagem e cobertura jornalística e como ela age emocionalmente na vida do repórter que a produz. Talvez seja esta ideia aquela que justifique de maneira mais precisa a fazedora deste trabalho acadêmico.

O desejo de entender tais processos surgiu a partir de uma aula na qual se comentava o fazer jornalístico como uma profissão em que o contato com pessoas e suas histórias de vida é sempre decisivo.

Na mesma aula, cogitou-se com este tipo de trabalho muitas vezes determinava que esses profissionais precisassem de “acompanhamento”, de auxílio especializado para saber lidar com acontecimentos impactantes.

Desse modo, pode-se dizer que mostrar um outro lado do jornalismo – aquele que revela o “preço” que uma notícia carrega e o lugar de “testemunha” muitas vezes inconsciente exercido pelo profissional – é aquilo que também justifica esta proposta, sempre a reboque da compreensão e da análise dos impactos absorvidos por esses profissionais ao vivenciar acontecimentos trágicos, no ofício de transmiti-lo ao público, e de como tais fatos interferem em suas vidas.

Antes de mais nada, é necessário lembrar que o jornalista tem uma responsabilidade como produtor de sensação e reflexão acerca dos fatos, e de como isso será transmitido para seu público. O jornalismo é um exercício ético, pleno de debates e, por isto mesmo, demanda uma reflexão contínua.

Nesse sentido, a importância deste trabalho é real e de via dupla, pois acredita-se que, nas próximas páginas, será possível mostrar o outro lado da profissão e como os jornalistas estão sujeitos a encontrar os mais inusitados fatos e histórias pela frente, muitas delas negativas e trágicas, além de apresentar a importância do jornalista e do jornalismo como testemunhas de um acontecimento e a sua participação na história.

Com relação direta com o contexto social, esta pesquisa quer contribuir, ainda que brevemente, (e aqui temos outra justificativa) para o entendimento dos processos que aqui já foram relatados, revelando ainda, ao meio acadêmico, que é necessário que estudantes da matéria entendam que a necessidade de se preparar emocional e mentalmente para a cobertura de fatos impactantes é real.

2 JORNALISMO: UM CONCEITO A PARTIR DE CONTEÚDOS

Este capítulo busca compreender inicialmente o conceito de jornalismo e suas características. Para tal, procurou-se esclarecer um histórico do jornalismo e telejornalismo no Brasil e no mundo. Fez-se ainda a classificação e a designação de uma reportagem e do repórter. Além disso, tratou-se da questão dos gêneros jornalísticos e os variados tipos de cobertura.

2.1 O jornalismo e suas características

A compreensão sobre o conceito de jornalismo é muito ampla. O jornalismo faz parte de uma área da comunicação responsável pela transmissão de notícias, ao se referir a um processo, um conjunto de técnicas, de saberes e éticas voltados para a captação de informações. O processo de elaboração do jornalismo segue um conjunto de normas que vão desde a captação das informações, apuração, produção, até a transmissão de conteúdo produzido.

Neste sentido, é Nilson Lage quem define de maneira específica o assunto:

O jornalismo é uma prática social que se distingue das outras pelo compromisso ético peculiar e pela dupla representação social: jornalistas podem ser vistos, de maneira ampla, como intermediários no tráfego social da informação ou, de maneira estrita, como agentes a serviço de causas consideradas nobres. A razão dessa duplicidade é histórica e suas consequências ganham relevância numa época em que as narrativas impostas se sobrepõem e determinam os fatos. (LAGE, 2014, p.20-25).

Diante disso, o jornalismo trata da informação a partir dos seus mais variados aspectos: da coleta de dados à distribuição da informação sobre acontecimentos que têm lugar a partir do tecido social. “Atualmente, o termo Jornalismo faz referência a todas as formas de comunicação pública de notícias e seus comentários e interpretações.” (INTER, 2014).

Os novos e variados meios de interação possibilitam o acesso fácil às notícias e oferecem aos leitores um papel de participação maior no método de produção de conteúdo, além da possibilidade de preferência desses leitores em obter versões de fontes oficiais e não oficiais, como blogs e outras mídias sociais.

Aqui se está falando do que se convencionou chamar “jornalismo cidadão”, que além de se apoiar na participação do homem comum, do leigo, que não conta com formação acadêmica ou de ofício em jornalismo, refere-se também a um tipo de atuação mais crítica do

próprio profissional. Abreu (2003) propõe, nesta mesma medida, uma outra maneira de enxergar a questão:

O jornalismo cidadão deve ser entendido como um dos meios de o jornalista, na atualidade, preencher um papel de ativista político caracterizado pela defesa de valores como rejeição à corrupção, defesa dos direitos dos cidadãos, • igualdade no tratamento e na aplicação das leis etc. (ABREU, 2003, p.38).

Em outras formulações, o jornalismo está associado à neutralidade, caracterizando-se por ser uma atividade de compromisso ético único para e com as pessoas e o coletivo.

Nesse sentido, o jornalista se torna responsável e capaz de escolher o que é interessante e útil para seu público, ao transmitir tais informações da maneira mais interessante possível, sempre no intuito de atrair a população, sem perder a honestidade quanto à veracidade dos fatos. Aqui se tem a formação de competência jornalística, à qual Lage se refere na Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo da seguinte maneira:

Outras concepções de jornalismo atribuem ao jornalista, além das competências do ofício ou mais do que elas, o dever da militância a serviço de causas julgadas nobres; isso se aplica não apenas à opinião expressa ou interpretação dos fatos, mas a escolhas temáticas e ao próprio relato factual. (LAGE, 2014).

Esses fundamentos consideram que os conteúdos a serem transmitidos pelos profissionais da área sejam confiáveis e, caso sejam repassados para terceiros, devem ser também checados e confirmados antes de sua divulgação. Tudo isto, além da grande importância de se conferir os créditos ao autor da matéria, como é descrito no conjunto de normas e procedimentos éticos que regem a atividade do jornalismo, ou seja, nos preceitos que definem o próprio Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007). É citado no sétimo artigo do capítulo II, sobre a conduta profissional do jornalista, parágrafo VIII, que o jornalista não deve “assumir a responsabilidade por publicações, imagens e textos de cuja produção não tenha participado.”

Além disso, é indispensável lembrar que existem diferentes princípios de jornalismo que acabam por possibilitar ao profissional múltiplas áreas de atuação. Assim, o jornalista é um trabalhador que pode produzir, entre outros, em espaços como o da reportagem, o da assessoria de imprensa, da comunicação institucional, do fotojornalismo, da crônica esportiva e, desde que a internet se tornou uma realidade mundial, naquilo que se convencionou chamar jornalismo digital, com seus sites, blogs, redes sociais e outros variados tipos de plataforma que paulatinamente se consolidam na realidade contemporânea.

2.2. Histórico do jornalismo e telejornalismo no mundo

Um dos importantes impasses referentes à história do Jornalismo provém justamente do questionamento de não se ter ao certo o conhecimento de sua origem e o surgimento do primeiro jornal do mundo. Segundo a história antiga, a criação do primeiro periódico é creditada ao imperador romano Júlio César, decorrente da chegada do comércio, quando a troca de informações passou a ser amplamente valorizada. No sentido de divulgar suas conquistas, informando o povo sobre a expansão de Roma, Júlio César, por volta de 59 a.C., cria a Acta Diurna. Assim, é possível afirmar que o jornal existe há mais de dois mil anos.

Entretanto, é a partir de 1477, com a criação da imprensa, pelo alemão Johannes Gutenberg, que os periódicos conhecem sua verdadeira evolução. A invenção de Gutemberg cria, por assim dizer, o jornal moderno, a princípio usado como difusor de notícias sobre o comércio.

Mas foi na Europa Ocidental, a partir do século XVII, que tiveram início as primeiras publicações periódicas, como o “Avisa Relation oder Zeitung, surgido na Alemanha, em 1609. O London Gazette, lançado em 1665, ainda mantém-se até a atualidade, agora como publicação oficial do Judiciário.” (INTER, 2014).

Esses jornais destacavam fatos negativos ocorridos em outros países, “como derrotas militares e escândalos envolvendo governantes.” (INTER, 2014) e falavam muito pouco sobre assuntos nacionais. Com a invenção do telégrafo, em 1844, houve uma grande mudança no fazer e na circulação das notícias, o que agilizou tal processo.

Já no século XIX, em decorrência desta mudança que ampliou muito o processo do jornalismo, os jornais eram o principal veículo de transmissão das informações, o que fez com que se surgissem os grandes grupos editoriais, que obtinham vasta capacidade de influência.

No século XX, durante os anos de 1920, o jornalismo continuou sofrendo mais mudanças para outros meios de veiculação. Primeiro com o surgimento do rádio e logo depois com o nascimento da televisão. A partir da década de 1990, com a chegada dos computadores e da Internet, surge o chamado Webjornalismo. Assim, no fim dos anos 1990, a internet trouxe diversidade de informação e atualização em volumes antes nunca vistos.

Atualmente, não só o jornalismo, mas outros meios de comunicação sofrem grandes impactos da internet. Novas possibilidades de produzir informação são criadas, com, pode-se dizer, uma reinvenção permanente do processo de comunicação. Neste sentido, pesquisas realizadas pelos portais de comunicação mostram a influência das mídias online na maneira de se fazer o jornalismo, principalmente o televisivo. Chaparro defende a ideia da internet

como aliada, que não ameaça ao jornalismo: “Em tempos dominados pelo fascínio da imagem, a internet representa, de alguma forma, o resgate do texto.” (CHAPARRO, 2005, p.1). Para outro autor, Jawsnicker (2008) “o único consenso entre especialistas e profissionais da mídia é o de que, para sobreviver, os jornais deverão reavaliar e readequar seu papel.”.

Agora a informação se democratizou graças à influência da internet em outros canais midiáticos, como rádio e TV, segundo o professor de História da Comunicação, Valmir Matiazzi, às quais se refere no Jornal Online Folha Vitória da seguinte maneira:

A rádio-tv está na rede, algo que antes era impossível de se ver. Há uma democratização da informação. Você passa a produzir conteúdos para o mundo. A qualidade do áudio e vídeo também melhorou, então toda forma de melhorar o jornalismo é válida. Por outro lado, precisamos ter cuidado para que a tecnologia não mude nosso olhar. Jornalista precisa ter um olhar diferente, não pode apenas reproduzir o olhar dos outros. Isto pode nos tornar meros repetidores da informação. O jornalismo tende a segmentar, se especializar em uma área, e eu acho isso uma solução para não sermos repetidores de informação. (VITÓRIA, F., 2018).

A linguagem do jornalismo tradicional mudou, uma vez que a notícia ganhou atualização praticamente em tempo real, a fim de suprir necessidades impostas pela sociedade. O conteúdo tende a ser claro e objetivo, com frases curtas e de fácil entendimento. Isto porque a mensagem precisa alcançar um grande público. “O perfil do novo jornalista conta com novos direitos e deveres. E um dos principais deveres é se manter atualizado, para acompanhar as evoluções tecnológicas.” (FELIX, 2016).

No que se refere de maneira específica ao telejornalismo, pode-se dizer que ele surgiu com os noticiários audiovisuais e do cinema. Tudo acontece a partir da iniciativa da Casa Lumière que, em 1909, dedicou-se a registrar em filmes acontecimentos de importância histórica. Mas, como lembra de maneira oportuna Nilson Lage,

Historicamente, a televisão descende do rádio, mas à medida que se desenvolveu sua tecnologia de imagem, foi aproximando-se do cinema. [...] No caso do telejornalismo os primeiros noticiários eram lidos diante das câmaras. (LAGE, 1986, p.27).

Deste modo, o cinema foi transmissor de notícias. Foram criados noticiários em filmes, chamados cinejornais, em forma de filme documental curto, contendo notícias e itens de interesse tópico. Tudo era usado como fonte de notícias, atualidades e entretenimento para milhões de espectadores até que, na década de 1950, o cinejornal foi substituído pela televisão. Com o final da II Guerra Mundial, os noticiários de cinema foram gradualmente perdendo relevância.

O primeiro evento televisivo noticioso ao vivo, ocorreu nos Estados Unidos, com o discurso do candidato político Al Smith, em agosto de 1928, transmitido pela emissora americana WGY.

No início o jornalismo de televisão copiou o formato do rádio, pois as primeiras notícias eram lidas diante da câmera, mas depois se notou a importância do apresentador. Logo depois, surgiram as imagens que, no início não possuíam som. Mais tarde, os filmes passaram a ser sonoros, com a utilização de uma câmara-gravadora. Logo depois, surgiu o vídeo-teipe e a transmissão de imagens via satélite, o que acelerou o ritmo das transmissões. (JORNALISMO, F.).

Em seguida, foram surgindo os primeiros telejornais em vários países, em diferentes partes do mundo. Desde então, devido às grandes transformações tecnológicas promovidas pelos meios digitais, foi possível a criação e divulgação de novos formatos digitais para os telejornais.

2.2.1 Histórico do jornalismo e telejornalismo no Brasil

Os telejornais brasileiros surgiram na década de 1950, com a chegada da televisão no Brasil, coincidindo com a história do jornalismo no País, já que a TV começou suas transmissões em 18 de setembro de 1950.

O primeiro canal inaugurado foi o da PRF-3/TV Tupi, Canal 3 de São Paulo, transmitindo seu conteúdo na capital paulista para pouco mais de 100 televisores. Logo no dia seguinte ao da inauguração, foi transmitido o primeiro telejornal do Brasil ainda pela TV Tupi. Trata-se do “Imagens do Dia”, que exibia imagens fortes e cruas, sem nenhum tipo de edição, dos acontecimentos daquele dia. Apresentado por Maurício Loureiro Gama, o programa não tinha tempo certo de duração, permanecendo no ar o necessário para a transmissão de todos os fatos e imagens.

Ainda no tempo Imperial, o Jornalismo obteve periodismo e começou a incluir fotografias e ilustrações para complementar a informação. Na primeira fase da República, o jornalismo brasileiro passa por um processo de transição: por um lado, ele deixa de fazer parte de um processo de produção artesanal para tornar-se um negócio, uma empresa estruturada. Por outro, ele perde seu caráter opinativo, sendo substituído pelo jornalismo de informação. (ROMANCINI E LAGO, 2007).

Por ser uma ferramenta nova, os profissionais não estavam acostumados com esse meio, o que fez com que o telejornal não despertasse muito interesse no público em seu começo. Ele continha textos e poucas imagens, que chegavam com até 12 horas de atraso.

Barbosa Lima registra que “todos os telejornais eram parecidos: uma cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador.” (LIMA, 1985, p.9). No começo, a televisão perdia para o rádio na rapidez da notícia e; os aparelhos de televisão eram raros, ficando restritos a uma pequena parcela da população.

A presença de jornalistas no comando dos programas foi decisiva para determinar um novo estilo de apresentar as notícias para o público.

Para ficarem a par dos acontecimentos de impacto nas sociedades, os telejornais precisaram acompanhar a velocidade das mudanças e da tecnologia, tentando levar o mais rápido e com a qualidade estabelecida o acontecimento para seu público.

No começo da sua trajetória, a locução do telejornal era mais próxima à do rádio. “As frases eram longas e traziam muitos detalhes sobre os assuntos enfocados.” [...] Por esse quadro, o programa de maior sucesso da década de 1950 o ‘Repórter Esso’ se transformou num grande sucesso na TV (MELLO, Jaciara 2010).

Discutindo historicamente as origens do telejornalismo, Piccinin assinala que “o consumo e a referenciação aos mídia se torna ainda mais evidente, principalmente a televisão.” (PICCININ, 2008). Por isso, este autor é decisivo ao relevar, de maneira apropriada, o lugar que a televisão passa a ocupar na vida dos brasileiros.

(...) a TV é o centro de excelência – está na sala e no lugar mais privilegiado da estante. (...) é especialmente através dessa instituição telejornal, que se apresenta como porta-voz dos acontecimentos no país e no mundo, que muitos brasileiros pensam tomar conta dos principais fatos e notícias que se sucedem no dia. (PICCININ, 2004 e 2000, p4. e p. 4).

Nesse sentido, a televisão brasileira e de outros países tem a produção jornalística inspirada na TV americana, “tanto na estrutura comercial como na produção importada dos Estados Unidos não apenas programas, mas idéias, temas, roteiros e técnicas administrativas.” (MELLO, Jaciara, 2000, p. 3). Ela aponta que o modelo do telejornalismo brasileiro se traduz na produção do jornalismo *clean* americano.

As emissoras brasileiras começaram a aumentar a apresentação dos telejornais em sua grade de programação somente na década de 1960. Por consequência, na época da Ditadura Militar, anos 1960, havia uma grande necessidade de tomar cuidado com o que ia ser dito. É que, devido à grande repressão do aparelho governamental, muitos profissionais da área de jornalismo foram censurados e punidos severamente, alguns abandonando sua carreira.

Se alguém ou algum canal ousasse ultrapassar a linha demarcada pela ditadura, ficava exposto ao risco de perder o direito de transmissão de telejornais. Como exemplo, é possível

citar a TV Cultura, que sofreu um grande golpe com a prisão e morte de seu diretor de jornalismo. Preso em 24 de outubro de 1975, Vladimir Herzog, foi torturado e morto pelo regime militar nas dependências do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em São Paulo.

É importante lembrar que a TV Cultura mostrava, em seus telejornais, um jornalismo que se caracterizava por expor questões que as outras não mostravam, como a seca do nordeste, a miséria e a realidade social brasileira. Tal jornalismo colocou um de seus principais responsáveis, Vladimir Herzog, na linha de tiro do regime militar.

A TV Tupi também foi vítima da represália da ditadura militar, tendo sua concessão cassada pelo governo em julho de 1980. Eram apontados motivos variados para cada uma das afiliadas e, no caso da Tupi, as principais justificativas foram problemas financeiros e administrativos, além de dívidas com a Previdência Social. Com isso, o presidente da época, João Batista Figueiredo, “assinou o decreto que extinguiu a primeira emissora de televisão da América Latina, do empresário Assis Chateaubriand, criador dos Diários Associados” (DITADURA, M.P.D).

Após o final da Ditadura Militar, a partir de 1983, a TV voltou a ganhar espaço e se estabelecer como veículo de comunicação forte.

Com a chegada do videotape, tornou-se possível um maior dinamismo nos telejornais, que chegavam ao público com linhas mais expressivas e completas. Assim, com a chegada de significativos avanços tecnológicos, os telejornais conquistaram diferentes formas de atrair a audiência e a atenção dos telespectadores.

(...) a televisão assume o poder, não apenas como a primeira mídia de lazer e de diversão, mas também, agora, a primeira mídia da informação. (...) Se a televisão assim se impôs, foi não só porque ela apresenta um espetáculo, mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta, desde o fim dos anos 80, pelo sinal de satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz. Tomando a dianteira na hierarquia da mídia, a televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. E com esta idéia básica: só o visível merece informação; o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente. (RAMONET, 1999, p. 26-27).

Na década de 1990, com o aparecimento da internet, os programas telejornalísticos passaram, aos poucos, a disponibilizar o conteúdo diário dos telejornais em suas páginas na rede, o que auxiliou no aumento do fluxo de informações entre o público.

As emissoras investiram em equipamentos e profissionais, criando novos formatos de telejornais e programas jornalísticos, formulando assim um outro espaço de aproximação do público com as notícias.

Essas ações científicas representaram os primeiros avanços que transformariam o mundo com futuras inovações. Entre 1990 a 1997, a internet já estava presente em variados locais, como universidades, centros de pesquisas, empresas, além de lentamente, em função do custo, começar a ser consumida também nos domicílios.

Assim que se tornou mais acessível, a web começou a ser consumida rapidamente, o que causou uma queda das assinaturas dos meios tradicionais (jornais e revistas) e uma redução no índice de audiência da televisão, em relação à diversidade de canais e múltiplos formatos disponibilizados pelo digital.

Atualmente através das inúmeras possibilidades de se obter uma informação, o usuário pode escolher o que quer assistir/consumir, como e de que maneira. Além de poder emitir sua opinião, contribuir na realização do conteúdo e acompanhar o assunto desejado por meio de várias plataformas. A internet possibilitou uma enorme interatividade entre as próprias pessoas e os canais, o que antes acontecia em menor escala. O desenvolvimento progressivo da internet e as múltiplas possibilidades que ela vem gerando, através das novas mídias, causam constantes mudanças no sistema e no ritmo de vida e trabalho de pessoas e empresas no mundo todo.

Hoje, a comunicação, em sua imensa maioria, está vinculada ao mundo digital e às novas tecnologias, que estão sempre em constante avanço. Com isso, os canais mais tradicionais estão tendo que se readaptar e inovar para se manterem no mercado e conseguirem atender e atrair os diversos perfis de pessoas/clientes.

2.3 A Reportagem e o Repórter

A reportagem é um gênero jornalístico que transmite informação através de meios de comunicação, como a televisão, rádio, revista, jornal, redes sociais, plataformas digitais, entre outros. Seu principal propósito é levar os fatos aos leitores/telespectadores de maneira abrangente, com a intenção de estabelecer um debate em torno dos próprios acontecimentos.

Nesse sentido, a reportagem é um gênero jornalístico que desenvolve uma investigação em busca da origem, do porquê e das consequências do acontecido. Seguindo tais pressupostos, ela possui aprofundamento maior que a notícia, envolvendo também

personagens e lugares, na medida em que não se abstém de contar suas histórias e buscar seus pontos de vista, em situações capazes de aprofundar rotinas e acontecimentos.

A reportagem é um conteúdo jornalístico, escrito ou falado, baseado no testemunho direto dos fatos e situações explicadas em palavras e, numa perspectiva atual, em histórias vividas por pessoas, relacionadas ao seu contexto. (SARMEMTO; TUFANO, 2010, p. 462).

Pode-se afirmar que a reportagem se classifica como gênero interpretativo, a partir do qual a imparcialidade deve determinar certo conjunto de normas e procedimentos éticos que conduzem à atividade jornalística, fundando pressupostos éticos que permitem ao leitor o conhecimento mais aprofundado de um fato.

Para Eliane Brum, jornalista e pensadora do tema, reportagem é a arte da escuta: “é um ato de entrega, de um envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação precisa de confiança mútua entre repórter e personagem.” (BRUM, 2008). Nesta mesma medida, a reportagem faz parte de um conjunto de funções exercidas por diferentes profissionais e é através de todo esse trabalho que é possível que ela se realize de maneira viva, significativa, eficiente e criativa.

Acredito na reportagem como documento da história cotidiana, como vida contada, como testemunho. Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história em movimento. Por isso, exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a convicção de que a realidade é um tecido intrincado, costurado não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores, gestos. Marcas. Também com faltas, excessos, nuances e silêncios. Ruínas. Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas. (BRUM, 2008, p.11-12).

No que se refere ao repórter, é ele o profissional responsável por realizar vídeos e reportagens, pautas, entrevistas, redação de textos para revista e *web*, cobertura de eventos, coletivas e pesquisas de informações. Este jornalista está presente em todas as áreas da atividade: televisão, rádio, internet, mídia impressa. Produzindo grandes reportagens e notícias, o repórter é responsável tanto por trazer aos leitores os últimos fatos como por realizar investigações que, penetrando frestas e arestas, aprofundem o entendimento daquilo que se deseja saber. Por isto, pode-se dizer que a função do repórter é ir atrás dos acontecimentos, investigar a fundo o acontecido e (re)contar a história.

É este o profissional do jornalismo em sua forma mais aprofundada. Aquele que atua em várias frentes, sendo por um lado produtor de sensações e, por outro, estimulador de

reflexões. Nesta pesquisa, pretende-se estudar os trabalhos feitos por ele, capazes de marcar a história do jornalismo e do mundo.

Nas matérias investigadas aqui, o repórter é, muitas vezes, o que vê a cena primeiro, realizando o contato com as famílias, escutando narrativas e vivências daquele que é testemunha do acontecimento para, em seguida, transmiti-lo às pessoas. Em última instância, seria possível mesmo afirmar que é ele o profissional que possui como uma de suas responsabilidades mais difíceis e manifestas aquela que o conduz a trabalhar com a emoção do outro.

Segundo Brum, ser repórter vai além de simplesmente ouvir. Também engloba a questão de captar todos os sons, tons, o ritmo das palavras e mesmo o silêncio. Uma boa interpretação do repórter da resposta do entrevistado pode fazer com que sejam obtidas informações inesperadas, que farão que a reportagem se direcione por caminhos até então impensáveis. Em seu livro “O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real.”, Eliane Brum (2008), faz reflexões bastante oportunas esta atividade essencial do jornalismo.

Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. Mais do que saber perguntar precisamos saber ouvir. (BRUM, 2008, p.11).

Nesse sentido, o grande princípio do jornalista é transformar a notícia em história, o que, segundo Brum, aproxima o próprio jornalista de um escritor. Por tudo isso, e também em função do mundo cada vez mais líquido em que vivemos, no qual palavras como digital, web, velocidade, tecnologia, impermanência, transitoriedade e complexidade têm ganhado, cada vez mais, espaço no cotidiano das pessoas, é necessário que este repórter saiba transitar entre os diferentes universos da reportagem.

2.4 A Questão do Gênero e os Critérios de Noticiabilidade

Se um cachorro morder um homem, não é notícia. Mas se um homem morder o cachorro é notícia¹. Para Luiz Gonzaga Mota, esta conjectura cumpre o papel de promover a

¹ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Esta assertiva, utilizada por teóricos de jornalismo brasileiros, é fundamentada em notícia divulgada pelo jornal notícia populares em 27 de agosto de 1980. Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2017/09/1921726-ha-37-anos-secao-trouxe-a-noticia-do-homem-que-mordeu-o-cachorro.shtml> Acesso em 10/05/2020.

compreensão sobre os critérios de noticiabilidade no jornalismo. Para este autor, “só há notícias quando o homem surpreendentemente morde o cachorro e inverte a ordem, quebra o fluxo dos sentidos esperados.” (MOTA, 2002). O que Mota parece dizer é que o jornalista deve romper com a ordem natural das coisas a fim de que o fato possa ser definido como notícia.

É trazendo à tona discussões como essa que teóricos importantes da Comunicação Social como Mauro Wolf (2009) traçam melhor entendimento sobre como a noticiabilidade é construída. Para Wolf, isto acontece a partir de um conjunto de condições que são exigidas dos acontecimentos para que eles possam afirmar a existência pública de notícia.

O autor propõe, assim, que, para definir aquilo que ele próprio nomeia como valor-notícia, seja respondida a seguinte questão: “(...) quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em Notícia?.” (WOLF, 1987, p. 173).

A partir daí, Wolf define o valor-notícia a partir de cinco diferentes critérios. Encabeçando a lista, estão os chamados critérios substantivos, de interesse do público, que se referem à importância e da quantidade de pessoas envolvidas com o fato, bem como do grau de interesse que ele carrega, além de sua excepcionalidade.

A segunda categoria é parte de conceitos jornalísticos para estabelecer os critérios relativos ao produto, como brevidade, atualidade, novidade, organização, qualidade e equilíbrio. Em seguida, vêm as categorias de assuntos relativos ao meio de informação. Aqui devem ser considerados fatores como acessibilidade à fonte e ao local formatação prévia e políticas editoriais. Finalmente, Wolf (2003) menciona as categorias que se estabelecem a partir da concorrência, em que questões como furo, exclusividade e grau de expectativa gerado pela notícia precisam ser levados em consideração.

Nesse mesmo sentido, a discussão sobre a questão do gênero e os critérios de noticiabilidade no jornalismo vem da constatação que os veículos midiáticos são formados por uma grande variedade de gêneros de conteúdos que ficam divididos por diferentes setores e cadernos relacionados ao tema que será tratado. Tudo isto no sentido de procurar manter certa organicidade editorial. Tais divisões se classificam por notícia, reportagem, entrevista, editorial, carta de leitor, artigo de opinião.

Dessa forma, os gêneros jornalísticos também servem para integrar um diálogo entre o jornal e o leitor. São muitos os autores e suas definições para esta questão. A organização de gêneros apresentada por José Marques de Melo traz as seguintes definições:

Gêneros informativos: Nota, notícia, reportagem, entrevista, título e chamada.

Gêneros opinativos: Editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, carta, crônica.

Gêneros utilitários ou prestadores de serviços: roteiro, obituário, indicadores, campanhas, “ombudsman”, educacional.

Gêneros ilustrativos ou visuais: gráficos, tabelas, quadros, demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia.

Propaganda: Comercial, institucional e legal.

Entretenimento: Passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos, poesia, entre outros. (MELO, 1992).

Em variadas editoriais do jornalismo diário, é normal a imagem do repórter setorista, especializado por cobrir um determinado assunto ou instituição. Na editoria de geral, por exemplo, esses setores editoriais se dividem principalmente nos campos de cobertura policial, transportes, saúde, serviços públicos, do Instituto Médico Legal etc.

O setor de cobertura policial conduz à especialização da profissão jornalística em fatos criminais, judiciais, de segurança pública, do sistema penitenciário e em investigações policiais, chamado internamente na profissão de RePol (REportagem POLicial).

O setor de saúde é responsável por expor fatos referentes ao Bem Estar da população, pela divulgação de informações e dicas importantes referentes a qualquer assunto que estejam ligados a saúde.

O setor de economia aborda fatos relacionados à administração do país, da cidade ou do mundo, além de temas relacionados, como tecnologia, emprego e mercado imobiliário.

Já o setor cultural populariza os fatos relacionados à cultura local, nacional e internacional, em suas diversas manifestações, incluindo toda a área de artes plásticas, música, cinema, teatro, televisão, cobertura de eventos (festivais, exposições), as políticas públicas para a área (secretarias e ministérios da Cultura e da Educação) e o dia a dia do setor.

A cobertura jornalística resulta do trabalho de equipe e assim como qualquer outra, a relação entre os profissionais deve ser cordial e respeitosa. Quanto maior o interesse público relacionado ao tema, maior a sua importância para a cobertura. Essas coberturas podem ser divididas em duas categorias: como planejadas ou inesperadas.

Para os jornalistas Ariadne Selene, Danilo Moreira, Emanuel Brandão e Marília Ferreira, coberturas planejadas são...

As coberturas planejadas, na maioria das vezes, abordam eventos como Eleições, Copa do Mundo, Olimpíadas. Assim, permitem maior organização de pauta e produção, além do preparo do repórter e de toda uma equipe voltada para determinada cobertura. Entretanto, quando há uma morte, um acidente ou algum desastre, pode não haver tempo hábil para esse preparo. São as chamadas coberturas de última hora, inesperadas e urgentes, que exigem experiência e desenvoltura daqueles que ficam responsáveis por elas. (SELENE; MOREIRA; BRANDÃO; FERREIRA, 2013).

O processo de uma cobertura pode ser sintetizado em etapas de planejamento e de preparo. Com isso, se realizado de maneira apropriada, tal processo resulta em apuração de qualidade no que diz respeito a notícias e reportagens. Tudo isso se intensifica quando se coloca em cena as novas mídias engendradas pela internet. Em função das inúmeras possibilidades recursos originados pelo jornalismo de web, não é demais dizer que as questões relativas a gênero e a critérios de noticiabilidade se intensificou e dinamizou, trazendo, para o jornalismo, novas e importantes ferramentas de comunicação.

É por isso que os manuais reguladores de veículos e assessorias de imprensa definem, atualmente, comportamentos para lidar com a diversidade e com os desdobramentos gerados por esses novos recursos. Assim, até mesmo guias práticos de procedimentos jornalísticos, como a Secretaria de Comunicação do Senado Federal, trazem disposições sobre o assunto:

O aproveitamento pelos veículos de material gerado por equipamentos portáteis de áudio e vídeo, como câmeras, gravadores, aparelhos celulares e tablets, deve ter como justificativa a busca de agilidade, autonomia e praticidade na captação e na veiculação da informação (SECOM, 2012).

Em última instância, é possível afirmar que as novas possibilidades incorporadas nos últimos tempos pelo jornalismo fizeram com que, hoje, o receptor de informações deixasse de ser aquele sujeito passivo de antes. Atualmente, ele é parte que interage e se envolve, participa, contribuindo e interagindo com aquilo que é noticiado. Assim, a cobertura jornalística tornou-se algo volátil, essencialmente dinâmico, capaz de receber conteúdos e informações de todos os lados.

Nesse sentido, a cobertura de tragédias, tema a partir do qual este trabalho se configura, caracteriza-se como desafio ético e técnico para um profissional que deve sempre estar atento para as possibilidades, as mudanças e os dramas que o cercam por todos os lados e das mais variadas maneiras.

3 O JORNALISMO NA COBERTURA DE TRAGÉDIAS

Este capítulo buscará explicar como o acontecimento trágico é tratado e veiculado pelas mídias. Além disso, aborda a relação sobre a definição e dimensão de tragédia segundo a mitologia, os filósofos e os demais veículos de comunicação. E como esses se apresentam, o jornalismo e o trauma e o trauma no jornalismo. Serão oferecidos também exemplos de tragédias que geraram coberturas jornalísticas impactantes.

3.1 O jornalismo no âmbito da tragédia

Ao desempenhar um papel mediador entre a opinião pública e as instituições de poder, o jornalismo possui, como principal objetivo, noticiar fatos e informações ocorridas, além de produzir narrativas equânimes, diversificadas e objetivas, nas quais a credibilidade possa de alguma forma estar assegurada.

Acontecimentos trágicos tomam grande espaço na cobertura jornalística e sempre são priorizados pelos meios de comunicação, uma vez que, invariavelmente, rendem altos índices de audiência, a partir do envolvimento do público com a história que está sendo contada, capaz de demandar outros recursos que normalmente não são abordados nas notícias diárias.

Dependendo do grau trágico do fato, ocorre uma mudança na configuração do formato notícia. Outros elementos textuais são utilizados, uma estrutura dramática e/ou melodramática quase sempre entra em cena, altera-se a forma de fala, da expressão facial, corporal, gestual etc. “A tragédia como a concebemos hoje é o acontecimento imprevisto e irreversível que transforma nossas vidas através do sofrimento. É um momento de espanto!”. (CODATO in SANTOS, 2002, p. 73).

Essa forma de jornalismo sobre aquilo que muitas vezes é surpreendente, instantaneamente novo e catastrófico na maior parte dos casos carrega um grande valor-notícia para os canais de divulgação, principalmente ao apontar os números de mortos. Pois um acontecimento envolvendo poucas e/ou nenhuma vítima/óbito não é interessante para ser noticiado, ou seja, não atrai a atenção dos espectadores.

Brayne (2008) cita através dos objetivos da missão do Dart Centre for Journalism and Trauma² do centro da Europa, os haveres e a necessidade em entender e adotar os cuidados e medidas sobre o conhecimento de fatos impactantes:

Encorajamos os jornalistas a estar atentos ao impacto do trauma psicológico e como este pode atingir desde as vítimas e sobreviventes até aos jornalistas, amigos, comunidades locais e nações inteiras – em último caso, até mesmo aos repórteres e a quem lhes fornece apoio técnico e editorial. Por fim, também os colegas e família do repórter podem ainda sentir o longo alcance destes estilhaços (BRAYNE, 2008).

O jornalismo pode e na maior parte das vezes utiliza a notícia de uma tragédia, principalmente em casos de mortes coletivas e de grande repercussão, como vantagem para exceder sua audiência.

Por conseguinte, Traquina (2012) discorre sobre o lado negativo do jornalismo ao se preocupar com o valor monetário que uma notícia pode ter, ao exercer práticas sensacionalistas voltadas tão somente para o consumo e para as vendas:

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu os dois pólos do campo jornalístico contemporâneo – o pólo intelectual e o pólo econômico – tornaram-se dominantes no jornalismo ao longo do século XIX, diminuindo a importância do “pólo político”. Para os jornalistas e para muitas vezes na sociedade, o pólo negativo do campo jornalístico é o pólo econômico, que associa o jornalismo ao cheiro do dinheiro e a práticas como o sensacionalismo, em que o principal intuito é vender o jornal/telejornal como um produto que agarra os leitores/os ouvintes/à audiência, esquecendo valores associados à ideologia profissional. (TRAQUINA, 2012, p. 27).

A propensão pelo trágico efetiva à razão das vendas quantitativas de tabloides ou de livros e a audiência nas mídias televisivas e radiofônicas, sobretudo aquelas que, por exemplo, se dispõem a narrar grandes catástrofes e infortúnios alheios.

Se tem sangue, vira manchete, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos de chamadas rápidas na tevê – aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta (TRAQUINA, 2012, p. 20).

Os fatos trágicos, além de serem um acontecimento surreal e insólito que modificam para sempre a vida de grupos de pessoas, comunidades ou de toda a população, despertam na população um grande nível de relevância e curiosidade. Ao dissertar sobre a atração exercida pela sociedade e indaga no consumo de tais acontecimentos, William Hazlitt indaga:

² TRAUMA, Dart Center for Journalism and. Dart Center for Journalism and Trauma. Columbia, 1991. É um projeto da Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, na cidade de Nova York, com escritórios internacionais por satélite em Londres e Melbourne. <https://dartcenter.org/> Acesso em 18/11/2019.

Por que sempre lemos, nos jornais, as notícias sobre incêndios pavorosos e assassinatos chocantes?'. Porque, responde ele, 'o amor à maldade', o amor à crueldade, é tão natural aos seres humanos como a solidariedade (HAZLITT apud SONTAG, 2003, p. 82).

A análise de uma tragédia exhibe relevância maior do impacto social, através da instantaneidade da alteração de um cotidiano, das ações imprevisíveis e a disseminação das consequências. Desta maneira, é representada a postura de parte dos veículos jornalísticos brasileiros. Certamente por isso, Sakamoto (2015) define uma das dez “breves considerações para uma autocrítica.” que faz em seu texto denominado para “Como o jornalismo é engolido nas grandes tragédias” com as seguintes palavras:

Reportagens sobre a tragédia humana são importantes para que o país tenha a dimensão do caos que se estabeleceu. Mas o estrago trazido ao não tratar das responsabilidades dos atores econômicos e políticos nunca será compensado pela cobertura “humanizada” que você teve orgulho de fazer. (GGN JORNAL, 2015).

A exibição repetitiva, enfatizada e até por vezes explorada destes acontecimentos atrai a atenção dos telespectadores que sobrestimam estas histórias e os dramas apresentados com a observação aparente do trágico, por meio da espetacularização das imagens e da dramaticidade com que tais narrativas são construídas. Nesse sentido, ao se colocar como meio difusor e reproduzidor de conteúdos trágicos, o jornalismo se delimita como...

(...) um mero produto a ser consumido e não mais como meio de comunicação, interpretação e intervenção na realidade. É preciso fazer o caminho inverso e desespetacularizar o jornalismo, voltando a centrá-lo nas questões da sociedade e não do indivíduo, e aí então voltar a apreciar esteticamente o trágico apenas na arte e não mais com a perversa catarse através da mídia (BILL, 2010, p. 7).

3.2 Definição de Tragédia

Um acontecimento trágico pode despertar as mais variadas emoções e atitudes nas pessoas e em suas vidas, causando impactos de dimensões inimagináveis. Cumpre, portanto, estabelecer as diferenças existentes entre a tragédia na vida real e a tragédia estética, e como ela se encaixa na pós-modernidade.

A expressão do fundamento de tragédia tem origem grega e está fortemente interligada às artes cênicas, quando os antigos rituais eram o ponto de ligação entre o homem e seus

deuses. Todos se envolviam na produção das peças, sem distinções de papéis. Constituíam-se, assim, uma espécie de hierarquia que separava atores de plateia/público.

Neste sentido, semelhante separação aconteceu com os conteúdos a serem representados. Se os assuntos versavam sobre amor, ódio, medo e traição, representava-se uma tragédia. Assuntos do cotidiano, contudo, referentes à vida comum dos homens, eram temas de comédias. O ponto de interseção entre uma e outra representação estava não apenas nos festejos a Dioniso, deus dos ciclos vitais, do vinho, da loucura e do teatro, que aconteciam até mesmo por meio de concursos em que eram premiados o conjunto dos melhores espetáculos. A interseção entre uma e outra forma de relatar as experiências do homem grego e seus mitos estava também na representação da essência humana e na relação próprio humano com seus sentimentos mais profundos.

Por outro lado, vale dizer que não é incomum acreditar que a origem da palavra tragédia tenha surgido de "tragos", que significa em grego cabra ou bode, animal que era sacrificado naqueles rituais em honra a Dioniso. Também se cogitava outra possibilidade sobre sua origem: a de que a palavra tenha surgido da forma "tragoi", vocábulo grego que significava adoradores ou seguidores do próprio Dioniso.

A tragédia era uma representação teatral, de gênero dramático; na qual os personagens eram relacionados por energias desconhecidas que agiam contra eles, causando sua destruição inevitável. Para Joyce Neves de Campos a tragédia é uma arte mimética, uma forma específica de imitação, de uma ação de caráter elevado e completo, provocando sensações.

Diferente da comédia, que imita homens inferiores com o objetivo de fazer uma sátira ao comportamento de homens dessa categoria, a tragédia tem como protagonistas homens nobres e ilustres, cujas ações refletem a grandeza e a elevação moral desses personagens. (CAMPOS, 2012, p. 35).

Aristóteles teorizou bastante para definir a tragédia como um resultado que culmina numa catarse. Para o estagirita, “a mais bela tragédia é aquela em que os fatos se desenvolvem de maneira complexa, gerando o temor e a compaixão do público.” (ARISTÓTELES, 2008).

Segundo ele, esse acontecimento apresentava uma importante função social, classificando-se como uma catarse de audiência. A partir dessa definição de Aristóteles, não seria demais afirmar que tais elementos – função social e catarse – explicariam os motivos pelos quais homens e mulheres apreciam assistir ao sofrimento dramatizado.

O filósofo ainda diz que, em um acontecimento trágico, os personagens atuam diretamente no fato, sem relatos indiretos. E de acordo com sua classificação, a tragédia

clássica deve seguir três condições: prólogo, episódio e êxodo, ou seja, possuir personagens de elevada condição (heróis, reis, deuses); ser contada em linguagem elevada e digna, e finalmente; ter um final triste. É disso que trata a “Poética”, obra de Aristóteles ainda permanentemente utilizada como fundamento de análise e referência das artes cênicas por muitos estudiosos. Com já se disse, é em tal livro que o filósofo define a tragédia quando escreve:

A tragédia é a imitação de uma acção elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que se serve da acção e não da narração e que, por meio da compaixão e do temor, provoca a purificação de tais paixões. (ARISTÓTELES, 2008, 1449 b 24).

Após essa época clássica, a tragédia começa a se fazer mais presente no dia a dia das pessoas. O termo começou a ser usado para noticiar acontecimentos inesperados para a população, passando dessa forma a se destacar face à complexidade psicológica dos personagens envolvidos. A partir daí, pode-se dizer que tudo isso foi evoluindo das artes cênicas para os eventos da ordem do próprio cotidiano.

Dessa forma, é possível afirmar que a catarse já antes definida a partir da tragédia permanece existindo atualmente. Assim, não seria demais errado dizer que o termo contemporâneo “catarse midiática” possui suas raízes fincadas no mundo grego de Sófocles, Eurípedes e Ésquilo.

Cumprido dizer, contudo que tal expressão, diferentemente do teatro, ultrapassa o campo das artes, da ficção e chega hoje às telas da televisão, compondo um retrato impactante a partir de tragédias da vida real. Das artes cênicas à TV e às páginas dos periódicos, o público consome o trágico em sua versão jornalística. Uma versão que pode ser contada a partir de variadas formas e cuja verdade pode registrar audiências impressionantes.

3.2.1 Exemplos de Tragédias que Geraram Coberturas Jornalísticas Impactantes

Uma cobertura de grande impacto mundial se refere ao inesquecível acontecimento ocorrido na manhã do dia 11 de setembro de 2001, quando dezenove terroristas da al-Qaeda sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros e colidiram dois deles contra as Torres Gêmeas, como eram conhecidos os edifícios do complexo World Trade Center, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos.

Este foi e ainda é considerado o maior ato terrorista já sofrido pelos Estados Unidos e pelo mundo. Quase três mil pessoas morreram durante os ataques, incluindo os 227 civis e os 19 sequestradores a bordo dos aviões.

O primeiro avião, uma aeronave da American Airlines, voo 11, chocou-se contra a Torre Norte às 8h46 da manhã, horário local de NY. Já a outra aeronave, da United Airlines, voo 175, chocou-se contra a Torre Sul minutos depois, às 9h03.

Esse foi um grande acontecimento trágico que impactou todo o mundo e, durante semanas, tornou-se notícia de todos os jornais do planeta. Os atentados do dia 11 de setembro de 2001 foram uma grande surpresa para todo o mundo, tornando-se um elemento que atraiu a atenção do público de uma forma geral, principalmente por ocorrerem em um local considerado seguro e, não se pode esquecer, também em função da visibilidade dos EUA, que é muito maior do que qualquer outro país do mundo, por ser um grande centro econômico, político, militar e cultural.

Nunca se imaginou que os Estados Unidos fossem sofrer ataques desta magnitude e, por isso, ocorreram diversas coberturas dos atentados. A partir daí, conflitos se multiplicaram, com as guerras dos EUA contra o Afeganistão, na tentativa de acabar com o Taliban, se solidificando como resposta aos ataques deste grupo que abrigou os terroristas da al-Qaeda. Em 2011, os Estados Unidos anunciaram a morte de Osama Bin Laden, líder da rede al-Qaeda, após quase 10 anos de caça ao terrorista.

Outro caso a ser citado que gerou coberturas fortes e impactantes foi à tragédia do voo da companhia da linha aérea da TAM, ocorrida em 17 de julho de 2007. O voo 3054 decolou de Porto Alegre e pousaria no Aeroporto de Congonhas, na zona sul da capital paulista. O acidente aconteceu no início da noite. Durante o pouso o avião teria atravessado a pista do aeroporto de Congonhas, ultrapassado a Avenida Washington Luís e se chocado contra um depósito de cargas da própria TAM, contra o prédio da TAM Express e contra um posto de gasolina da Shell, que ficavam fora do aeroporto.

Nesse trágico acidente, ninguém sobreviveu. Todos os 187 passageiros e tripulantes a bordo do voo e mais 12 pessoas em solo morreram, totalizando 199 mortes. Apenas alguns funcionários do depósito conseguiram escapar com vida.

Várias emissoras pararam suas transmissões diárias para transmitir o ocorrido, como foi o caso da Rede Globo de televisão, que fazia a transmissão dos Jogos Olímpicos. A cobertura desta tragédia durou aproximadamente 30 dias.

As investigações da Polícia Federal sobre o acidente, que duraram dois anos e meio, não apontaram a responsabilidade do incidente sobre o aeroporto, o avião ou o setor aéreo. A

conclusão foi que o acidente teria sido causado exclusivamente por um erro dos pilotos do Airbus 320 no manuseamento dos manetes (aceleradores).

Também não se pode deixar de citar a tragédia ocorrida com o avião da equipe de futebol da Chapecoense, no dia 29 de novembro de 2016, na cidade de La Unión, próxima a Medellín, na Colômbia. O avião fretado pela equipe que disputaria a final da Copa Sul-Americana, em disputa contra o Atlético Nacional, caiu próximo ao local chamado Cerro El Gordo, ao se aproximar do aeroporto em Rionegro. O voo 2933 da LaMia, a serviço da Associação Chapecoense de Futebol, proveniente de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, saiu com destino ao Aeroporto Internacional José María Córdova em Rionegro, Colômbia.

A aeronave levava 77 pessoas a bordo e 71 morreram na queda, entre elas vinte jornalistas brasileiros, nove dirigentes, incluindo o presidente do clube, dois convidados, quatorze pessoas da comissão técnica, incluindo o treinador e o médico da equipe, dezoito jogadores e sete tripulantes.

Dos seis ocupantes que foram resgatadas com vida e sobreviveram, quatro eram passageiros e dois eram tripulantes. Esta se tornou a maior tragédia da história com uma delegação esportiva e a maior com referência ao jornalismo brasileiro.

O impacto desse caso foi muito intenso, principalmente para os jornalistas que o cobriram. Um desses exemplos se refere ao jornalista Guido Nunes, profissional do canal por assinatura SporTV que, ao ser perguntado pela mãe do goleiro Danilo, atleta ídolo e titular da Chapecoense, Ilaídes Padilha, como se sentia ao perder amigos e colegas de trabalho começou a chorar e, sem conseguir retomar a entrevista, recebeu um abraço e o conforto da mãe do ex-goleiro. Em uma cena emocionante Ilaídes explicou:

A imprensa ficou na frente da minha casa desde terça-feira de manhã. Ficaram me dizendo: 'Mande-os embora, são paparazzi'. Não são. Foram eles que fizeram a carreira do meu menino. Eles estão pedindo se podem ficar ali, pedindo por uma entrevista. (ABRIL,G., 2016).

Outro acontecimento de desmedida repercussão nacional e internacional foi o trágico caso do sequestro da garota Eloá Cristina Pimentel, na qual devido ao sensacionalismo, infotimento e espetacularização realizados por veículos de comunicação, principalmente pelos canais nacionais Rede TV!, Band e Record, acabou, segundo muitas autoridades de segurança pública e muitos estudiosos da mídia, interferindo no andamento da notícia e no desfecho da história.

O crime ocorreu no dia 17 de outubro de 2008 após Eloá ser mantida em cárcere privado por 100 horas em seu apartamento, no município de Santo André, São Paulo. O caso se refere ao mais longo sequestro em cárcere privado já registrado pela polícia do estado brasileiro de São Paulo.

O sequestrador acompanhava a repercussão de seu feito pela televisão e chegou a conversar ao vivo por contato telefônico com a apresentadora Sônia Abrão, da emissora Rede TV! que tentou negociar a libertação dos envolvidos, assumindo às vezes em certo ponto, o papel de negociadora no caso.

Depois de mais de 100 horas, o ocorrido terminou quando a polícia invadiu o apartamento e o sequestrador, Lindemberg Alves, deu um tiro no rosto de Nayara, amiga de Eloá. Em seguida, disparou duas vezes contra Eloá – um tiro na cabeça e outro na virilha. A jovem foi levada para o hospital, mas não resistiu e faleceu por morte cerebral.

Outra tragédia que chocou o Brasil aconteceu na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 2011, devido às chuvas que atingiram Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo. Dados oficiais do Governo do Estado apontaram 918 mortes, além dos 103 desaparecidos contados pelo Ministério Público Estadual. Cerca de 10 mil pessoas podem ter morrido ou desaparecido nas chuvas que atingiram a região e 400 mil moradores ficaram desabrigados. A cobertura da devastação da região pelas fortes chuvas também foi bastante impactante.

Uma fatídica tragédia ocorrida de madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, também fez com que o País acordasse em choque e de luto. Um incêndio na boate Kiss matou 242 jovens e feriu outros 680. Tal tragédia impactou diversos jornalistas que acompanharam toda a cobertura do ocorrido, desde a retirada dos corpos da boate, até o velório coletivo e os enterros.

Do Brasil para a Europa, outro caso marcante ocorreu no dia 11 de março de 2004, conhecido como 11-M. Considerado como um dos piores ataques terroristas da história espanhola e da Europa, estes atentados foram coordenados por terroristas quase que simultaneamente, na manhã de 11 de março, contra o sistema de trens suburbanos da Cercanías, em Madrid, três dias antes das eleições gerais espanholas.

As explosões ocorreram entre as 7h39min e às 7h42min da manhã nas estações madrilenhas de Atocha (três bombas), El Pozo de Tío Raimundo (duas bombas), Santa Eugenia (uma bomba) e em um comboio a caminho de Atocha (quatro bombas). As explosões mataram 193 pessoas e deixaram 2050 pessoas feridas.

As forças de segurança também encontraram mais três bombas. No entanto, segundo o ministro do Interior, Ángel Acebes, elas estariam programadas para explodir quando chegassem os primeiros socorros para as vítimas.

As investigações espanholas constataram que os atentados foram dirigidos por uma célula terrorista inspirada na al-Qaeda. Em confissão gravada em vídeo cassete, no dia 14 de março de 2004, Abu Dujana al-Afghani, declarado porta-voz da Al-Qaeda na Europa, assumiu a responsabilidade pelos ataques. Os mineiros espanhóis que venderam os explosivos para os terroristas também foram presos, mesmo sem terem participado ou ajudado no ofensiva. Em agosto de 2007, a Al-Qaeda festejou os atentados em Madrid.

Três anos depois do ataque, no dia 11 de março de 2007, foi inaugurado em uma das estações de metrô onde ocorreu uma das tragédias (Estação de Atocha), um monumento em homenagem às vítimas do 11 de Março.

Ainda citando ataques, mais um atentado que marcaria a história dos meios de comunicação foi o fato ocorrido na data de 07 de janeiro de 2015, em um dos grandes jornais franceses, Charlie Hebdo; jornal semanal satírico, notabilizado por suas caricaturas de forte conteúdo antirreligioso.

O jornal sempre foi alvo de muitas polêmicas por apresentar conteúdos que não poupavam nada nem ninguém. O ataque ocorreu no período da manhã: dois homens vestidos de preto e fortemente armados invadiram a redação do jornal atirando, resultando na morte de 12 pessoas, entre jornalistas e policiais. Pessoas do mundo todo usaram pelas redes sociais o slogan “Je Suis Charlie” (Eu sou Charlie) em solidariedade ao acontecido.

Ainda sobre atentados sucedidos na França, Paris sofreu uma série de ataques terroristas na noite de 13 de novembro de 2015 em Paris e Saint-Denis, na França. No total aconteceram nove ofensivas distintas, sendo três explosões separadas e seis fuzilamentos em massa. Mais de 180 pessoas morreram (incluindo os sete terroristas que praticaram os ataques) e mais de 350 pessoas ficaram feridas, incluindo 99 pessoas em estado grave.

O principal atentado ocorreu no teatro Bataclan, no Boulevard Voltaire, onde 1.500 pessoas assistiam ao espetáculo da banda de rock estadunidense Eagles of Death Metal. Segundo testemunhas, quatro homens vestidos de preto e segurando fuzis AK-47 entraram no salão e, antes de começarem o massacre, de maneira calma e disciplinada, gritaram "Allahu akbar".

Os terroristas fuzilaram várias pessoas e fizeram reféns, ato que durou cerca de vinte minutos, até o início da madrugada de 14 de novembro, e terminou com a morte de 89

pessoas. E no mesmo dia 14, o grupo Estado Islâmico do Iraque e do Levante assumiu a responsabilidade pelos ataques.

Novamente na França, outra tragédia fatal ocorreu após um ataque terrorista de um caminhão que avançou contra uma multidão durante uma queima de fogos que celebrava o Dia da Bastilha (queda da Bastilha, 1789, ato que deu início à Revolução Francesa), na cidade de Nice (região sul da França), no dia 14 de julho de 2016. Essa tragédia culminou na morte de 84 pessoas e mais de 100 feridos e, ainda, na morte do motorista do caminhão por disparos feitos pela polícia, segundo informações da imprensa local.

Finalmente, para completar este trecho da monografia que busca dar exemplos de acontecimentos impactantes/trágicos, que aconteceram neste século, adicionamos dois casos que se tornaram marcantes não apenas no Brasil, mas no mundo. Trata-se de eventos que ocorreram em Minas Gerais. Um, no dia 5 de novembro de 2015; outro, cerca de três anos depois. Ambos com características semelhantes.

O primeiro com o rompimento de uma armação de rejeitos conhecida como Barragem do Fundão, localizada no município de Mariana, Minas Gerais. A estrutura de contenção, de propriedade da Samarco, empresa controlada pela Vale SA e BHP Billinton, rompeu o volume de 43,7 milhões de metros cúbicos de rejeitos, que percorreram um total de 663 quilômetros, atingindo o Rio Doce até chegar ao mar, no estado do Espírito Santo.

Além de todos os danos ambientais incalculáveis que o rompimento causou, ele provocou danos econômicos e sociais às famílias e moradores da região de Bento Rodrigues, subdistrito mais atingido e, aos demais habitantes de locais por onde a lama passou. Além disso, ocasionou 19 mortes, configurando-se, até aquele momento como o maior desastre ambiental ocorrido no Brasil.

Pouco mais de três anos depois, como já se disse, surge uma nova tragédia também de cunho ambiental, com uma barragem pertencente também à mineradora Vale SA. Tratava-se da barragem de rejeitos da Mina do Feijão, no município de Brumadinho. A tragédia, que aconteceu em 25 de janeiro de 2019, expeliu cerca de 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos, cobrindo uma área de 270 hectares, que atingiram uma velocidade de 80 quilômetros por hora. Mesmo apresentando uma quantidade de rejeitos menor que a da barragem do Fundão, em Mariana, essa tragédia apresentou mais impactos sociais e ambientais do que a primeira.

No momento do evento, as sirenes que deviam tocar para alertar os funcionários e moradores da região não tocaram, o que pegou a todos de surpresa e contribuiu para o grande número de mortes. No momento do rompimento, os funcionários da Vale estavam em horário

de almoço e a lama atingiu a área administrativa da empresa, assim como a comunidade da Vila Ferteco, destruindo várias casas e uma pousada que hospedava 35 pessoas. A lama da Mina Córrego do Feijão também atingiu o rio Paraopeba, poluindo suas águas e inviabilizando sua utilização.

A procura e resgate dos corpos das vítimas contaram com a participação do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, da Força Aérea Brasileira, do Exército e de militares israelenses – estes últimos trabalhando apenas por quatro dias nas buscas. Até o momento, foram contabilizados 254 mortos e 16 pessoas ainda continuam desaparecidas.

3.3 A Atuação Profissional no Ambiente da Tragédia

Os variados manuais de redação jornalística recomendam que a atuação profissional deve sempre ser a mais respeitosa e clara possível. Segundo tais obras, é necessário que se mantenha a calma e a neutralidade diante dos fatos, entre outras características, a fim de que o jornalismo possa ser praticado da melhor maneira possível. Contudo, por mais que os manuais tragam essa recomendação básica para a função do jornalismo, sabemos que isso nem sempre é possível. Com isso, surge o questionamento de como seria possível manter a neutralidade diante dos fatos? É conclusivo que é impossível que qualquer pessoa se mantenha imparcial mediante a qualquer situação, principalmente diante a uma situação de tragédia. Essa situação se encaixa como um dilema para o jornalismo e para o profissional jornalista, apresentando o ‘lado humano’ destes profissionais, que precisam tomar um cuidado para não deixar que a situação e a emoção se sobreponham aos fatos.

Lembrando o que já foi dito aqui mesmo, neste trabalho, o repórter tem o papel muito importante na apuração de conteúdos, por ser o profissional que mais se insere na narrativa, uma vez que vê, ouve e fala com todos os envolvidos. Não obstante, esse profissional precisa ser um bom observador, para captar também o que não foi dito, um silêncio, uma pausa e com isso, as oportunidades que são apresentadas durante o decorrer de uma pergunta/entrevista.

Como produtor de sensação e reflexão acerca dos fatos e de como isso será transmitido para seu público, o repórter possui grande responsabilidade. Traquina (2012) descreve que os jornalistas não só referenciam a realidade, mas são responsáveis pela propagação da notícia factual, narrando e recontando um acontecimento de variadas formas possíveis ao fazer o uso das histórias escutadas. Para ele, esses profissionais são, antes de qualquer coisa, enunciadores modernos de histórias.

Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de “histórias”, “histórias” da vida, “histórias” das estrelas, “histórias” de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refinaram as notícias, a sua principal preocupação, como “histórias”? Os jornalistas veem os acontecimentos como “histórias” e as notícias são construídas como “histórias”, como narrativas, que estão isoladas de “histórias” e narrativas passadas. [...] ecoam narrativas mais antigas que, ao longo do tempo, criaram figuras míticas sob a forma de arquétipos como o herói, o vilão ou a vítima inocente. Poder-se-ia dizer que os jornalistas são os modernos contadores de “histórias” da sociedade contemporânea, parte de uma tradição mais longa de contar “histórias”. (TRAQUINA, 2012, p. 21).

Por isso, a narrativa jornalística provém de variados significados, características de estruturas. Definindo tragédia como uma forma de desastre em escala menor, Ted White alerta para a dificuldade desse tipo de cobertura para os repórteres:

(...) costumam ser mais difíceis de cobrir que desastres em grande escala porque se tornam mais pessoais. (...) Repórteres podem chorar, e algumas vezes o fazem - sozinhos. Eles devem, no entanto, cobrir tais matérias da forma menos emocional possível e partir para a próxima. (WHITE, 2008, p. 209).

Nesse caso, o repórter ocuparia o lugar do outro, o lugar de “testemunha” muitas vezes inconsciente. Sem perceber, os jornalistas atuam como amigos, confidentes, desempenhando, além disso, um efeito terapêutico na sua fonte, pelo fato de ouvir a fala e a história destas pessoas e recontá-las.

Assim como o público receptor desse conteúdo é impactado ao receber a notícia de um fato, tais profissionais também acabam absorvendo muito da situação em que estão inseridos e vivenciando essas histórias e dramas. Do mesmo modo, conforme observado por pesquisadores ligados ao jornalismo, muitas vezes esses acabam entrando em estado “automático”, revelando, diante de situações caóticas, falta de sensibilidade ou empatia com o próximo.

Logo, é possível indagar se realmente existe a possibilidade desse profissional se preparar emocionalmente e mentalmente para os acontecimentos e experiências trágicas às quais, provavelmente, será exposto no seu ofício de trabalho.

Este trabalho quer produzir, sobretudo, uma análise que envolve a questão das interpretações que são realizadas sobre as atuações dos repórteres em matérias de fortes impactos sociais. Tais profissionais, em diversos casos, são classificados e julgados por demonstrarem, em algumas situações, falta de sensibilidade ou excessiva redundância no que diz respeito à abordagem das fontes. Nesse sentido, há casos em que são acusados de assumir um tom sensacionalista sobre o transcorrido.

Segundo o American Journalism Review (AJR), a prática profissional e a exigência de uma postura neutra ou menos emotiva durante a cobertura de tragédias podem gerar grande estresse psicológico. Em documento no qual são descritos traumas e dilemas de jornalistas que teriam contato com cenas e situações de horror...

(...) a jornalista do AJR observa que, embora tais coberturas possam criar intenso estresse psicológico, o script padrão em uma redação pede estoicismo. Admitir o abalo emocional, segundo ela, colide com a conduta equilibrada e não-passional da qual a profissão tanto se orgulha. (WHITE, 2008, p. 219).

Como já abordado, uma das coberturas de maior impacto nacional foi à relativa ao incêndio da Boate Kiss que, para muitos jornalistas que dela participaram, acabou se tornando um dos momentos mais marcantes da carreira. Entre outros profissionais, este é o caso de Flávio Ilha, Márcia Dihl, Nathália Fruet e Tulio Milman.

O depoimento dado por Márcia Dihl (2018) para o portal coletiva.net, ainda na época que atuava como produtora da TV Record, dizia: "É muito forte. Uma experiência que te muda enquanto pessoa." (DIHL, 2018). Em outra parte da entrevista fornecida por ela ao portal, Dihl contou ser impossível segurar a emoção: "Foi muito difícil. Quando viajei para Santa Maria, não sabia o que iria encontrar (...). Pedia desculpas para os familiares por ter que solicitar uma foto ou uma fala. (...) Chorei copiosamente." (DIHL, 2018).

O correspondente de O Globo, Flávio Ilha, também relatou como foi enfrentar um dos momentos mais difíceis de sua carreira: "Não tínhamos noção da dimensão e, enquanto eu me dirigia a Santa Maria, o número de mortos só aumentava. (...) Mostra a falência do nosso sistema e é muito triste para quem acompanhou o drama daquelas famílias." (ILHA, 2018).

Repórteres, cinegrafistas e âncoras colocam-se diariamente em posição de risco físico, psicológico, emocional no exercício de transmitir para a população os acontecimentos diários. Com isso, não só em situações emergenciais/desastrosas, é necessário pensar que tipo de ajuda é possível recomendar para ajudar tanto a pessoas vítimas do acontecido como também ao repórter que está absorvendo muitos detalhes e experiências daquela situação.

3.3.1 Alguns Profissionais que tiveram sua História Jornalística Escrita a Partir da Cobertura de Tragédias

Uma cobertura jornalística pode marcar e mesmo definir para sempre o futuro do profissional que a produz. Dependendo da relevância do conteúdo, do enfoque que o

profissional der e da forma como essa mensagem será distribuída e/ou recebida pelo público consumidor, ela pode alterar o andamento e o impacto do acontecimento. Alguns profissionais do jornalismo tiveram sua história (d)escrita pela notícia que cobriram.

O caso da cobertura de tragédia ocorrida em Paraty deu mais reconhecimento ao repórter Marcos Landim, da unidade de Angra dos Reis da TV Rio Sul. O repórter fez a cobertura completa da tragédia do acidente de ônibus ocorrido na estrada Paraty-Trindade (Morro do Deus me Livre), no dia 06 de setembro de 2015. A tragédia, que deixou 15 mortos e 62 feridos, foi notícia em outros programas, além dos telejornais nacionais da TV Globo.

Landim já havia atuado em outras coberturas impactantes, como no julgamento de um dos homens mais temidos de Mato Grosso, no tiroteio no carnaval em Paraty; no vazamento em um tubo do sistema de refrigeração da Usina Nuclear, na Flip e no atentado contra o prefeito de Paraty, mas só ficou conhecido ao participar da cobertura desta tragédia em rede nacional.

Outra cobertura que deu destaque a um repórter iniciante, em seu segundo ano trabalhando numa emissora da Rede Globo, em São Paulo, se refere ao incêndio do edifício Joelma, no centro de São Paulo, ocorrido em 1º de fevereiro de 1974. O incêndio, que teve início devido a um curto-circuito em um ar condicionado, foi um dos maiores da história da cidade. As chamas que se espalharam em poucos minutos pelas salas e escritórios mataram 187 pessoas queimadas e/ou asfixiadas, deixando outras 300 feridas.

A cobertura realizada por Reynaldo Cabrera foi transmitida pelo Jornal Nacional e a cena mais forte e dramática de sua reportagem foi levada ao ar pelo Jornal Hoje, mostrando a queda de um homem do último andar do prédio. Ao relembrar o episódio, o cinegrafista Reynaldo Cabrera diz:

Ele não se atirou, caiu. Calor, intoxicação, nervosismo, as pessoas simplesmente caíam. Ele caiu rente ao prédio e chegou a bater de raspão em uma escada Magirus. Quando o corpo estava para atingir o chão, eu cortei (a imagem). Eu achava que a queda tinha uma mensagem jornalística, mas o corpo depois de uma queda de 26 andares bate e explode. (GLOBO, M., 2004).

No ano seguinte, em fevereiro, Cabrera filmou o incêndio no Edifício Grande Avenida, em São Paulo e, participou no mesmo dia da cobertura da rebelião de detentos no presídio de Jacareí, junto com o repórter Carlos Nascimento e o operador de VT Carlos Alberto Bombonatte. Cabrera conseguiu registrar, em pleno tiroteio, o momento em que um policial e um presidiário foram mortos. A equipe recebeu o prêmio Vladimir Herzog de 1981 pelo trabalho.

Outro caso deu enorme destaque ao fotojornalista sul-africano Kevin Carter. A foto tirada por ele em 1993, no Sudão, enquanto se preparava para fotografar uma criança faminta que sofria de desnutrição severa na época (Kong Nyong), tentando chegar a um centro de alimentação da Organização das Nações Unidas (ONU), próximo à aldeia de Ayod, viralizou quando um abutre-de-capuz pousou atrás do garoto, conforme (FIGURA 1).

Figura 1 - Foto a criança e o abutre



Fonte: Terra sem Males (2018)

Repasada para muitos jornais ao redor do mundo, foi vendida e publicada primeiramente pelo jornal The New York Times, em 26 de março de 1993. Em 1994, a foto conquistou o Prêmio Pulitzer de Fotografia Especial.

Contudo, depois Carter foi duramente criticado por outros canais da imprensa e pela opinião pública pelo fato de não ter ajudado o menino e ter tirado a foto. Tudo isto fez com que Carter entrasse em depressão e tirasse sua própria vida.

Tais casos, além de vários outros, se encaixam como exemplos na proposta de análise e compreensão desse estudo, que consiste na fundamentação de como e em que medida uma cobertura jornalística de tragédia ou de grande destaque pode impactar emocionalmente e psicologicamente a vida e o trabalho do profissional que a produz. Além também desses casos apresentarem o dilema que os jornalistas enfrentam na produção de matérias e reportagens.

Outro acontecimento que será mais bem detalhado em outro momento deste trabalho se refere à cobertura da tragédia da TAM, em 17 de julho de 2007, que alavancou a carreira

do jornalista e apresentador Fernando Rocha. A cobertura se referia à queda do avião da TAM, acidente que deixou o maior número de mortes na história da aviação brasileira, 199 mortos.

O jornalista, que fazia no momento do acidente uma reportagem de trânsito, foi o primeiro a chegar ao local da tragédia pelo helicóptero em que estava. Assim, Fernando pôde acompanhar e fazer a cobertura do ocorrido em plantões ao vivo para o Jornal Nacional, da Rede Globo.

O voo TAM 3054 decolou de Porto Alegre com destino a São Paulo, mas, ao tentar pousar sem sucesso, atravessou a pista de pouso e se chocou com um prédio da TAM Express. A cobertura desta tragédia foi finalista do Prêmio Emmy 2008, na categoria Notícia, por realizar uma cobertura com informações e entrevistas exclusivas, além de esclarecimentos rápidos sobre o ocorrido.

3.4 O impacto emocional de jornalistas na cobertura de tragédias

O jornalismo compõe-se, a cada instante, por uma novidade. Situações imprevistas acontecem a todo momento. Nesse sentido, não é demais afirmar que os profissionais dessa área vivenciam desafios de reportagem através de diversas coberturas, incluindo a cobertura de tragédias.

A cobertura de tragédias se configura como desafio ético e técnico para o profissional da notícia. Tais episódios trágicos provocam a comoção e mobilização da imprensa local, nacional e dependendo da sua gravidade, internacional.

É nesse momento que o trabalho da imprensa ganha uma importância ainda maior. A cobertura jornalística de tragédias envolve centenas de profissionais e veículos (jornais, emissoras de rádio e TV, sites) do Brasil e do exterior e é perceptível o papel fundamental do jornalismo como mecanismo de uma sociedade democrática, em um momento em que a relevância da imprensa é muito questionada, inclusive por algumas autoridades. Como afirma Bruno Blecher, jornalista especializado em agro que participou da cobertura do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho quando era diretor de redação da revista Globo Rural, "(...) só os jornalistas e suas redações dispõem de método para realizar uma apuração eficiente dos fatos." (RURAL,G., 2019).

Assim, a partir das imagens dos fotógrafos e cinegrafistas e de relatos de repórteres, o leitor/telespectador/ouvinte acompanha o ocorrido e o trabalho de profissionais que fazem com que jornalismo possa exercer, além de sua função prioritária de informar a sociedade,

colaborar também, se o caso envolve acontecimento trágico, na tentativa de ajudar pessoas e salvar vidas.

Antes é necessário atentar para as características particulares desse tipo de cobertura, sempre tendo como foco preferencial de atenção o chamado lugar de fala do jornalista televisivo, e/ou o que se espera desse tipo de profissional em situações de coberturas de acontecimentos de grande impacto, também emocional. (COUTINHO, 2013).

Dessa forma, o repórter chegaria mesmo a ocupar um outro lugar, envolvendo-se com aspectos emocionais do fato ou situação a ser noticiada, acabando assim por se tornar um narrador dos dramas sociais.

É importantíssimo que os jornalistas tenham sensibilidade ao atuar em coberturas de tragédias. A jornalista mexicana Marcela Turati (Periodistas de a Pie³), compartilhou em uma Conferência Global de Jornalismo Investigativo, ocorrida em 2013, na PUC-RIO, suas experiências sobre o assunto. “É uma parte importante dentro da investigação falar das pessoas. Primeiro aprendemos que as vítimas são invisíveis, que elas têm o que dizer e os outros têm que escutar.” (CONFERENCE,J.I.G., 2013).

Turuti destaca a importância de estabelecer uma relação de confiança com o entrevistado e de explicar para ele a relevância social de sua história. A jornalista diz esperar o momento mais adequado para realizar a entrevista, mostrando para sua fonte as perguntas que irá fazer e os riscos que ela corre ao dar uma informação. Turuti também permite que a pessoa estabeleça quando o conteúdo será publicado.

O repórter Jeff Lowenstein (Tribune Media Group⁴) fala sobre o impacto que sente ao produzir esse tipo de cobertura. Ele sugere que uma boa e eficaz maneira para ajudar esses profissionais seria participar do programa Ochber Fellowship, oferecido pelo Dart Center for Journalism and Trauma, projeto da Universidade de Columbia (EUA).

Lowenstein conta em entrevista para a página Global Investigative Journalism Conference, a experiência lhe ajudou a refletir sobre o jornalismo investigativo, mas sob uma outra perspectiva. “Eu percebi a necessidade de integrar a reportagem investigativa mais dura, orientada por dados e documentos, com as histórias das pessoas que são complicadas, bagunçadas e emocionais.” (CONFERENCE,J.I.G., 2013).

³ PIE, Periodistas de a. Periodistas de a PIE. México, 2007. Esta organização de jornalistas ativos é fundamentada em notícias divulgadas pela sua própria página. <https://www.periodistasdeapie.org.mx/> Acesso em 18/11/2019.

⁴ GROUP, Tribune Media. Tribune Media Group. Chicago, 1847. Esta empresa foi um conglomerado de mídia dos EUA. Uma plataforma de soluções de marketing e distribuição de conteúdo. <http://www.tribunemedia.com/> Acesso em 18/11/2019.

O mediador Bruce Shapiro, diretor executivo do centro Dart Center for Journalism and Trauma, informa que o programa é indicado para repórteres experientes que querem melhorar suas habilidades em reportar situações de violência, conflito e tragédia.

Jornalistas que cobriram guerras, política local, direitos humanos ou fizeram grandes projetos investigativos no mundo todo se juntam durante essa semana. E podem conversar, falar sobre os desafios que enfrentaram, sejam eles a dificuldade de fazer uma investigação, ou mesmo questões éticas e pessoais. (CONFERENCE, J.I.G., 2013).

Os seminários realizados pelo Dart Center for Journalism and Trauma contaram com a participação de três palestrantes, jornalistas e profissionais da saúde mental, entre eles, Marcela Turati (Periodistas de a Pie), Jeff Lowenstein (Tribune Media Group) e Bruce Shapiro, diretor-executivo da Dart Center for Journalism and Trauma. Que falaram sobre os efeitos psicológicos dos traumas nas vítimas que são entrevistadas. A Conferência Global de Jornalismo Investigativo foi realizada do dia 13 ao dia 15 de outubro de 2013, na PUC-RIO, apresentando o tema: Cobertura de desastres e traumas – como fazer investigações com sensibilidade.

3.5 O Jornalista como Testemunha do Fato

Ser testemunha significa falar algo sobre determinado acontecimento, contar tudo aquilo que sabe e de que se lembra sobre o ocorrido. A prerrogativa é buscar sempre dizer sempre a verdade, contar o que e como algo aconteceu da forma mais real e acorde possível com o fato ocorrido. Neste sentido, o testemunho de um jornalista carrega muito mais do que pode ser percebido e transmitido. O profissional de jornalismo vivencia e absorve aquela situação em que está inserido.

Assim, pode-se dizer que o repórter acaba por ocupar o lugar de testemunha, tornando-se confidente de um fato, muitas vezes até inconscientemente. Novamente fazendo uma analogia com a tragédia clássica, em que o confidente é um “personagem secundário a quem os heróis revelam seus sentimentos e propósitos, para que o público deles fique inteirado.” (HOUAISS, 2001), o jornalista assume um papel na trama que se desenvolve, papel de reconstituir aquilo que testemunhou. Contudo, ao contrário daquilo que acontece na arte de Sófocles, tal representação, em vez de acessória, pode ser decisiva para a compreensão da narrativa que está sendo contada. Dando continuidade a esta linha de pensamento sobre o testemunho, é oportuno conhecer o que nos diz Sodré sobre sua definição:

Ser testemunha é assistir a um acontecimento, ter em consequência um acesso direto, imediato ao que se está produzindo. O fato de estar presente no lugar confere à testemunha direitos orais e direitos à comunicação. Histor (de onde deriva a palavra história) é como o antigo grego designava a testemunha, aquele que, por ter visto o acontecimento, investia-se o direito de narrar. (SODRÉ, 2009, p.48).

Nessa mesma linha, e conforme compreende Márcia Franz Amaral: “o direito de narrar, no jornalismo, é inicialmente do jornalista, que pode ter vivido a tragédia ‘na pele’ ou apenas tem o papel de reconstituí-la.” (AMARAL, 2011). Desse modo, tal profissional passa a ser um interlocutor, ocupando duplo lugar diante o fato. “Quem escuta é um indivíduo qualquer, tolerante e solidário, em uma dinâmica terapêutica que pressupõe a ida ao espaço público, e não o segredo.” (VAZ, 2014).

De acordo com Vaz (2014) é corajoso quem não se cala com temor do julgamento da sociedade e deixa seu medo e vergonha de lado, assumindo seu lugar de vítima, principalmente como ocorre na atualidade na comunicação que se estabelece em redes sociais. Pois um bom testemunho deve ser cheio de fatos bem descritos, oferecendo dimensão realista à narrativa. Tal exposição pública também cumpre função de se estabelecer terapêuticamente, e de “elevar a autoestima” a partir do momento em que insere o próprio jornalista em uma rede solidária (VAZ, 2014, p. 5).

Sodré (2009) argumenta que o principal dote do jornalista é a credibilidade. Trata-se, aqui, de uma espécie de tratado firmado entre o profissional de imprensa e o próprio leitor. “A credibilidade decorre muito provavelmente do lugar privilegiado que o jornalista ocupa como mediador entre a cena do acontecimento e a sociedade global: o lugar da testemunha.” (SODRÉ, 2009, p. 48).

Oportunamente, Vaz conclui dizendo que o jornalismo passou por transformações para se adequar as reconfigurações tecnológicas propostas pelas novas formas de midialidade, que apreciam o testemunho como memória do jornalismo. “Passamos de um cenário em que se privilegiava a confissão como forma de discurso autobiográfico decisiva para a constituição da subjetividade (...) para uma era de testemunhos.” (VAZ, 2014). Seguindo caminho semelhante, Laurindo (2008) denomina como autor-jornalista um relato jornalístico que contém na maioria das vezes um tom testemunhal.

O autor- jornalista é aquele que exerce a função autoral na dimensão mais adequada à epistemologia do jornalismo como expressão do conhecimento através da experiência mediada e não da experiência em si. (LAURINDO, 2008, p.64).

É característico do jornalismo que sua narração contenha um teor testemunhal, na mesma medida em que o relato deve estar inserido entre o testemunho do repórter e o testemunho das vítimas. O exemplo a seguir, retirado do artigo de Márcia Franz Amaral sobre os testemunhos em coberturas de catástrofes ambientais, traz trecho de reportagem publicada na revista *Época* e mostra como esta situação acontece na prática profissional.

Vi corpos na calçada, presos em galhos de árvores que a enxurrada trouxe, em todos os lugares, diz. Com água na cintura, andou até a casa do irmão. O 2º andar já havia sido invadido pelas águas. Não havia ninguém com vida ali. Dois dias depois, Marco Antônio estava no IML improvisado no centro de Teresópolis, reconhecendo a última das vítimas a ser de sua família a ser encontrada. Era a sobrinha mais nova, Raiane, de 6 anos. (AMARAL 2011).

Dando prosseguimento a esta linha de pensamento, o artigo de Amaral continua...

Frequentemente, em boletins ao vivo ou em textos autorais em reportagens, o repórter, mesmo não sendo vítima, nem tendo experienciado diretamente a situação traumática, assume este lugar por chegar no calor do acontecimentos, como foi o caso do repórter Diego Escosteguy na revista *Veja*, cuja capa e várias páginas foram ocupadas com um depoimento dele totalmente entre aspas: "Escrevo este relato no chão de Porto Príncipe, a cidade que acabou e agora recende a morte e sofrimento" (AMARAL, 2010).

Nesse sentido, é possível também afirmar que coberturas de catástrofes trazem consigo uma série de fatores e aspectos merecedores de atenção. Entretanto, é necessário certo cuidado na fazedura deste trabalho árduo de confiança. É o que se pretende mostrar a seguir, quando a tentativa de inserir qualidade da atuação de repórteres em matérias com tais características esbarra em questões como a falta de sensibilidade e/ou excessiva redundância de profissionais. Um exemplo está na formulação das perguntas às vítimas e em excessos cometidos pela edição, o que pode dar à cobertura aspectos sensacionalistas. E o sensacionalismo, que aparece muito atualmente nas redes sociais, pode mesmo acabar por não hierarquizar as notícias, possibilitando até mesmo o surgimento daquilo que hoje se denomina Fake News.

3.6 O Impacto da Cobertura de Tragédias no Jornalismo

A definição de impacto traz para a cena choque ou colisão de dois ou vários corpos. Ao recorrer ao Houaiss, encontra-se com um dos significados do termo “choque de dois ou vários corpos, com existência de forças relativamente grandes.” (HOUAISS, 2001). A palavra

pode se referir ainda a um encontro do tiro com o alvo ou do que foi lançado com o seu destino.

Uma cobertura pode ser tão densa e intensa a ponto de afetar fortemente o repórter. Um exemplo mais recente pode ser encontrado nos fatos que hoje são comumente chamados “tragédia do rompimento da barragem da Vale”, que aconteceu, em 25 de janeiro de 2019, na cidade mineira de Brumadinho, com notável impacto ambiental, econômico e social, capaz de chocar o País e o mundo.

O programa ‘Mais Você’, da Rede Globo, dedicou sua maior parte para trazer as últimas notícias da tragédia. Após assistir aos depoimentos das vítimas, os olhos da apresentadora Ana Maria Braga ficaram cheios de lágrimas. “Não estou fazendo o ‘jogo do contente’. A gente precisa se colocar no lugar do outro e ver que, por pior que seja a situação, somos felizes.” (BRAGA, 2019), disse a apresentadora, ao citar a necessidade de se ter empatia com todos que perderam amigos e familiares na tragédia e tiveram suas casas invadidas pela lama da barragem.

A apresentadora Sandra Annenberg, também emocionada comentou a situação: “É como você disse, Ana, é preciso ter empatia.” (ANNENBERG, 2019). A jornalista contou ainda que conhecia a pousada ao lado de Inhotim que foi devastada pelo rompimento da barragem.

O repórter Gabriel Ronan, do jornal Estado de Minas, 23 anos de idade e com apenas um ano de profissão, relembra que, quando a barragem do Fundão, em Mariana, se rompeu, ele ainda era estudante de jornalismo e tinha entrado em seu primeiro estágio. Por isso, aproximadamente três anos depois, ao cobrir o acontecimento pelo jornal Estado de Minas, ficou chocado.

A tragédia ocorrida em Brumadinho foi sua primeira grande cobertura. Ronan relata que seu primeiro contato com a lama foi no sábado, um dia depois do rompimento da barragem, na comunidade rural do Tejuco. Foi lá onde ele viu os rostos desfigurados dos primeiros corpos resgatados e conversou com pessoas que perderam tudo. Em depoimento para o próprio jornal em que trabalhava, o repórter conta que, ao lado do verdureiro Paulo Sérgio da Silva, sofreu impacto inesquecível.

(...) Ao lado dele, chorei pela primeira vez durante o trabalho. Achei que seria emoção suficiente para o dia, mas ainda haveria mais. (...) Mais que o aprendizado em uma primeira grande cobertura, adquiri ensinamentos humanos em Brumadinho. Vi, de perto, o que é uma catástrofe. Testemunhei o que o descaso de uma grande empresa como a Vale e do poder público é capaz de causar. (...) Compreendi como lidar com a tragédia de quem só tem a tristeza como certeza no futuro. Falo daqueles parentes que não deixavam, por motivo nenhum, a fachada da sede do comitê de crise em busca de informações dos seus entes queridos perdidos em meio à lama. (...) Fiquei quatro dias seguidos em Brumadinho. Perdi a conta dos textos que produzi e das situações chocantes que me foram contadas. Foi a semana mais longa da minha vida (MINAS, E., 2019).

Outro repórter do jornal Estado de Minas, Tiago Mattar, de 26 anos de idade e seis de profissão, contou que aquela foi sua primeira vez participando de uma cobertura de tragédia. “Desde os primeiros minutos em Brumadinho, ainda na tarde de sexta-feira, senti o impacto da tragédia pelo silêncio ensurdecedor no Centro da cidade.” (MINAS, E., 2019). Ainda no centro da cidade, Mattar recorda:

Nos contatos iniciais com as pessoas aglomeradas em ponte sobre o Rio Paraopeba, não ouvi outro relato que não o de mães, pais, filhos e amigos atrás de notícias. O impacto aumentou e me dei conta de que praticamente todos conheciam algum desaparecido. A demanda da cobertura era tamanha que não encontrava tempo para assimilar o tamanho daquela tragédia. Ao mesmo tempo, as histórias de Jorge, Edílson, Márcio, Maurício, Marcos e de tantos outros personagens com quem conversei na tarde daquela sexta-feira em Brumadinho martelavam na minha cabeça. Guardei os rostos de cada um deles. No meu trabalho, nunca havia tido contato com uma tristeza tão profunda. Vou guardar isso para sempre. Foi uma experiência de vida. (MINAS, E., 2019).

Renan Damasceno, também repórter do jornal Estado de Minas, 32 anos de idade e doze de profissão, recorda que mesmo quando não havia ruídos, era difícil esquecer o barulho do motor do helicóptero e a agonia das pessoas em busca de notícias de parentes e amigos.

Em cobertura de tragédias, o som do helicóptero costuma ressoar dentro da cabeça, mesmo quando tudo está em silêncio. Essa foi a sensação na primeira noite em Brumadinho depois do rompimento da barragem do Córrego do Feijão. Ouvi-los nas primeiras horas foi um duro choque de realidade. É quando cai a ficha que as centenas de corpos não são estatísticas. São centenas de histórias brutalmente interrompidas (MINAS, E., 2019).

Roberto Cabrini, apresentador e editor-chefe do Conexão Repórter, do SBT, palestrou em uma feira em São Paulo, a SET/Expo 2019. O apresentador avaliou sobre o papel da tecnologia no jornalismo e o futuro da profissão. Ele chama a atenção dos demais colegas sobre a importância desse trabalho:

Conclamo todos vocês a não perderem o olhar humano. Não permitam que a tecnologia nos torne seres mais distantes, mais arrogantes. A grande história vale com um grande aparato tecnológico ou com uma câmera lambe-lambe. A tecnologia não define uma grande cobertura, ela facilita e dá agilidade. O que define uma grande cobertura é o olhar humano. Não percam jamais de perspectiva essa necessidade que temos de estar em sintonia com o ser humano, com o cidadão comum. Em um momento de grande transformação social, de incertezas, não podemos nos afastar dos anseios dessas pessoas quando a gente faz jornalismo (EXPO, S., 2019).

É importante perceber que o jornalista, ao se “envolver” com a catástrofe relatada, e reconhecer tal envolvimento nas diversas falas citadas, acaba saindo de sua função “oficial” na narrativa e se torna fonte, simultaneamente com a população “concentrada” na tragédia. Mesmo com anos de experiência, muitas vezes é impossível que o repórter deixe de exprimir reações como ansiedade e nervosismo diante desse tipo de cobertura.

3.7 O Impacto da Cobertura de Assuntos com Violência

Finalmente, no sentido de que se possa passar à descrição metodológica e à análise das entrevistas realizadas dentro deste trabalho com profissionais que viveram intensamente a cobertura de acontecimentos impactantes ocorridos no Brasil nos últimos anos, cumpre definir como o Código de Ética do Jornalismo enxerga o trabalho com os fatos aqui mencionados.

Antes disso, é importante compreender que a cobertura policial, ou jornalismo policial, trata da especialização da profissão jornalística nos fatos criminais, judiciais, de segurança pública, do sistema penitenciário e em investigações policiais, podendo ou não utilizar técnicas de apuração do jornalismo investigativo.

Essa cobertura é mais considerada de risco (em alguns casos alto risco) para os profissionais, pelo fato da grande exposição que os mesmos sofrem em sua realização, ao terem de ir às ruas acompanhar a ocorrência. A “representação” do jornalista em coberturas de assuntos de violência requer ainda mais cuidado e atenção, pois esse tipo de assunto acaba por demandar investigação mais complexa e prolongada, em que o profissional está mais exposto a sofrer retaliações ou ameaças de policiais corruptos e de bandidos.

A imprensa tem modificado o tratamento que dá aos temas associados à violência, à criminalidade e à segurança pública. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) estabelece que “a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão.” (art.2º, inc. III). Ainda segundo o regimento, é dever do jornalista “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão.” (art. 6º, inc. VIII). Por fim, o art. 11º reforça

que o jornalista não pode divulgar informações “de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes.”.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A partir da análise de conteúdos de cunho jornalístico, o trabalho pauta-se em analisar e retratar os possíveis impactos emocionais que profissionais da área jornalística podem absorver na realização de coberturas trágicas, e também apresentar a importância da função exercida pelo jornalista como testemunha de um fato.

A partir da investigação de conteúdo teórico e histórico realizada na primeira parte desta monografia, foi, então, exposto e sistematizado um estudo sobre características e definições do jornalismo, da tragédia, da reportagem e do próprio repórter, junto a esclarecimentos sobre tais temas.

Assim, a pesquisa pode ser caracterizada como um estudo analítico, exploratório e descritivo. No próximo capítulo, será proposto um exame qualitativo do assunto a partir de entrevistas realizadas com profissionais do jornalismo, que são as principais fontes deste trabalho. Seus relatos, portanto, serão analisados com o objetivo de obter esclarecimentos acerca do problema da pesquisa.

4.1 Considerações metodológicas

Considerando a notícia como um formato para informar e reportar a respeito de um determinado assunto ou acontecimento e o jornalismo como o apurador, narrador e portador desses fatos, este estudo se configura na apresentação do jornalismo, seus campos e formatos. O trabalho se delimita inicialmente na apresentação dos conceitos do jornalismo e telejornalismo no Brasil e no mundo, explicando e apresentando as variações de uma reportagem, dos gêneros e coberturas jornalísticas de âmbito diário e inesperado/trágico. O trabalho traz também exemplos e relatos históricos de situações/ocorrências de tragédias mundiais e seus impactos. Por fim, será mencionada a atuação dos profissionais nestes casos, e a influência do processo de cobertura em suas vidas e carreiras profissionais e a atuação que a profissão e o profissional jornalista exercem como testemunha de um acontecimento.

As principais fontes utilizadas de forma a possibilitar a análise deste trabalho foram livros e pesquisas bibliográficas para conceituar os temas apresentados: jornalismo, telejornalismo, noticiabilidade, comunicação e o papel social do jornalista. Os autores que serviram de apoio são brasileiros e estrangeiros, como exemplo, Alzira Alves de Abreu, Nelson Traquina, Nilson Lage, Mauro Wolf, dentre outros, todos fundamentais para a estruturação de conceitos e aprofundamento do trabalho.

De igual modo, foram usados artigos específicos para dar base aos conceitos expostos e para enfatizar os casos e as situações jornalísticas tratadas. Trechos com referências explícitas às situações abordadas foram essenciais para exemplificar melhor os assuntos descritos ao longo dessa pesquisa.

Assim, o que se pretende é verificar, na fala dos jornalistas especialmente entrevistados para este Trabalho de Conclusão de Curso, pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, como as referências teóricas estudadas podem ser comprovadas na cobertura de fatos impactantes e de repercussão trágica na sociedade.

De igual modo, buscar-se-á compreender em que medida esse trabalho feito em situações muitas vezes extremas e catastróficas pode afetar de maneira pessoal e profissional os jornalistas que com elas se envolvem. E como a profissão jornalística e o próprio jornalista se apresentam como testemunha de um fato.

Nas entrevistas em profundidade, o instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário semiestruturado, com 13 questões iguais para todos os entrevistados. Cada entrevista foi realizada a partir do envio do questionário para os profissionais escolhidos. Permitiu-se, em função da rotina de trabalho intensa vivida por todos os entrevistados, que eles próprios definissem o modo como a resposta seria dada.

Na prática, em função deste último fator (disponibilidade precária), todas as respostas acabaram por ser dadas a partir da rede social WhatsApp. De maneira geral, esta entrevistadora fazia contato pessoal, por telefone, com a fonte. Nesta primeira conversa, tratava-se de aclarar os objetivos e os propósitos da pesquisa. Em seguida, havendo aquiescência para a entrevista, o questionário era enviado. Então, finalmente, a resposta era dada: algumas, gravadas em áudio pelo próprio aplicativo; outras, escritas e encaminhadas por correio eletrônico ou pelo WhatsApp.

A partir da conclusão das entrevistas e da obtenção dos dados, buscou-se detalhar e avaliar as informações recebidas em cada relato, entrevistado a entrevistado, de forma qualitativa, relacionando as falas com os fundamentos teóricos obtidos na fase de análise de conteúdo deste trabalho.

Importante ressaltar que este trabalho visa compreender o sentido de uma notícia e como uma tragédia é capaz de impactar e ser absorvida por cada profissional. Neste sentido, ele se difere dos demais trabalhos realizados ao apresentar o lado, a visão do jornalista ao vivenciar esses acontecimentos, analisando tal processo.

Outrossim, esta pesquisa procura ainda compreender o comportamento do jornalismo não apenas sob o ponto de vista profissional, mas também como testemunha viva do acontecimento trágico que lhe serve de fonte de trabalho.

Nesse sentido é que se pretende, finalmente, apresentar as interpretações e a carga que cada profissional carrega decorrente de investigações impactantes. A pergunta que aqui é feita e para a qual será buscada interpretação é se as investigações e apurações realizadas por um jornalista em situações trágicas são capazes de envolvê-lo, e de que maneira, na própria tragédia presenciada.

4.2 Questionário para Entrevista Qualitativa

Para estruturar a proposta do trabalho, foram escolhidos para entrevista quatro jornalistas que realizaram coberturas de tragédias em sua carreira. O primeiro profissional fonte de análise para este trabalho é Renato Franco, que trabalha como repórter na TV Rede Minas, televisão pública de Minas Gerais. Ele me foi sugerido por um colega como possível fonte e escolhido por já ter coberto situações trágicas. O profissional já cobriu variados casos e situações impactantes, como a tragédia ocorrida com a barragem de Fundão, da empresa da Vale, ocorrida em 2015, em Mariana, tragédia base escolhida para a sua entrevista.

A segunda fonte deste trabalho é Edilene Lopes, que trabalha como repórter na rádio Itatiaia. Ela também me foi sugerida como fonte e escolhida para integrar este trabalho, em razão da cobertura realizada durante a tragédia ambiental e social do rompimento da barragem Córrego do Feijão, em Brumadinho, 2019. A repórter também realizou a cobertura relativa ao rompimento da barragem de Fundão, em Bento Rodrigues, Mariana, em 2015. Mesmo sendo citadas na análise outras coberturas de tragédias cobertas pela repórter, o tema primordial da sua análise se baseia na tragédia ocorrida em Brumadinho.

O terceiro profissional entrevistado para esta pesquisa é o repórter Fernando Rocha, que atualmente integra a equipe do Pod360, comandando o podcast “Na Medida do Possível”. Tal escolha foi determinada por sua cobertura da queda do voo 3054 da TAM, maior tragédia da aviação civil brasileira, ocorrida em 2007. Este foi seu primeiro grande trabalho em fato considerado trágico. Mas recentemente, Fernando também cobriu a tragédia ocorrida em Brumadinho, situação que também é relatada por ele ao longo da entrevista.

Por último, o quarto entrevistado deste trabalho é Guilherme Belarmino, que trabalha como repórter no programa Profissão Repórter, da Rede Globo. O critério usado para sua escolha difere dos demais entrevistados. Sua escolha ocorreu durante sua participação em um

festival realizado pelo curso de Jornalismo da PUC Minas, no início do semestre de 2019, o festival JFest. Guilherme foi um dos convidados a palestrar durante o festival, discutindo o tema Transmídia. Enquanto falava sobre o assunto, Guilherme indagou algo que me chamou a atenção e condizia com a proposta do meu trabalho: a percepção dos impactos emocionais absorvidos por profissionais de jornalismo durante uma reportagem. Ele trabalha na cobertura de matérias relacionadas com os direitos humanos, coberturas policiais. Nesse sentido, achei interessante abordar uma outra perspectiva de tragédia no trabalho.

Antes de o repórter Renato Franco ser escolhido para compor o quadro de profissionais entrevistados para esse trabalho, a repórter Aline Aguiar tinha sido escolhida e anexada como fonte. O contato foi feito, as entrevistas encaminhadas, mas as respostas não foram dadas.

As entrevistas, feitas por e-mail e WhatsApp, estiveram sempre baseadas pelo questionário a seguir, feito a partir das questões iniciais deste trabalho, quais sejam:

- O emocional de um jornalista pode absorver uma cobertura/situação impactante?
- Qual o reflexo de uma cobertura de tragédia na vida do jornalista que a produz?

A seguir, o questionário base utilizado para se realizar a entrevista qualitativa com os profissionais.

Proposta de Questionário Base

1. Qual o impacto, em sua vida pessoal, do trabalho jornalístico realizado a partir de tragédias?
2. Você acredita que o jornalista tem uma responsabilidade como produtor de sensação e reflexão acerca dos fatos? Por quê?
3. Você concorda que jornalistas que cobrem tragédias precisariam de um acompanhamento psicológico, como auxílio para saber lidar com situações impactantes?
4. O jornalista, mesmo que inconscientemente, acaba por ocupar o lugar de testemunha em um fato/acometimento? Nesse sentido, como você acha que o jornalista deveria agir?
5. Em uma cobertura impactante, qual o lugar de fala do jornalista? O que você acredita que o público espera do jornalista em coberturas de acontecimentos de grande impacto?

6. Durante alguma cobertura jornalística você já passou por situações que tenham lhe causado transtornos emocionais?
7. Você conhece meios de ajuda/suporte para lidar com a cobertura de tragédias? Já precisou utilizar algum?
8. É possível manter sentimentos de empatia e sensibilidade diante de uma situação impactante? Como você faz para que isto aconteça enquanto desenvolve seu trabalho?
9. Como o profissional deve recontar falas e histórias ouvidas de pessoas que acabaram passar por uma situação impactante?
10. Você acha que, quando o jornalista aborda alguém que acabou de passar por um momento traumático, ele está fazendo com sua fonte reviva o acontecido? Como você vê e interpreta isso?
11. É possível que o jornalista escolha entre se envolver ou não na produção de narrativas impactantes?
12. Por favor, fale sobre uma reportagem impactante da qual você participou, apontando, sobretudo, como ela refletiu em sua vida pessoal e profissional?
13. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito?

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A seguir, apresentação e análise de dados foram subdivididas conforme a relação e os casos/situações tratados por cada entrevistado proposto na pesquisa. Em cada subdivisão, será tratado um acontecimento principal coberto por esse profissional. Entretanto, outros casos também serão citados, podendo até se repetir por mais de um profissional, conforme sua vivência e o conteúdo da própria entrevista.

5.1 Renato Franco e o Caso da barragem da empresa da Vale em Bento Rodrigues

Com mais de vinte anos de profissão, o repórter Renato Franco, já conquistou prêmios de jornalismo, integrou equipes em coberturas internacionais e, desde 2015, trabalha na Rede Minas, televisão pública de Minas Gerais.

Em sua entrevista, Renato aborda três pontos que podem ser considerados essenciais e, por isto, justificam seu destaque nesta análise de conteúdo: primeiro, a proposta de repensar o conceito de tragédia; segundo, quando o repórter afirma que, ao absorver um impacto em uma cobertura, é necessário dividi-lo com alguém; e terceiro, sobre se questionar quanto ao fato de, ao entrevistar uma vítima, o repórter acaba por fazer com que ela reviva o seu trauma/impacto. Por isso, Renato Franco indaga: como apurar, sem impactar a fonte?

Com relação ao primeiro ponto mencionado no parágrafo anterior, em certo momento da entrevista, o entrevistado Renato comenta a necessidade de repensar o conceito de tragédia. Como é sabido, até mesmo por ter sido aqui mesmo neste estudo mencionado, a tragédia é uma forma de drama imprevisível, caracterizada por um desastre ou catástrofe, na maioria das vezes resultando em muitas mortes ou em um impacto de grande escala.

É a este conceito que o jornalista da Rede Minas parece se referir quando acredita que aquilo que normalmente é considerado tragédia pode possuir variadas “dimensões”, já que tudo dependerá de quem a analisa o acontecimento e daquilo que se propõe a análise. É por isso que Renato Franco chama atenção para a relatividade que inerente à própria cobertura, o que se relaciona de perto com as categorias de valor-notícia propostas por Wolf (2009), já mencionadas neste trabalho.

Às vezes a dimensão de tragédia também a gente tem que discutir né? Porque uma tragédia que abarca muitas famílias, sim é uma tragédia, mas uma perda de uma família por um erro médico ou por um acidente irresponsável de alguém que tá dirigindo alcoolizado, também é uma tragédia pra aquela família entendeu?! (FRANCO, 2020).

Desta forma Franco pensa ser necessário tratar todos os dramas da mesma forma, o que deveria ser repensado quando se considera o conceito de valor-notícia de Wolf (2009).

O segundo ponto que aqui se quer destacar, também pode ser percebido aqui mesmo nesse trecho de entrevista. Vale antes mencionar que a pergunta que possibilitou tal reflexão de Renato Franco foi a terceira: – Você concorda que jornalistas que cobrem tragédias precisariam de um “acompanhamento psicológico.”, como auxílio para saber lidar com situações impactantes?

Voltando à questão, o repórter que cobriu o episódio da barragem de Bento Rodrigues opina que uma alternativa para arrefecer a grande absorção desses impactos seria dividir com colegas os dramas testemunhados. Em sua opinião, seria interessante que o profissional tivesse acesso a auxílios psicológicos, mas estes são inviáveis, principalmente em decorrência da escassez de recursos que atinge o profissional jornalista de maneira permanente.

Nesse sentido, para Renato Franco, a opção que resta ao repórter para trabalhar psicologicamente a situação impactante com a qual precisa lidar em seu trabalho deve ser buscada naquilo que se poderia mesmo chamar o ombro do “editor, com outro colega, com o fotógrafo, com o cinegrafista, tentando minimizar um pouco esse impacto e ao final, quando formos escrever a notícia, enfim, dar a ela todo... O apoio técnico com que nós fomos preparados.” (FRANCO, 2020).

O que se pode deduzir a partir desta colocação é que, não contando com o apoio da empresa em que trabalha e não possuindo recursos próprios suficientes para buscar apoio profissional de qualidade no que se refere a um atendimento psicológico, para lidar com os dramas que encontrou na cobertura, resta ao repórter dividir suas emoções com seus companheiros de profissão.

A décima questão – “você acha que, quando o jornalista aborda alguém que acabou de passar por um momento traumático, ele está fazendo com que sua fonte reviva o acontecido? Como você vê e interpreta isso?.” – foi inspirada em um pré-diálogo tido com o repórter ao expor e explicar os objetivos e o propósito desta pesquisa. No dia em questão, através de uma ligação via WhatsApp, enquanto a ideia deste trabalho era apresentada, Renato Franco, além de aceitar ser uma das fontes, expôs que o fundamento do trabalho coincidia com um pensamento que constantemente lhe assaltava. O repórter disse se preocupar com possíveis reações do entrevistado à cobertura jornalística. A questão se tratava em como o repórter, ao abordar aquele que acabou de ver sua realidade ser invadida por um drama de grandes proporções, poderia também fazer com que essa mesma pessoa revivesse o acontecido.

É exatamente este o terceiro ponto a ser destacado na entrevista concedida pelo repórter da Rede Minas. Tal questionamento, em última instância, faz com que seja possível repensar a atuação do repórter junto à fonte e como, ainda que inconscientemente, a cobertura pode causar mais impacto a ela.

Renato coloca esta situação como um dilema do trabalho jornalístico. “Nosso trabalho é ouvi-la, mas também tem essa questão pessoal.” (FRANCO, 2020), afirma, revelando o cuidado que é necessário ter em tais casos. Segundo o repórter, essas pessoas, além de estarem ajudando a contar a história, também são as personagens dela. Com isso, a necessidade de tratar a informação de maneira responsável seria ainda maior.

Como exemplo, ele cita o caso de uma matéria que realizou no início da carreira, enquanto ainda trabalhava como repórter da Band, no Rio Grande do Sul. Renato Franco foi cobrir a perda de uma criança que caiu do berço, passou pelo buraco do chão da casa da família localizada em uma das ilhas que ficava no entorno de Porto Alegre e foi levada pela enchente que acontecia, decorrente da cheia do rio Guaíba.

Ao longo da entrevista, o repórter comenta que ainda pensa nisso e recorda o impacto que isso lhe causou. “Lembro que a gente fez essa entrevista e nós a fizemos (a mãe) reviver aquele drama que ela tinha passado algumas horas antes. E depois nós demos as costas, voltamos com a matéria para montar.” (FRANCO, 2020).

Ao pontuar como é preciso pensar no outro, principalmente em casos dessa magnitude, o repórter acredita que não se deve esquecer que o outro está tremendamente fragilizado. “Nesse momento a gente fica muito impactado, triste. Chorando no carro, eu me lembro que falei com o cinegrafista: nós fomos como abutres, né, porque a gente faz a mulher sofrer novamente e depois damos as costas.” (FRANCO, 2020). Dando continuidade às lembranças deste caso, o repórter afirma que, em casos como este, não há muito o que fazer, senão “agradecer pela entrevista e se sensibilizar.” (FRANCO, 2020). Segundo ele, ao explorar o drama vivido pelo outro, o repórter corre o risco de ser sensacionalista.

O entrevistado também comenta sobre o lugar de testemunho do jornalismo. Para ele, “testemunhar é um local de privilégio.” (FRANCO, 2020), local que possibilita dar visibilidade ao drama das pessoas, reportar injustiças, cobrar que a justiça seja feita e que os acontecimentos não caiam no esquecimento. O jornalismo entra aqui, como já se viu neste trabalho – particularmente quando lembramos o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) – como dever social. É o que define um de seus primeiros artigos: “a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão.” (art.2º, inc. III).

Neste sentido, para Renato Franco é bom que o jornalista seja impactado e fique indignado, assim como os próprios cidadãos, ao exigirem respostas. Talvez seja por isso que o entendimento que este repórter da Rede Minas tem sobre sua profissão encontre eco na interação entre o jornalismo e aquela responsabilidade social invocada pelo próprio Código de Ética. “Acho que não é recontar a história, mas sim dar voz àqueles que estão testemunhando, narrando o que passaram.” (FRANCO, 2020). Em outra parte da entrevista, ele aborda tal questão da seguinte forma:

As pessoas nos veem como uma oportunidade de dar ao mundo, a uma outra comunidade, estado, país, município os poderes decisórios, uma chance de alertar sobre aquele drama que eles estão contando e vivendo. Então sai um pouco daquela realidade ali mais restrita para ganhar uma dimensão com a publicação nos jornais, nas revistas, nos sites, nas televisões. Então damos a eles uma voz, amplificamos esse drama e talvez trazendo aí ao poder público, as autoridades, o Ministério Público, a chance maior de entender esse drama e se debruçar sobre ele, talvez ajudar. Esta é a nossa responsabilidade eu vejo (FRANCO, 2020).

Uma das supostas premissas do jornalismo é a necessidade da cobertura imparcial. Este tema já foi abordado aqui mesmo neste trabalho, de forma específica ao tratar de questões inerentes à reportagem e ao repórter. Para Renato Franco, contudo, ninguém é imparcial. “Todos nós somos parciais de alguma forma, especialmente quando somos impactados por uma tragédia.” (FRANCO, 2020).

Na percepção de Franco, a tragédia é iminente e precisa ser tratada com muita responsabilidade, pois a forma como essas informações são direcionadas ao público podem causar temor e preocupação. Por isso, ele acredita na necessidade de humanizar as pautas, o que não deixa de ser uma maneira de mostrar que a parcialidade pode ser, muitas vezes, até mesmo aconselhável.

Finalmente, no que se refere à realização da cobertura da tragédia em Bento Rodrigues, da barragem de Fundão, no município de Mariana, Renato conta sobre a importante bagagem que este trabalho trouxe para sua carreira profissional:

Em Mariana nós fomos à primeira equipe a portar no local da tragédia de Bento Rodrigues com cinegrafista. Entramos lá com o helicóptero dos bombeiros, o nosso cinegrafista foi, eu cheguei depois. E assim, eu acho que esperamos muito que possamos relatar e dar visibilidade ao drama que eles viveram. Portanto de novo, é uma responsabilidade muito grande e eles esperam da gente essa coerência, essa verdade, e que a gente possa dar sempre maior visibilidade. (FRANCO, 2020).

Conforme veremos na figura a seguir, (FIGURA 2), é possível se ter uma percepção da dimensão do estrago desta tragédia através de uma imagem mostrando o antes e depois da região.



Fonte: Portal Técnico em Mineração (2015)

O rompimento da barragem, como já relatado no decorrer deste trabalho, deixou 19 mortos, mais de 600 pessoas desabrigadas e desalojadas, além de gerar graves danos ambientais e socioeconômicos para toda a Bacia do Rio Doce. A cobertura desta entrevista rendeu a Renato Franco e sua equipe um prêmio internacional, em 2016: 'Reconhecido no Prêmio Images and Voices of Hope - Cobertura Desastre Mariana'.

Figura 3- Distrito de Bento Rodrigues devastado pela lama da barragem de Fundão



Fonte: Corpo de Bombeiros/Divulgação (2015)

Figura 4- Desastre ambiental - rompimento da barragem de Fundão em Mariana



Fonte: Corpo de Bombeiros (2015)

Para Edilene, sua missão como profissional é expor omissões, injustiças e desigualdades. Segundo a repórter, o jornalista tem sim uma responsabilidade como produtor de sensação e reflexão sobre os fatos, principalmente no rádio. Ao narrar um acontecimento, ele está trabalhando uma construção discursiva com seu público e, com isso, a importância de se reportar de forma correta e adequada as notícias é permanente. “Narrar é fazer sentir”, firma Edilene Lopes (2020). Este trecho, pode-se dizer que está próximo do pensamento de Gadret (2016) sobre uma estratégia narrativa para expor emoção.

A organização da emoção no discurso depende da situação sociocultural e das circunstâncias na qual a troca comunicativa ocorre. No contrato de comunicação do jornalismo, a informação é finalidade primeira (fazer saber) e a captação do público é finalidade secundária (fazer sentir). Nesta troca, a recepção é convidada a colocar-se como espectador do mundo. (GADRET, 2016, p. 7)

Edilene acredita que outras questões são de grande importância para a realização e para o desenvolvimento do bom jornalismo em acontecimentos trágicos. “Reportar de forma fiel, com uma abordagem humanizada, que não fira e não aumente o sofrimento dos atingidos e parentes de vítimas que, além de serem fonte, também fazem parte do público, é uma tarefa delicada.” (LOPES, 2020). Tal colocação é um ponto que deve ser pensado e observado, pois as fontes também constituem o público e, dependendo da abordagem e do uso feito dos conteúdos, elas podem ser ainda mais impactadas. Em outro trecho, a repórter da Rádio Itatiaia cita a importância de uma abordagem humanizada, feita com cuidados em relação às fontes que estão sofrendo.

Não só é possível como é fundamental manter empatia e sensibilidade nessas coberturas, já que estamos tornando públicos os piores momentos da vida de pessoas que além de fontes, fazem parte do público. Esse tipo de abordagem que costumam chamar de "humanizada" (o que eu acho bizarro porque humanizado deveria ser o procedimento padrão (risos)) é parte do meu estilo, então posso dizer que é quase automático. (LOPES, 2020).

Assim como Renato Franco, Edilene concorda que, ao abordar o entrevistado para realizar a matéria, o repórter possibilita que este relembre o fato de maneira intensa. “Certamente, ao contar, a fonte revive. Por isso, antes de abordar, o jornalista deve avaliar as condições e o contexto.” (LOPES, 2020).

É possível notar vários pontos que coincidem entre a sua entrevista e a que foi analisada no subcapítulo anterior. Tanto a repórter Edilene como Franco, concordam que seria importante que os veículos ou empresas disponibilizassem auxílio psicológico a seus

funcionários. Além disso, ambos cobriram incessantemente as tragédias com as barragens de Mariana e Brumadinho, recebendo prêmios por isso.

Como proposta para não se impactar muito com as situações que vivencia, a repórter diz agir normalmente. “Mas, em geral, no cotidiano, não levo muito pra casa. É uma chave que meu cérebro, de forma sábia e misteriosa, costuma virar. Isso me ajuda muito.” (LOPES, 2020).

Ela pontua o jornalismo como fundamental para a sociedade e propõe a reflexão sobre o exercício da profissão. “Estamos sempre em formação. Nunca se esqueçam que o jornalismo é fundamental para o exercício da cidadania e para manter e aprimorar a democracia.” (LOPES, 2020).

Segundo ela, “o jornalismo é uma das profissões mais importantes do mundo. Pode salvar vidas tanto quanto a medicina.” (LOPES, 2020). Esta citação associa-se e se remete ao esboço inicial criado para este trabalho, ainda na fase de desenvolvimento de um projeto de monografia. Naquela primeira tentativa de encontrar um objeto de estudos, pensava-se comparar o jornalismo à medicina, por ambas serem profissões vitais, capazes de “salvar vidas” e, além disso, possibilitarem contato contínuo com as pessoas, suas histórias, vidas etc.

Em sua entrevista para este trabalho, Edilene Lopes relata outras situações impactantes que cobriu ao longo da carreira. Para elas, ainda que o valor-notícia segundo critérios substantivos de interesse do público – aqueles que se referem à quantidade de pessoas envolvidas e ao grau de excepcionalidade intrínseco ao fato – sejam distintos, a cobertura de “grandes” tragédias se iguala à de “pequenas”. Pelo menos do ponto de vista emocional.

É por isso que, segundo a repórter de rádio, acidentes frequentes causados por um erro de engenharia de via e tráfego que provocavam mortes na descida do Anel Rodoviário de Belo Horizonte nas proximidades do bairro Betânia lhe arrancavam lágrimas do mesmo modo que as monumentais tragédias de Bento Rodrigues e Brumadinho.

Em todos eles, houve omissão e falha do poder público que contribuíram para as ocorrências, significa que, em tese, todos poderiam ter sido evitados se os representantes da população tivessem agido conforme prevê a lei. (LOPES, 2020).

Quando ocorreu a tragédia da barragem localizada em Mariana, Edilene Lopes foi enviada ao local com a roupa do corpo, e permaneceu na região do acontecimento por dez dias seguidos. Depois, relata, voltava para casa apenas uma única vez por semana a cada três meses. Esta agenda de trabalho intensa, por si só, é bastante para oferecer uma ideia do grau

de envolvimento da repórter, de forma intensa, com pessoas e situações, numa entrega permanente ao trabalho que fazia.

Eu só tomei banho e dormi 30 horas depois que cheguei lá. E ao ver as pessoas perdendo absolutamente tudo, desde entes queridos até os documentos, os remédios controlados, o dinheiro do pão (...) eu voltei com a percepção mais viva de que de uma hora pra outra tudo pode mudar. (LOPES, 2020).

Ela revela que, até a ruptura da barragem do Fundão, não possuía consciência dos efeitos que coberturas de acontecimentos considerados trágicos tinham em si mesma. A partir de Mariana isso mudou. Desde então, Edilene diz se emocionar toda vez que fala sobre Mariana e Brumadinho, como na própria entrevista que deu para este Trabalho de Conclusão de Curso.

Com certeza, mexeu com o meu psicológico mais do que eu consigo identificar ou descrever. Como certamente foi com os Bombeiros e muitos e muitos outros profissionais e voluntários que trabalharam nos pós- desastres, como os moradores de Brumadinho que trabalharam na identificação dos corpos de parentes e amigos no pré IML improvisado. [...] Ao palestrar ao lado de outros jornalistas que participaram da cobertura e Bombeiros que participaram dessas operações partilhamos inúmeras vezes à ideia de que nenhum de nós sabe ao certo o quanto fomos emocionalmente atingidos ou alterados, fato é que ninguém sai o mesmo do trabalho no pós-tragédias como essas. E todo nosso sofrimento não passa nem perto do das famílias (LOPES, 2020).

Figura 6- Antes e Depois – Tragédia em Brumadinho



Fonte: Rádio Progresso (2019)

Lopes avança se referindo à mudança do comportamento do jornalista não apenas como testemunha, mas como narrador e participante de fatos importantes da história, um ponto a mais para agregar a esta análise. São ações que, de acordo com ela, vêm antes do profissional, referentes a valores e deveres impostos pela ética. “Nossas equipes, por exemplo,

pararam a cobertura diversas vezes pra ajudar. Eu, por exemplo, avalio que não é um caso de escolha.” (LOPES, 2020).

Depois de Bento Rodrigues, ao cobrir a ruptura da barragem localizada no Córrego do Feijão, em Brumadinho, a repórter relata que se sentia engasgada. Ela chegava à rádio para trabalhar quando sua chefe a informou sobre o ocorrido. Imediatamente, segundo ela própria, foi tomada por perplexidade, espanto, incredulidade. Pouco tempo depois, Edilene relata que entrou no carro da emissora e rumou para o local da tragédia. Durante o percurso, tentava descobrir por meio das autoridades com as quais fazia contato a dimensão real da tragédia.

A repórter Amanda Antunes foi pela entrada de Córrego do Feijão e eu pela entrada principal da cidade. Quando cheguei à placa de Brumadinho, vi um carro da PM parado, a entrada da cidade já estava fechada, eu cheguei na janela do passageiro, perguntei pro oficial a situação. Ele desceu, me chamou de lado e falou: "Não é informação oficial, mas estive lá. O restaurante tava lotado. Capacidade pra no mínimo 200 pessoas. Desapareceu na lama". Foi quando eu tive a real dimensão da tragédia e foi a primeira vez que noticiamos um número aproximado na rádio (LOPES, 2020).

Figura 7: Momento em que a barragem da Vale em Brumadinho (MG) se rompeu em janeiro de 2019



Fonte: Reprodução / TV Globo (2019)

Edilene só retornou para casa nove dias depois. Considerando todos os aspectos característicos desta entrevista, foi possível observar a intensidade de seu envolvimento

nessas coberturas. Segundo ela, envolver-se em narrativas com essas vai “além das regras do jornalismo e características de cada veículo, da bagagem e do estilo de cada repórter.” (LOPES, 2020). Edilene afirma haver uma escolha de abordagem, desenvolvida “no trabalho cotidiano, onde o olhar do repórter se molda, de acordo com o que ele vê no dia a dia da profissão e com tudo que ele já viu.” (LOPES, 2020).

Contudo, a repórter da rádio Itatiaia, conclui sua entrevista mudando de assunto. Numa guinada inesperada, Edilene sai da cobertura e chega àquilo que está antes dela: as condições de trabalho do jornalista. Para ela, é preciso que os novos jornalistas que estão entrando no mercado “ludem por seus direitos e pela valorização profissional.” (LOPES, 2020).

É como se a repórter percebesse que, naquelas coberturas às quais se entregou, a tragédia poderia ser encontrada antes, durante e depois dos fatos; em cada um dos trabalhadores que, a partir dos acontecimentos, se tornavam protagonistas, atrás e na frente dos microfones. Para Edilene Lopes, no final desta entrevista, o mais importante para se fazer uma boa cobertura era seguir as “regras do velho e bom jornalismo.” (LOPES, 2020), mantendo sempre a ética e veracidade dos fatos.

Figura 8: Equipe resgata vítima, com auxílio de helicóptero, após rompimento da barragem em Brumadinho.



Fonte: Pedro Ladeira/Folhapress (2019)

5.3 Fernando Rocha e o Voo 3165 da TAM

A análise a seguir diz respeito ao trabalho realizado pelo jornalista Fernando Rocha. Com carreira intensa e variada não apenas no jornalismo, mas sempre em atividades ligadas à Comunicação Social, Fernando trabalhou na Rádio 107 FM, na TV Minas, na TV Bandeirantes e na TV Globo, todas em Belo Horizonte. Já na Rede Globo, foi transferido para Recife (PE) e, depois, para São Paulo (SP).

Neste seu último emprego, antes de se tornar conhecido apresentador do programa Bem Estar, levado ao ar de segunda a sexta-feira nas manhãs da Rede Globo, ele começou como repórter esportivo, tornou-se editor de esportes e, em seguida, apresentador.

Mas foi como repórter diário de uma editoria que poderia ser chamada “Geral”, de acordo com a definição de José Marques de Melo (1992) mencionada aqui mesmo neste trabalho, que Fernando teve a oportunidade de cobrir um dos mais graves acidentes aéreos ocorridos no Brasil: a queda do avião da TAM, em julho de 2007. É esta tragédia que servirá de base para a análise a seguir.

Para o repórter, a cobertura de um fato requer cuidados decisivos, como compreender a estrutura da narrativa da notícia e o porquê dos fatos, trabalhar seus próprios sentimentos durante uma cobertura trágica, ser profissionalmente responsável ao direcionar o impacto da notícia, cuidar para que a emoção não se sobreponha à razão.

Fernando Rocha não acredita que o jornalista necessite de acompanhamento psicológico para cobrir, ou depois de cobrir, um fato catastrófico. Inicialmente, ele diz não perceber diferenças entre o impacto causado por uma tragédia na vida de um profissional da comunicação e na de uma pessoa comum, o público.

Eu acho que a gente (jornalista) é muito suscetível a essas tragédias. Como a própria população é. Acho que a gente não fica fora do lugar comum que todo mundo tem de impacto, né. O impacto que todo mundo sente. Eu não conseguiria separar a vida do jornalista da vida de uma pessoa que está acompanhando os fatos. (ROCHA, 2020).

Segundo Fernando, a diferença é que o jornalista tem de “contar a história” independentemente das circunstâncias, aprendendo a “lidar e administrar” os sentimentos. Por lidar com tais circunstâncias, e acordo com Rocha, o profissional precisa, ao mesmo tempo, ser imparcial no relato da notícia, sem deixar de contar toda a história de forma envolvente. “Então esse papel eu acho que o jornalista deve ter. Agir com essa indignação (...) como cidadão sensível, na percepção mesmo do fato.” (ROCHA, 2020).

Talvez seja por pensar deste modo que Fernando Rocha acredite que o jornalismo possui uma função social bastante importante. “Principalmente quando ele (o jornalista) entende a estrutura da notícia e o porquê dos fatos.” (ROCHA, 2020). De acordo como ele, ao acompanhar tragédias, o jornalista atua como produtor de sensação e reflexão dando “ênfase a coisas que também podem produzir reflexão em quem acompanha a notícia também.” (ROCHA, 2020).

Outro ponto importante levantado por ele é a influência que o jornalista tem em poder orientar o rumo daquela situação “A tristeza de uma cidade inteira, a comoção nacional. Mas ali, naquele epicentro da emoção, você pode direcionar o rumo deste se emocionar, né?!.” (ROCHA, 2020), afirma, referindo-se à participação programa Bem Estar na cobertura da tragédia de Brumadinho. Para Fernando Rocha, o jornalista tem responsabilidade no que se refere à forma como o público receberá e analisará o fato ocorrido.

Diferente dos jornalistas entrevistados anteriormente, Fernando acredita que o jornalista não necessita de acompanhamento psicológico por cobrir situações impactantes. Para ele, se for pensar de forma analítica, todos os profissionais precisam deste auxílio, principalmente os que exercem profissões de risco.

[...] Já fiz também reportagens em lugares perigosos, você sabe desse risco. Então, a gente precisava até de ganhar mais por causa disso. Então, a gente precisa de muito mais coisas além do psicológico, do acompanhamento psicológico. Eu não queira ser exclusivo, não queria ter essa, eu acho que o jornalista não precisa dessa exclusividade. Têm muito mais coisas além desse acompanhamento psicológico (ROCHA, 2020).

Em sua concepção, “a vida causa mais transtornos emocionais do que uma situação de cobertura jornalística.” (ROCHA, 2020). O jornalista, segundo ele, acaba criando uma defesa, uma “casca dura” para enfrentar tais situações. “Eu já fiquei muito triste e depois fui criando uma defesa para enfrentar essa miséria humana, não só de acidentes, mas da própria vida mesmo.” (ROCHA, 2020). Ele conclui que um bom profissional entende o porquê de estar ali e, justamente por isso, tem consciência dos problemas, conseguindo diferenciar situações.

não são situações de catástrofe que vão causar esses transtornos emocionais, mas a própria vida do jornalista, que muitas vezes é insalubre, que muitas vezes é prejudicada por falta de um trabalho mais decente, bem remunerado, com apoio. Isso sim causa transtorno. (ROCHA, 2020).

Como Renato Franco e Edilene Lopes, Rocha diz que a grande mídia não disponibiliza a seus funcionários acesso a suportes de ajuda. “Nunca me ofereceram nenhuma ajuda ou

suporte para lidar com essas coberturas. Enfim, é isso: vamos lá, se vira, vamos fazer e se não tiver bom outra pessoa vai.” (ROCHA, 2020). Entretanto, quando indagado se gostaria de utilizar tais benefícios se lhes fossem oferecidos, o repórter diz que sim.

Como já foi dito aqui mesmo neste Trabalho de Conclusão de Curso, para realizar uma boa cobertura/matéria jornalística é fundamental que o jornalista assuma seu próprio local de fala, de informante, apurando e explicando da forma mais clara possível para seu público o que ocorreu e como aquilo aconteceu. “O que você acredita que o público espera do jornalista é exatamente a curiosidade que uma pessoa comum poderia ter em uma situação como aquela.” (ROCHA, 2020). Além disso, Fernando enfatiza outro ponto crucial sobre os detalhes essenciais para a construção da notícia:

(...) todos esses detalhes são importantes para que quem está acompanhando possa ter uma ideia do todo que o jornalista tem. O jornalista já fez um juiz de valor, o jornalista já entendeu o que que está acontecendo, mas ele não pode explicar de forma informal pra todo mundo, inclusive nem pode dar opinião dele. Essa opinião surge nesses detalhes que ele escolhe pra elencar uma reportagem. (ROCHA, 2020).

Para Fernando, outra preocupação que deve fazer parte do dia a dia do jornalista diz respeito a como não deixar que os sentimentos se excedam durante uma cobertura. Como lidar com pessoas em situações em que elas estão sofrendo e perderam tudo? Em Brumadinho, “era impossível não se impactar, não sentir essa dor também.” (ROCHA, 2020).

(...) Eu ficava preocupado em não ficar emotivo demais e fazer com que essa emoção ficasse sobreposta nas informações, informações práticas. (...) Tem muita informação, se a gente não se atentar, ela fica... tampada, nublada só pela emoção e eu pelo menos tive muito esse cuidado. (ROCHA, 2020).

Segundo o jornalista, o sentimento de empatia, de sensibilidade, está o tempo inteiro no processo de observação, percepção, no “olhar de curiosidade”, que também expressa compaixão, afeto pelo próximo, que vivenciou aquilo e que está sofrendo. “Um olhar também de abraçar, de acolhimento e de empatia. Porque você percebe: - Puxa, que dor é essa?.” (ROCHA, 2020).

“Essa emoção precisa estar viva.” (ROCHA, 2020). Com esta frase, é possível perceber e se ter uma ideia de como se espera que o jornalista relate o ocorrido, segundo Fernando. Para ele, a representação é bastante importante em tais situações, principalmente para criar, desenvolver e fomentar o que está sendo informado.

Fernando discorre sobre um dos papéis do profissional em situações impactantes: dar voz aos que querem e precisam falar. Segundo ele, todos têm uma história, algo para dizer.

“Você era um jornalista. Mas você era um ouvinte, você era só o canal de interlocução de uma pessoa que estava precisando falar, desabafar e muitas vezes, não raro, precisava de um abraço, precisava de um carinho, de um afeto.” (ROCHA, 2020).

Para Fernando Rocha, as pessoas querem falar. Principalmente em situações de grande impacto, por confiar e aguardar que estes profissionais e o veículo jornalístico possam ajudá-las a conseguir justiça. Estas pessoas “não são só fontes.” (ROCHA, 2020), mas cidadãos que pedem e esperam por respostas.

Em relação ao acidente da TAM, em 2007, que deixou o maior número de mortes da história da aviação brasileira, transformando-se no maior acidente da aviação civil do Brasil, o repórter conta que, na hora do acontecimento, fazia uma reportagem sobre o trânsito nas proximidades do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo (SP). Por isto, foi o primeiro a chegar ao local, pelo alto, com o helicóptero da Rede Globo. Inicialmente, acreditou tratar-se de uma batida de caminhão. Fernando Rocha descreve o que aconteceu como “trágico e irreal”, um dos momentos mais marcantes de sua vida.

Parece absurdo para falar. O avião saiu da pista, atravessou a Washington Luís, que é a maior avenida de ligação do norte com o sul da cidade de São Paulo. E o que tem do outro lado é um hangar, um prédio da TAM. Ele estava totalmente em chamas. O que estava do lado de fora parecia uma placa, um outdoor da TAM, mas era a cauda do avião. O que tinha pro lado de dentro era o avião inteiro. O que estava em chamas, pegando fogo era o avião todo. (ROCHA, 2020).

Fernando Rocha conta que não teve um jornalista que não tem conhecimento de qualquer jornalista que tivesse presenciado a situação e não tivesse sido impactado naquele momento. Segundo ele, a emoção estava em tudo, o tempo inteiro.

(...) porque não é uma tragédia que acontece todo dia. (...) Então não tem como não se emocionar, não levar para casa, não voltar e no dia seguinte entender e querer saber. Então, ali é um caso muito atípico, ali é um caso de marcar para sempre, de marcar e ficar o tempo inteiro, o tempo inteiro falando: Puxa vida, eu estive ali!(...) É muito próximo, é diferente. Tanto eu quanto meus colegas que foram cobrir, as pessoas que cobriram, colegas de jornal, de rádio, todos, todos. Porque você fica lá... Eu passei dias e dias depois fazendo a cobertura. (ROCHA, 2020).

O desdobramento deste fato foi enorme. “Eu achava que era um acidente de trânsito, eu tinha as limitações por estar no Globocop⁵. E, estando no Globocop, tinha poucas informações, porque só tinha as informações visuais.” (ROCHA, 2020). As coberturas vale

⁵ Globocop é como são chamados os helicópteros utilizados por repórteres da Rede Globo na cobertura dos acontecimentos.

informar, duraram aproximadamente setenta dias. Rocha recorda que, quando tudo aconteceu, imediatamente entrou ao vivo no Jornal Nacional.

(...) Narrar isso, poucos instantes depois de ter acontecido, foi assim de pura emoção, foi muito forte. Eu não conseguia nem falar direito, porque era surreal o que eu estava descrevendo. (...) Foi uma noite que não terminava nunca. Era já no início da tarde. Eu fiquei até o jornal da Globo terminar. Fiquei entrando e voltando. Aí, entrei no Jornal Nacional, entrei na programação. Foi um absurdo, conectando com o pessoal. Reportagem por terra entra link, chamadas, tudo direto. (ROCHA, 2020).

Fernando Rocha continuou fazendo matérias pelo Globocop, vendo a marca na grama da tentativa de freada do avião no aeroporto de Congonhas, que ficou durante muitos anos cravada naquele lugar, segundo relata. O jornalista também revela que o acidente da TAM foi extremamente importante no sentido de lhe exigir esforço e “musculatura profissional” para entender como a vida pode ser, de um momento para o outro, transformada, como a profissão muda seus rumos. “Um segundo e tudo muda. Um segundo você tá ali pronto pra cobrir o maior acidente da aviação civil de todos os tempos, é você que vai fazer. Então você tem que tá preparado o tempo todo, né. Então isso que muda.” (ROCHA, 2020).

Figura 9: Bombeiros no local do acidente



Fonte: Agência Brasil/Arquivo (2017)

Segundo o jornalista, existe uma responsabilidade intrínseca do jornalista no que se refere a seu dever de informar, passar a situação para o público. “Fui o primeiro a dizer que o

avião caiu. Mas ele não havia apenas caído. Tinha explodido um outro prédio. Era uma situação absurda.” (ROCHA, 2020).

Ao lembrar o acontecimento Fernando Rocha também se refere ao fato de que todos temem dar uma informação errada. Então, segundo ele, é necessário ter coragem para dizer a sua verdade, o que está vendo, interpretando a situação: as pessoas saem engrandecidas, fortalecidas ao atravessar essas grandes coberturas. “Tanto é que pessoas escrevem livros sobre isso, escrevem relatos. E saem, apesar de tudo, melhores do que entraram.” (ROCHA, 2020).

Figura 10: Informativo sobre o acidente da TAM



Fonte: AFP/GETTY (2017)

O profissional também cobriu, como aqui mesmo já foi dito, a tragédia com a empresa da Vale ocorrida em Brumadinho, conduzindo por duas semanas as reportagens para o programa que comandava nas manhãs da Rede Globo, Bem Estar. Ele conhecia a região, já teve um sítio na cidade, era um “lugar familiar, um lugar de casa, o lugar das minhas referências.” (ROCHA, 2020).

O apresentador ficou uma semana em Brumadinho, acompanhando as buscas e vivendo o dia a dia da cidade, a rotina. Segundo conta, tomado por profunda tristeza, uma vez que sempre esteve ligado com a cidade. Ele narra que a chegada ao lugar, naqueles dias, era impactante. Já na entrada havia faixas dizendo “orem por Brumadinho, respeitem a nossa dor,

vamos encontrar o culpado por nossas lágrimas.” (ROCHA, 2020). De acordo com Rocha, era justamente isto que ele tentou priorizar ao planejar a cobertura que faria. Mostrar a própria dor.

Então, eu conduzia justamente pra essa dor, porque eu gostaria que a dor que as pessoas sentissem causasse essa indignação de perguntar: - Por que isso aconteceu? Quem fez com que isso acontecesse? Eu estava lá com os bombeiros, cavando no meio da lama, procurando segmentos de corpos, nem era o corpo inteiro, porque já não tinha mais como achar sobreviventes. E ali eu deixava bem claro: - Olha, a gente está numa área de estacionamento, as pessoas estavam aqui, tem cinco metros de lama aqui em cima e lá embaixo tem carros, tem trator, tem escavadeira. Tudo foi pra debaixo da lama, e em questão de segundos. (ROCHA, 2020).

O jornalista cita situações fortes da sua reportagem ao acompanhar a população sem rumo, perdida sem conseguir ficar em casa após o que havia acontecido, a perda dos amigos, de gente da família, pessoas completamente atônitas “O olhar de luto estava na cidade inteira, não existia como passar despercebido.” (ROCHA, 2020). Fernando prossegue narrando que, no hotel onde estava, encontravam-se também vários sobreviventes que haviam perdido suas casas. A empresa Vale pagava quarto de hotéis para todos eles. Por isso, para Rocha, era impossível não se impactar com toda aquela situação, não sentir aquela dor.

A partir de coberturas como as do acidente com avião da TAM, que fez com que ele crescesse profissionalmente na Rede Globo, e da ruptura da barragem de Brumadinho, que antecedeu sua demissão da emissora – dois marcos decisivos em sua vida – Fernando Rocha adquiriu uma certeza no que diz respeito ao jornalismo: “É preciso transferir para a sociedade o que foi visto e sentido, uma entrevista é uma aula sobre determinado assunto, você está aprendendo todos os dias, tendo uma lição.” (ROCHA, 2020).

5.4 Guilherme Belarmino e a Cobertura Policial

Finalmente, esta última análise se refere à entrevista realizada com o repórter Guilherme Belarmino, do programa televisivo Profissão Repórter, da emissora Rede Globo. Suas opiniões se intercalam por diversos momentos com as expostas pelos outros entrevistados. Além disso, Belarmino também se refere a outros aspectos, como a espetacularização da tragédia e o sentimento de revitimização sofrido pelas vítimas, sem deixar de questionar sobre se a interpretação e a produção de um fato realizada pelo jornalismo é capaz de modificar a visão do receptor.

Guilherme começa falando sobre o esforço dos jornalistas para obter visibilidade na carreira. Para ele, este é um impacto pessoal que vários jornalistas sofrem ao longo dos primeiros anos de profissão, mesmo quando não trabalham diretamente com tragédias. “É natural ou pelo menos comum que você deixe sua vida pessoal de lado para poder se destacar profissionalmente.” (BELARMINO, 2020). A existência dessa ruptura, por mais que pareça um problema menor, segundo ele causa um impacto maior em longo prazo, ao se analisar o quão afastado o jornalista estará da sua família e da sua base emocional.

Eu tenho amigos jornalistas, jornalistas conhecidos inclusive, que trabalham há vinte, trinta anos como repórteres, alguns até mais, quarenta anos. E aí só nesse momento da carreira, com pessoas que são extremamente bem sucedidas, é que a gente consegue enxergar, como esse impacto de distanciamento da família acaba atrapalhando a vida pessoal da pessoa e acaba gerando impactos até na vida dos filhos. (BELARMINO, 2020).

O repórter comenta sobre essa escolha colocada implicitamente para o jornalista ao longo da carreira, ao ter que decidir sobre abdicar da sua vida pessoal para obter reconhecimento profissional. E como muitos profissionais enxergam, a cobertura de um acontecimento trágico também é uma grande oportunidade para a própria carreira. “Oferece visibilidade, mas muitas vezes não cobra do jornalista um senso crítico no que ele está fazendo.” (BELARMINO, 2020).

O repórter também se refere à importância de se analisar a forma como as coberturas de tragédias no Brasil são espetacularizadas pelos veículos de comunicação e como a instrumentalização dessas tragédias é um fato que merece reflexão por parte de todos os envolvidos.

(...) até que ponto as pessoas hoje consomem o jornalismo como entretenimento, mais do que uma experiência audiovisual que realmente tente retratar o que acontece e os fatos? (...) O jornalismo é um instrumento e o jornalista acaba sendo um instrumento para criar empatia, mas acho que faz parte da nossa profissão, isso não é novo de maneira nenhuma, isso é uma questão histórica de um dilema histórico jornalista de tentar retratar o que acontece com as pessoas ali. (BELARMINO, 2020).

Ele também apoia a ideia de que os jornalistas, principalmente os que trabalham na rua, deveriam ter acesso à profissionais da área psicológica disponibilizados por seu local empregador. “Não só para mensurar e assimilar melhor o impacto psicológico das coberturas jornalísticas das quais participam, mas também para mitigar os efeitos psicológicos que suas reportagens causam nos entrevistados e nos telespectadores.” (BELARMINO, 2020).

Conforme o jornalista, e os demais entrevistados deste trabalho, na falta de possibilidade de tratamento especializado, o profissional cria certos mecanismos de defesa para se proteger e ser menos afetado por aquilo que vê e registra durante o trabalho. Guilherme Belarmino acredita ainda que as redações não estão preparadas para lidar com esses efeitos psicológicos, principalmente quando o que está em pauta são coberturas de tragédias e violações de direitos humanos.

Ao conversar com amigos que fazem terapia ou acompanhamento psicológico, percebi que as questões que eles buscam resolver são mais de ordem pessoal e/ou relacionadas às incertezas do mercado de trabalho do que propriamente geradas por traumas adquiridos durante o fazer jornalístico. Quando falo sobre a carreira, vale destacar que, de maneira geral, nós, jornalistas, estamos mais submetidos a pressões internas do que externas. Até os profissionais que nunca cobriram nem cobrirão uma tragédia se preocupam - e muito - com prazos apertadíssimos, problemas hierárquicos, concorrência, exatidão da informação etc. (BELARMINO, 2020).

Nesse sentido, Guilherme lembra também que é necessário perceber a cobertura a partir do próprio profissional de jornalismo, da forma como ele encara a tragédia, como ele percebe a instrumentalização dos acontecimentos para a obtenção de sucesso na carreira. Mas isso não deve significar nunca que os fatos não devam ser tratados da maneira mais fiel possível, embora a história possa ser contextualizada através da empatia e de uma abordagem humanizada.

Acho que tentar retratar de uma maneira fidedigna o que acontece ali de acordo com o contexto. Porque isso acontece também historicamente. A violência e essas tragédias são tão seletivas no Brasil e isso pode causar um impacto maior na população. E de alguma maneira, tentar explicar para a população que por se tratar de fatos, opiniões, ideologias, elas não podem definir o norte das nossas coberturas (BELARMINO, 2020).

Mais adiante, ele aborda outro ponto muito importante no que diz respeito à percepção e a forma com que o jornalismo é capaz de transmitir o conteúdo ao público. Além de perceber o que as pessoas esperam dos jornalistas nessas grandes coberturas, ele conta que a atuação do jornalismo também molda a expectativa das pessoas em relação a um fato. Como Renato Franco, Guilherme também acredita que é necessário manter certa cautela com fontes que passaram por situações de violência e tragédia, para que elas não revivam o que aconteceu durante uma entrevista.

Falando sobre seu trabalho, ele diz que a equipe do programa Profissão Repórter desenvolve uma característica de análise interessante. Quando viaja para cobrir assuntos que envolvem violação de direitos humanos, procura entrevistar pessoas que já falaram muitas

vezes com a imprensa. Além de perguntar sobre o ocorrido, Belarmino diz gostar de conversar com tais pessoas para saber como elas foram tratadas pela imprensa até aquele momento.

Segundo ele, nesses casos as pessoas relatam, até mesmo após vários dias do fato decorrido, sentirem-se vitimizadas pela imprensa que, de alguma maneira, foi a responsável por fazê-las reviver o que aconteceu. Mas Guilherme também acredita que, não raro, gente que passa por violência ou alguma situação impactante quer contar seu ponto de vista sobre o ocorrido. Então, para ele, é justamente daí que vem a necessidade de o profissional de jornalismo realizar seu trabalho “sem revitimizar essas pessoas, sem causar um impacto psicológico ainda maior na vida delas?” (BELARMINO, 2020).

Na concepção de Guilherme Belarmino, as pessoas podem ser impactadas de diversas formas após o acontecimento do fato. Durante a entrevista com o jornalista é uma delas. E também, para ele a principal, a partir da forma como o material colhido pelo repórter será tratado pela equipe técnica do veículo, como aquele conteúdo será levado ao ar. “Acho que o jornalista sofre o impacto sim, mas ele também causa um impacto muito forte nas vítimas com quem conversa.” (BELARMINO, 2020).

Guilherme, que já foi vítima de racismo e já sofreu ameaças de morte por coberturas realizadas, relata a “impotência” (palavra segundo ele também usada por seus colegas jornalistas para descrever violações de direitos humanos sofridas durante o trabalho), ao perceber que não há nada a fazer para mudar aquela situação. Trata-se de questões complexas e latentes, com raízes no próprio processo civilizatório nacional. “O falso e tênue equilíbrio racial brasileiro tinha sido quebrado mais uma vez, já que eu tinha sido vítima de uma agressão que, apesar de frequente, o país não está acostumado, nem disposto, a discutir, denunciar e combater - muito menos em rede nacional.” (BELARMINO, 2020).

Na fala de Guilherme, uma das palavras mais utilizadas foi “empatia”. O conceito de empatia está além de simplesmente compreender emocionalmente o outro, mas de “fazer conexões inesperadas, sair da forma usual de pensar e falar se preciso, superar barreiras (preconceitos, estereótipos etc.).” (KRZNARIC, 2018). Assim, de acordo com Krznaric (2018), a empatia cria bons relacionamentos, indispensáveis para as necessidades e habilidades de um grupo, tornando-se peça chave para o sucesso em qualquer ambiente de trabalho.

No que diz respeito a como o profissional deve proceder em coberturas delicadas, Guilherme acredita que a empatia é capaz de definir não apenas a relação que se estabelece com a fonte, mas também o nível de envolvimento e o quanto aquele jornalista será impactado

por determinada situação. Mas não se deve nunca perder de vista que o sofrimento tem origem, e que tal origem é o fato que aconteceu afetando, em primeiro lugar, as fontes que conversam com o repórter.

Conheço muitos jornalistas que têm um trabalho diferenciado em relação às vítimas, que realmente conversam com estas pessoas, que de alguma maneira sentem o drama destas pessoas, que continuam em contato com elas depois. E esses jornalistas são os que mais sentem impacto psicológico do meu ponto de vista. Os jornalistas que mais sentem para falar sobre quão machucados eles estão das coberturas são os que mais ouvem as pessoas, são os que mais se envolvem com elas. (...) Porque não importa quanto sofrimento você esteja passando ao longo da cobertura, o seu sofrimento, do meu ponto de vista, não é comparável com o da pessoa que passa por aquilo. Então se como jornalista você tem um impacto psicológico em uma cobertura, as pessoas que você retrata com certeza terão um impacto maior. E eu acho que entender isso é importante na hora de analisar psicologicamente os problemas psicológicos que os jornalistas têm também (BELARMINO, 2020).

O jornalista percebe e de certa forma entende que a população espera empatia dele. Mas, de acordo com Belarmino, empatia é uma questão pessoal e todo jornalista tem alguma responsabilidade sobre o impacto psicológico ao conversar ou entrevistar uma pessoa que está em situação de vulnerabilidade. Talvez seja por isso que, para Guilherme Belarmino, seja impossível para o jornalista contar com a hipótese de não se envolver, de não se emocionar na cobertura de narrativas impactantes.

Para mim, o maior impacto na minha vida pessoal depois de tantos anos fazendo jornalismo é perceber que nós estamos em um oceano de problemas e a gente só consegue fazer uma ou duas ou três matérias de uma maneira totalmente seletiva. De uma maneira geral, também pensando nas grandes tragédias, o que me aflige é isso, o drama individual de cada uma dessas pessoas. Eu vejo que a imprensa transforma, em alguns momentos, as grandes tragédias em um espetáculo, e isso acaba diminuindo o drama individual daquelas pessoas. (BELARMINO, 2020).

De acordo com o repórter, é inegável que o jornalismo contribua para tornar a realidade um pouco melhor. Mas, acredita, que tal contribuição não atinge a todos e não causa uma grande mudança social. “É difícil imaginar o Brasil sem as denúncias jornalísticas de vários veículos de comunicação, mas também não dá para ignorar o fato de que é muito difícil mudar a nossa sociedade” (BELARMINO, 2020). É que, entre o fato e a notícia, está a fonte, ser humano que deveria ser sempre protagonista.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse estudo, conforme já salientado, é tentar perceber os impactos emocionais que uma cobertura de tragédia pode ocasionar aos profissionais de jornalismo e entender a construção da profissão jornalística e do próprio jornalista como testemunha de um acontecimento. O trabalho apresenta os relatos das experiências das pessoas e dos entrevistados mediante uma tragédia. Ao estudar este tema foi possível perceber a importância da profissão jornalística e desta atividade para a sociedade e para o próprio profissional.

Como afirma um dos entrevistados nesta pesquisa, o jornalismo está entre as profissões mais essenciais do mundo, assim como a medicina. É possível fazer uma análise de ambas como profissões antigas, de grande responsabilidade social, ética e moral. Ambas possibilitam ao profissional que as exerce um contato contínuo com histórias e vidas das pessoas, além do fato de que esta e aquela salvam vidas. Uma porque busca a cura; outra porque disponibiliza a informação e persegue a verdade.

Outro aspecto importante levantado nesta pesquisa é explicar que a tragédia pode possuir variadas dimensões, podendo se tratar de situações de impacto social grande, mundial ou ser um acontecimento para uma ou número restrito de pessoas. O trabalho buscou apresentar também sobre o conceito do jornalismo e o trauma e representar o trauma no jornalismo.

Nesse mesmo sentido, outra discussão se refere à representação, espetacularização da tragédia e o valor da notícia nos meios midiáticos. Como se sabe, a interpretação e produção de um fato realizadas pelo jornalismo podem mesmo modificar a visão do receptor.

Com todos os dados colhidos nesta pesquisa, foi possível observar que os profissionais entrevistados consideram que todas as pessoas, não apenas os jornalistas estão propensas a serem impactadas por acontecimentos, principalmente por coberturas de fatos trágicos. Segundo suas percepções, o impacto é algo inevitável. Todavia, há diferenças na maneira como cada um absorverá aquilo.

De acordo com Renato, Edilene, Fernando e Guilherme, o jornalista, por acompanhar constantemente tais situações, acaba criando uma defesa para não ser tão impactado, mas isso não quer dizer que ele não sofra e sinta sobre o ocorrido. Por estar no exercício da sua profissão, o jornalista compreende a estrutura da narrativa da notícia coberta e o porquê daquele acontecimento, trabalhando seus próprios sentimentos durante uma cobertura ancora na tragédia.

Mas é necessário sempre cuidado, para que a emoção não ultrapasse o fio tênue que a separa da razão e do zelo profissional. Assim, pode-se dizer como segunda linha que o trabalho busca apresentar que o papel do jornalista como narrador, testemunha, ouvinte, espectador, participante da história é essencial. O testemunho se apresenta extremamente importante como lugar de construção da memória, representando o tempo presente daquele fato. E deve ser feito com todos os cuidados possíveis, de maneira que a entrega, da qual, na maior parte das vezes, é impossível escapar, conviva ao lado da busca permanente da estabilidade emocional. Porque, como disseram os entrevistados, este envolvimento implacável, muitas vezes inconsciente, irá, de alguma forma, repercutir em longo prazo na vida do jornalista.

Já as pessoas, como se viu, podem ser impactadas de diversas formas após o acontecimento. Segundo os profissionais entrevistados para este trabalho, é preciso entender que aquela pessoa não é somente fonte daquele acontecimento. Ela também é sua receptora. Além de ajudarem a contar a história, elas também são as personagens. Então, a vítima, que já está frágil e sofre, pode ser impactada pela situação tal qual é abordada pela imprensa, e por como aquele conteúdo será editado e veiculado.

Conforme alguns dos entrevistados, em diversas situações em que trabalharam as fontes expunham seu sentimento de revitimização, porque sofriam ao serem abordadas pelos profissionais. E logo lhe surgiam o questionamento: “Como apurar e abordar estas pessoas sem impactá-las mais do que elas já estão impactadas?”. (FRANCO, 2020).

De acordo com a pesquisa feita, é impossível que as fontes não sejam impactadas, pois, ao abordar determinada pessoa, de alguma forma a própria situação já está sendo revivida. Mas a maneira como tais fontes são tratadas pode fazer com que elas não sofram tanto, mais uma vez. Por isso, todos os ouvidos destacam na ideia de um jornalismo humanizado, capaz de olhar para a fonte com interesse que vá além dos critérios midiáticos mais absolutos.

Partindo da concepção de que vivemos atualmente em uma modernidade líquida, ou seja, composta por relações frágeis, e que tudo muda a todo o momento, é então que se revela o perfil do jornalista ético e profissional – aquele que possui uma visão crítica dos fatos e sabe que, muitas vezes, qualquer fim não pode justificar meios infames. Jornalismo é relação de respeito, credibilidade e confiança entre as partes, e isso deve ser sempre considerado.

Finalmente, este Trabalho de Conclusão de Curso pode concluir que a comunicação e o fazer jornalístico são ações e técnicas estruturadas em camadas, que se revelam na apuração

e na narrativa. E, como diz uma entrevistada, “narrar é fazer sentir” (LOPES, 2020). Arte de escutar o próximo, de se colocar no lugar do outro, de buscar a empatia.

Nesse sentido, o repórter age como narrador dos dramas sociais de outras pessoas, tornando-se, sempre, profissionalmente responsável por aquilo que relata e por como isso se propaga. Daí a necessidade absoluta de zelar cuidadosamente pelas histórias contadas. São histórias de pessoas, de gente que vive permanentemente a tragédia implacável de ser humano.

Devido aos quesitos duplos primordiais do trabalho e por se tratar de temas de repercussão pertinente, em se analisar os impactos emocionais de uma cobertura de tragédia em profissionais de jornalismo e entender o forte valor de testemunho que uma situação e a profissão jornalística acabam construindo para o jornalista, esse trabalho poderá ser aproveitado e aprofundado mais adiante em desenvolvimentos pós-acadêmicos a fim de explorar mais sobre estes assuntos, e que talvez, poderão se anexar a outros pontos, como por exemplo, explorar outros tipos de impactos, não só emocionais, investigar sobre como eles são abordados em outras histórias e contextos, dentre outros.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. **Jornalismo Cidadão**. Revista Estudos Históricos. Uma publicação do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da Escola de Ciências Sociais (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas (FGV).
- AMARAL, Márcia Franz. **Os testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais**. Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2017/09/1921726-ha-37-anos-secao-trouxe-a-noticia-do-homem-que-mordeu-o-cachorro.shtml>> Acesso em 10/05/2020.
- BBC. **Voo JJ 3054**: as lições da maior tragédia da aviação brasileira. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40539541>> Acesso em: 01/06/2020.
- BELARMINO, Guilherme. Entrevista concedida a Byanca Bráulia Soares Madureira. Belo Horizonte, Brasil, 14 de março. 2020. Transcrita no Apêndice “D” desta monografia.
- BILL, Bruna Greicy. **Catarse midiática**: a tragédia no jornalismo pós-moderno. Universidade Tuiuti do Paraná, 2010.
- BLECHER, Bruno. **Para que serve o jornalismo**. Globo Rural. Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/Colunas/bruno-blecher/noticia/2019/01/para-que-serve-o-jornalismo.html>> Acesso em: 25/11/2019.
- BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- CAMPOS, Joyce Neves de. **Ação, destino e deliberação na tragédia grega e na Ética aristotélica**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). 81f. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- CHAPARRO, Carlos. **Internet é aliada, não inimiga**. Disponível em: <www.comunique-se.com.br>. Acesso em: 22/04/2020.
- COLETIVA.NET. **Jornalistas se emocionam ao relembrar cobertura do incêndio da Boate Kiss** Disponível em: <<https://www.coletiva.net/jornalismo/jornalistas-se-emocionam-ao-relembrar-cobertura-do-incendio-da-boate-kiss,234375.jhtml>> Acesso em: 18/10/2019.
- CONFERENCE, Global Investigativ Journalism. **Sensibilidade é fundamental na cobertura de tragédias, defende jornalistas**. Disponível em: <<https://br.gijc2013.org/2013/10/14/sensibilidade-e-fundamental-na-cobertura-de-tragedias-defende-jornalistas/>> Acesso em: 26/05/2020.
- COUTINHO, Iluska. **A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias**: o olhar do jornalista como testemunha do fato que denuncia. Estudos em Jornalismo e Mídia, UFJF - Vol. 10 Nº 2, 2013.

DIA, Hoje em. **Desastre de Mariana é reconhecido como primeiro crime ambiental com violação de direitos humanos.** Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/desastre-de-mariana-%C3%A9-reconhecido-como-primeiro-crime-ambiental-com-viola%C3%A7%C3%A3o-de-direitos-humanos-1.762521>> Acesso em: 01/06/2020.

DITADURA, Memória de. **Cassação da TV Tupi.** Disponível em: <<http://memoriasdeditadura.org.br/eventos-marcantes-na-tv/cassacao-da-tv-tupi/>> Acesso em: 23/10/2019.

ESCOLA, Info. **Gêneros Jornalísticos.** Disponível em: <<https://www.infoescola.com/jornalismo/generos-jornalisticos/>> Acesso em: 10/10/2019.

EXPO, Set. **Jornalistas narram bastidores da tragédia ambiental de Brumadinho;** Roberto Cabrini faz reflexão sobre tecnologia e futuro do jornalismo. Disponível em: <<http://www.set.org.br/events/setexpo/set-expo-2019-press/jornalistas-narram-bastidores-da-tragedia-ambiental-de-brumadinho-roberto-cabrini-faz-reflexao-sobre-tecnologia-e-futuro-do-jornalismo/>> Acesso em: 14/11/2019.

FAERMANN, Patricia. **Como o jornalismo é engolido nas grandes tragédias, por Leonardo Sakamoto.** Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/midia/como-o-jornalismo-e-engolido-nas-grandes-tragedias-por-leonardo-sakamoto/>> Acesso em: 23/10/2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> Acesso em: 15/11/2019.

FELIX, Fernanda. **Conheça o perfil do novo jornalista no mercado atual.** Disponível em: <<http://academiadojornalista.com.br/marketing-pessoal/perfil-do-novo-jornalista/>> Acesso: 19/10/2019.

FRANCO, Renato. Entrevista concedida a Byanca Bráulia Soares Madureira. Belo Horizonte, Brasil, 05 de março. 2020. Transcrita no Apêndice “A” desta monografia.

FREITAS, Olivia B. **Conferência Global de Jornalismo Investigativo: Sensibilidade é fundamental na cobertura de tragédias, defende jornalistas.** Disponível em: <<https://br.gijc2013.org/2013/10/14/sensibilidade-e-fundamental-na-cobertura-de-tragedias-defende-jornalistas/>> Acesso em: 18/11/2019.

GADRET, Débora Lapa. **A emoção no jornalismo e a organização do enquadramento:** as qualidades estéticas e a organização do enquadramento. Trabalho acadêmico (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143019/000995945.pdf?sequence=1>> Acesso em: 25/05/2020.

GLOBO, Memória. **Incêndio no Edifício Joelma.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/incendio-no-joelma/incendio-no-joelma-imagem-forte.htm>> Acesso em: 24/10/2019.

GLOBO, O. **Polícia confirma detonação de explosivos em barragem de Brumadinho antes de tragédia.** Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/policia-confirma-detonacao-de-explosivos-em-barragem-de-brumadinho-antes-de-tragedia-23762356>> Acesso em: 01/06/2020.

GROUP, Tribune Media. **Tribune Media Group.** Chicago, 1847. Disponível em <<http://www.tribunemedia.com/>> Acesso em 18/11/2019.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

IMPrensa, Observatório da. **Afinal, o que é jornalismo?** Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/ed719-afinal-o-que-e-jornalismo/>> Acesso em: 09/10/2019.

IMPrensa, Observatório da. **Desafios do jornalismo na era digital.** Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/desafios-do-jornalismo-na-era-digital/>> Acesso em: 24/05/2020.

INTER, ABI. **História do jornalismo.** Disponível em: <<http://abiinter.com/sala-de-imprensa/21-historia-do-jornalismo>> Acesso em: 09/10/2019.

JAWSNICKER, Claudia. O futuro dos jornais: reflexões a partir da reconfiguração da esfera pública na contemporaneidade. Revista Comunicologia, Ano 2, n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.ucb.br/comsocial/comunicologia/00101001_data/Ofuturodosjornaid.htm> Acesso em: 19/04/2020.

JORNALISMO, Fundamentos do. **10º Lição = Estudando: Telejornalismo.** Disponível em: <<http://fundamentosdojornalismo.blogspot.com/p/telejornalismo-telejornalismo-e-pratica.html>> Acesso em: 09/10/2019.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia.** Petrópolis, Vozes, 1979.

LAGE, Nilson. **Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas.** Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6080>> Acesso em: 10/10/2019.

LAURINDO, Rosemeri. **Jornalismo em três dimensões - singular, particular e universal.** Blumenau, EDIFURB, 2008.

LIMA, Fernando Barbosa. **Televisão e vídeo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

LOPES, Edilene. Entrevista concedida a Byanca Bráulia Soares Madureira. Belo Horizonte, Brasil, 13 de março. 2020. Transcrita no Apêndice “B” desta monografia.

MALES, Terra sem. **Dia do Fotógrafo: Kevin Carter, o abutre e a criança.** Disponível em: <<https://www.terrasem males.com.br/dia-do-fotografo-kevin-carter-o-abutre-e-a-crianca/>> Acesso em: 01/06/2020.

MARCELO, Carlos. **Estado de Minas: Repórteres e fotógrafos do EM contam o que vivenciaram durante a cobertura da tragédia de Brumadinho.** Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/02/24/interna_gerais,1033228/reporteres-e-fotografos-do-em-contam-o-que-vivenciaram-durante-a-cober.shtml> Acesso em: 15/11/2019.

MELO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Faculdade Santa Amélia SECAL. Paraná, 2000.

MELO, Jaciara. **Telejornalismo no Brasil**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (Bocc), 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>> Acesso em 10/03/2019.

MELO, José Marques (org.) et ali. **Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística**: um estudo do jornal Folha de São Paulo. São Paulo: Universidade Metodista. 1998. Trabalho apresentado no 21º Intercom, Recife, 1998.

MINAS, Estado de. **Veja o antes e depois da região onde se rompeu a barragem em Brumadinho, Grande BH**. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/25/interna_gerais,1024498/antes-e-depois-da-regiao-onde-se-rompeu-a-barragem-em-brumadinho.shtml> Acesso em: 02/06/2020.

MINERAÇÃO, Técnico em. **Prováveis causas do rompimento da barragem de rejeitos em Mariana/MG**. Disponível em: <<https://tecnicoemineracao.com.br/causas-do-rompimento-da-barragem-de-rejeito-em-mariana/>> Acesso em: 01/06/2020.

MOTA, Luiz Gonzaga. **O Trabalho Simbólico da Notícia**. Trabalho acadêmico (Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação) – XII Reunião Anual da COMPOS – Recife, Pernambuco, 2002.

OLIVEIRA, Rayane Cristina de. **O conceito de Fake news no ambiente digital**: um estudo de caso. Centro Universitário Toledo, Araçatuba, 2018. Disponível em: <<https://servicos.unitoledo.br/repositorio/bitstream/7574/2137/1/RAYANE%20CRISTINA%20DE%20OLIVEIRA%20-%20MONOGRAFIA.pdf>> Acesso em: 10/05/2020.

PAULO, Folha de S. **Desastres fazem bombeiros de MG virarem referência em socorro**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/desastres-fazem-bombeiros-de-mg-virarem-referencia-em-socorro.shtml>> Acesso em: 01/06/2020.

PIE, Periodistas de a. **Periodistas de a PIE**. México, 2007. Disponível em: <<https://www.periodistasdeapie.org.mx/>> Acesso em 18/11/2019.

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global**: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e o europeu. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-telejornalismo-ameicano-europeu.html>> Acesso em: 20/10/2019.

PROGRESSO, Rádio. **Trágedia!** Mais uma barragem se rompe em Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.radioprogresso.com.br/tragedia-mais-uma-barragem-se-rompe-em-minas-gerais/>> Acesso em: 01/06/2020.

PÚBLICA, Comunicação. **História do Jornalismo no Brasil**. Grupo de pesquisa em Comunicação Pública da Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <<https://comunicacaopublicaufes.wordpress.com/2012/02/10/historia-do-jornalismo-no-brasil/>> Acesso em: 10/05/2020.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.20-25, Jan-Jul, 2014.

ROCHA, Fernando. Entrevista concedida a Byanca Bráulia Soares Madureira. Belo Horizonte, Brasil 12 de março. 2020. Transcrita no Apêndice “B” desta monografia.

ROMANCINI, R; LAGO, C. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

RURAL, Globo. **Para que serve o jornalismo**. Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/Colunas/bruno-blecher/noticia/2019/01/para-que-serve-o-jornalismo.html>> Acesso em: 19/11/2019.

SALVADOR, Alexandre. **Mãe de ídolo da Chapecoense conforta repórter do SporTV no ar**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/esporte/mae-de-idolo-da-chapecoense-conforta-reporter-do-sportv-no-ar/>> Acesso em: 25/10/2019.

SAMARCO. **Rompimento da barragem de Fundão**. Disponível em: <<https://www.samarco.com/rompimento-da-barragem-de-fundao/>> Acesso em: 01/06/2020.

SANTOS, Volnei Edson dos. **O Trágico e seus rastros**. Londrina: Editora UEL, 2002.

SARMENTO, L. L.; TUFANO, D. **Português: literatura, gramática, produção de texto -1**. ed. – São Paulo: Moderna, 2010.

S. PAULO, O ESTADO DE. **Ana Maria Braga se emociona ao falar de Brumadinho: ‘É preciso se colocar no lugar do outro’**. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,ana-maria-braga-se-emociona-ao-falar-de-brumadinho-e-preciso-se-colocar-no-lugar-do-outro,70002698956>> Acesso em: 15/11/2019.

SECOM, **Manual de Comunicação da Integração**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/fundamentos-e-diretrizes/diretrizes/integracao>> Acesso em: 25/10/2019.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato – notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2009.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 107 pp.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 3° ed. Florianópolis: Insular, 2012. vol. I.

TRAUMA, Dart Center for Journalism and. **Dart Center for Journalism and Trauma**. Columbia, 1991. Disponível em: <<https://dartcenter.org/>> Acesso em 18/11/2019.

UFOP |reportagem e entrevista, #tecer. **Coberturas Jornalísticas**. Disponível em: <<https://www.jornalismo.ufop.br/tecer/?p=1556>> Acesso em: 24/10/2019.

VAZ, P.; SANTOS, A. & ANDRADE. P. H. **Testemunho e Subjetividade Contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência**: Revista Lumina, Juiz de Fora, v. 8, p. 1-33, 2014.

VITÓRIA, Folha. **A mudança dos Meios de Comunicação.** Disponível em: <<https://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/05/2018/-conexao-faesa2105--a-mudanca-dos-meios-de-comunicacao>> Acesso em: 07/05/2020.

WHITE, Ted. **Jornalismo eletrônico:** redação, reportagem e produção. 4a. Ed. São Paulo: Roca, 2008.

WIKIPEDIA, Enciclopédia Livre. **Jornalismo.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo#cite_note-25> Acesso em: 09/10/2019.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

WOLF, Mauro; FIGUEIREDO, M. J. V. de. **Teorias da comunicação.** 10. ed. [s. l.]: Presença, 2009. ISBN 9789722314404.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

REVISTA CITADAS

VEJA, Edição 2149, 23/01/2010.

APÊNDICE A – Transcrição da entrevista realizada com Renato Franco

1 - Qual o impacto, em sua vida pessoal, do trabalho jornalístico realizado a partir de tragédias?

Bom, eu acho que sempre há um impacto na vida do repórter, do jornalista, porque isso está na humanidade do nosso ofício né?! Então, claro que nós sempre somos sempre impactados quando acompanhamos tragédias aonde temos que reportar as situações. E a ideia é sempre tentar trazer isso (a informação) da forma mais verdadeira. Mas todos nós somos impactados naturalmente porque ninguém fica isento a uma tragédia e isso também faz parte do nosso trabalho. Acho que isso ajuda a nos mover, impactar, provocar, retratar, reportar essas tragédias para que elas não se repitam.

Então também temos que ser impactados, é bom que sejamos impactados, porque assim isso irá nos trazer uma condição de indignação diante desses erros, dessas tragédias, seja, cobrando quem é o responsável, tentando apurar as culpas e as responsabilidades, apontando os caminhos para que a justiça enfim seja feita. Esse é o nosso papel e certamente somos sim impactados pessoalmente por essas tragédias. A ideia é sempre tentar distanciar este impacto pessoal do nosso ofício, do nosso trabalho, publicando essa notícia da forma mais isenta e responsável possível.

2 - Você acredita que o jornalista tem uma responsabilidade como produtor de sensação e reflexão acerca dos fatos? Por quê?

Sim, eu acho que isso é muito importante da gente tratar e temos a ciência dessa responsabilidade, porque temos o compromisso com a verdade. Eu até percebo às vezes, em algumas reportagens que nós estamos acompanhando, aqui no dia a dia, a falta de ciência de alguns colegas sobre a responsabilidade da informação. Por exemplo, quando estamos tratando do Coronavírus, alguns repórteres tentam transformar essa notícia em uma manchete mais fácil, provocando o entrevistado para falar sobre uma avalanche de casos, de que a tragédia é iminente.

Mas nós temos que tratar com muita responsabilidade essas informações, porque isso causa um temor e uma preocupação demasiada ao público que nos lê, nos assiste, nos ouve. Então o importante é sempre ter o compromisso com a verdade, isenção, zelo, tato no trato, para evitar uma sensação de segurança que não é proporcional à informação. Então nós temos que ter sempre a coerência pra informar da melhor forma possível.

3 - Você concorda que jornalistas que cobrem tragédias precisariam de um “acompanhamento psicológico”, como auxílio para saber lidar com situações impactantes?

Acho que seria interessante, mas nós sabemos que a realidade é inviável, não podemos contar com isso. As redações estão cada vez mais enxutas, com poucos jornalistas, quem dirá então disponibilizar apoio e acompanhamento psicológico. O que eu recomendo talvez em casos onde nós somos impactados, como por exemplo, as tragédias que eu cobri: Mariana, Brumadinho e outras tantas lá no sul, é que às vezes a dimensão de tragédia também tem que ser discutida né? Porque uma tragédia que abarca muitas famílias, sim, é uma tragédia, mas uma perda de uma família por um erro médico ou por um acidente irresponsável de alguém que está dirigindo alcoolizado também é uma tragédia para aquela família entendeu?!

Então a gente tem que tratar todos esses dramas da mesma forma quando formos pautados sobre ele. Voltando à questão, eu acho que a gente deveria para tentar diminuir esse impacto, dividir com os colegas esses dramas que a gente testemunha para não sofrermos tanto. Para mim, o acompanhamento psicológico talvez seja dividir todo esse drama com o editor, com outro colega, com o fotógrafo, com o cinegrafista, tentando minimizar um pouco esse impacto e ao final, quando formos escrever a notícia, enfim, dar a ela todo... O apoio técnico com que nós fomos preparados. Mas talvez seja esta então a resposta: dividir com os colegas o que a gente vê e o que a gente vive, para que não sejamos tão impactados pessoalmente.

4 - O jornalista, mesmo que inconscientemente, acaba por ocupar o lugar de “testemunha” em um fato/acontecimento? Nesse sentido, como você acha que o jornalista deveria agir?

Eu acho que sempre agimos informando sobre aquela situação e de novo entra o compromisso com a verdade, a responsabilidade. Testemunhar é um local de privilégio, então nós temos que agir com muito senso de compromisso para que a informação chegue da melhor forma possível. Somos testemunhas sim e acho que devemos nos lembrar sempre de que fomos preparados na academia para sermos uma testemunha que analisa, observa e reporta da melhor forma possível. Por isso a importância do jornalismo profissional né?! Não daquela aventura dos blogs de quem registra e simplesmente publica. Nós somos analíticos, do ponto de vista de testemunhar algumas situações e, portanto, devemos ter crivo e senso para informar e relatar da melhor forma possível.

5 - Em uma cobertura impactante, qual o lugar de fala do jornalista? O que você acredita que o público espera do jornalista em coberturas de acontecimentos de grande impacto?

Espera a verdade, coerência, respeito, compromisso. De novo, eu acho que a gente está em um momento privilegiado quando chega a esses locais. Por exemplo, em Mariana nós fomos à primeira equipe a portar no local da tragédia de Bento Rodrigues com cinegrafista. Entramos lá com o helicóptero dos bombeiros, o nosso cinegrafista foi, eu cheguei depois. E assim, eu acho que esperamos muito que possamos relatar e dar visibilidade ao drama que eles viveram. Portanto de novo, é uma responsabilidade muito grande e eles esperam da gente essa coerência, essa verdade, e que a gente possa dar sempre maior visibilidade ao caso.

Acho que quando chegamos a uma cobertura e isso que eu acho muito valioso dessa nossa profissão, as pessoas nos veem como uma oportunidade de dar ao mundo, a uma outra comunidade, estado, país, município os poderes decisórios, uma chance de alertar sobre aquele drama que eles estão contando e vivendo. Então sai um pouco daquela realidade ali mais restrita para ganhar uma dimensão com a publicação nos jornais, nas revistas, nos sites, nas televisões. Então damos a eles uma voz, amplificamos esse drama e talvez trazendo aí ao poder público, as autoridades, o Ministério Público, a chance maior de entender esse drama e se debruçar sobre ele, talvez ajudar. Esta é a nossa responsabilidade eu vejo.

6 - Durante alguma cobertura jornalística você já passou por situações que tenham lhe causado transtornos emocionais?

Eu me lembro de um episódio até hoje, isso foi acho que no final da década de 90, eu era repórter na Band, lá no Rio Grande do Sul, repórter de TV. E no início da carreira fomos cobrir uma enchente muito grande lá nas ilhas que ficam no entorno de Porto Alegre, que é magiado pelo rio Guaíba. E nessas ilhas viviam muitas famílias pobres, inclusive vivendo em casas de madeira, algumas com palafitas. E em uma dessas cheias do rio Guaíba, uma família que nós fomos cobrir tinha uma casa/casbre muito pobre de madeira com buracos no chão da casa. E uma criança, um dos filhos dessa família, acabou caindo do berço e foi embora por esse buraco. Infelizmente a criança morreu claro, ela se perdeu, mas depois foi encontrada.

Mas a gente encontrou nessa cobertura a mãe dessa criança, e eu me lembro com se fosse hoje, a gente gravando com ela e ela relatando esse drama vivido da perda da criança sumindo no buraco da casa pela cheia e lembro que a gente fez essa entrevista e nós a fizemos reviver aquele drama que ela tinha passado algumas horas antes. E depois nós demos as costas, voltamos com a matéria para montar. Mas eu fiquei pensando: a gente fez aquela

mulher reviver todo aquele drama novamente, demos as costas e fomos embora. Nesse momento a gente fica muito impactado, triste. Chorando no carro, eu me lembro que falei com o cinegrafista: nós fomos como abutres, né, porque a gente faz a mulher sofrer novamente e depois damos as costas.

Então eu acho que temos que ter muito esse cuidado, de fazer com que as pessoas revivam aquela tragédia novamente, pois depois que cumprimos a nossa pauta e temos a notícia, o relato emocionante; vamos embora, mas aquela pessoa continua ali, fragilizada né. Esse é um pouco de um dilema né, o nosso trabalho é ouvi-la, mas também tem essa questão pessoal e isso me impactou muito, essa situação dessa família que perdeu essa criança e de como ao confrontar essa mãe, ao ouvi-la nós a fizemos sofrer novamente. Até hoje eu penso muito nisso.

7 - Você conhece meios de ajuda/suporte para lidar com a cobertura de tragédias? Já precisou utilizar algum?

Não, na verdade nunca precisei. Mas seria interessante talvez, eu acho que algumas empresas quando o profissional pede esse suporte ao se sentir fragilizado por fazer essas coberturas, essas tragédias, esses dramas; ao pedir um apoio das empresas, eu acredito que elas devam talvez libera-lo, dar uma folga, uma licença. Existem várias possibilidades aí e talvez alguma delas seja um psicológico, isso talvez seja interessante. Talvez em casos mais graves né, como coberturas de guerras, essas coisas.

Mas em casos de tragédia a gente também fica um pouco até ‘calejado’, assim como os policiais, os bombeiros também ficam. Mas isso não significa que ficamos menos humanos, a gente cria uma espécie de barreira psicológica principalmente ao apurar informação e levantar os dados, porque é tudo muito na correria, ficamos na adrenalina também de fechar a matéria e trazer a informação. Isso nos tira um pouco do foco emocional da tragédia, porque nós temos a questão técnica a ser resolvida: trazer a informação com apuro científico para reportar da melhor forma possível nos veículos. Então, acho que depois que a gente ‘senta poeira’, talvez fiquemos pensando em como aquilo é sério, grave, e como ficarão aquelas famílias. Mas no momento da realização ficamos muito focados no trabalho e só depois eu acho que sentimos de fato como aquela situação ali afetou as vítimas e também um pouco em parte a gente.

8 - É possível manter sentimentos de empatia e sensibilidade diante de uma situação impactante? Como você faz para que isto aconteça enquanto desenvolve seu trabalho?

Eu acho que temos que ter isso sempre né?! Sensibilidade principalmente, diante a causa, a situação daqueles mais fragilizados ou vulneráveis, diante da tragédia. E bom, a empatia está junto dessa situação. Eu acho que isso também move um pouco a reportagem, porque quando queremos mostrar algo, dar luz à tragédia vivida, seja no cotidiano doméstico ou mesmo em grandes tragédias, queremos tentar mostrar que ali aconteceu uma injustiça ou que as pessoas precisam de alguma forma de apoio, seja do poder público ou de quem causou aquela tragédia. Então a empatia sempre é importante, ter sensibilidade para que a gente possa desenvolver um trabalho sempre do ponto de vista de um olhar mais humano àquela situação.

9 - Como o profissional deve recontar falas e histórias ouvidas de pessoas que acabaram passar por uma situação impactante?

Eu acho que a melhor forma é construir a fala baseada na história de cada um, ouvindo e apurando da melhor forma possível e sempre tentando fazer com que as pessoas tenham voz, seja por um depoimento de rádio, de TV. Ser o mais fidedigno aquilo que elas estão relatando. Como dito na resposta passada, agir por meio da empatia, sensibilidade e credibilidade diante aquilo que as pessoas estão falando, porque elas viveram aquilo. Então acho que não é recontar a história, mas sim dar voz àqueles que estão testemunhando, narrando o que passaram. Tentando ser nesse caso o mais isento possível, isento no ponto de vista de passar a informação ou do que está sendo narrado. Sinceramente a gente levanta as informações: de onde é, parentesco, porque ele estava ali e, enfim, em seguida ele contará à situação que viveu, eu acho que é mais nesse sentido.

10 - Você acha que, quando o jornalista aborda alguém que acabou de passar por um momento traumático, ele está fazendo com sua fonte reviva o acontecido? Como você vê e interpreta isso?

Nesta outra questão, você toca exatamente naquela parte que eu respondi daquele caso da criança na ilha, que morreu; você está fazendo com que fonte reviva o acontecido. Como você vê e interpreta isso? Realmente a gente faz com que a pessoa reviva aquilo e feito isso, não podemos fazer muito mais do que talvez agradecer pela entrevista e se sensibilizar. Mas é uma parte muito difícil, tanto é que, por exemplo, eu não gosto de cobrir enterros, velórios, porque essa situação é muito difícil.

Alguns veículos, eu tenho a sorte de não está em nenhum deles, explora muito essa vulnerabilidade, indo a enterros, acompanhando muitas tragédias, de uma forma até um ‘pouco superficial’ e também injusta; ou como vou dizer, explorando mesmo esse drama

vivido pelo outro. De forma sensacionalista. Acho que essa é a palavra mais certa. Então temos que ter muito esse cuidado com o drama alheio, porque essas pessoas estão só nos ajudando a contar aquela história, eles são os personagens dessa história; então temos que ter muita responsabilidade ao tratar essa informação.

11 - É possível que o jornalista escolha entre se envolver ou não na produção de narrativas impactantes?

Sobre o jornalista escolher entre se envolver ou não na produção de narrativas?! Quando ele é pautado para uma matéria ele já está envolvido. Então se ele está envolvido, ele tem que se envolver da melhor forma e fazer a melhor narrativa possível desse impacto para as famílias ou comunidade. Mas enfim quando estamos pautados ou somos eleitos, por exemplo, pela chefia ou por quem quer que seja do veículo que faremos aquela cobertura, o envolvimento já está ali, e aí, talvez seja bem provável que esse envolvimento seja traduzido na reportagem.

Eu acho que levar essa humanidade as pautas também é importante, porque se fala muito de imparcialidade no jornalismo, mas ninguém é imparcial. Todos nós somos parciais de alguma forma, especialmente quando somos impactados por uma tragédia. E ser impactado e ser parcial nesse momento, significa que você tomou partido daquela realidade, mas não significa que você tomou partido ou está torcendo por um lado ou por outro. Você se envolveu e precisa reportar aquela situação e aí vem à questão técnica da formação, do preparo, da experiência também em relatar isso da melhor forma possível, com isenção, responsabilidade, compromisso e ética.

12 - Por favor, fale sobre uma reportagem impactante da qual você participou, apontando, sobretudo, como ela refletiu em sua vida pessoal e profissional?

A gente sempre aprende com as reportagens, especialmente vivendo dramas assim como Mariana. Íamos quase todos os dias para Mariana, indo e voltando. A volta era sempre uma reflexão sobre tudo aquilo que aconteceu. Em Brumadinho também. Aí entra o papel do jornalista em não deixar aquela chama se apagar. Talvez seja esse, talvez um outro compromisso importante do jornalismo seja deixar sempre a luz, o holofote ligado àquele drama, porque especialmente com a justiça amorosa que nós temos no Brasil, os dramas se perpetuam e inclusive se repetem como aconteceu aqui.

Então o jornalismo é fundamental nesse sentido de trazer sempre a visibilidade para esses dramas, pois depois de um tempo quando a imprensa vai embora, quando as autoridades

vão embora, o drama continua, ele permanece lá, é perene às vezes. E aí, a imprensa tem esse papel fundamental de está sempre lembrando a todos de que aquele caso não está enterrado, que aquela justiça ainda não foi feita, que aquele direito ainda não foi garantido. Então eu acho que temos sempre que estar atentos a esse dever social do jornalismo, que é reportar injustiças, dramas e tragédias vividas.

13 - Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito?

Você foi reconhecido no Prêmio Images and Voices of Hope pelo trabalho realizado na Cobertura do Desastre de Mariana. Como foi para você e sua equipe acompanhar essa tragédia de grande impacto? E como você vê o impacto dessas coberturas na sua vida profissional/pessoal?

Bom, por fim, sobre a cobertura de Mariana, nós fomos reconhecidos por esse prêmio de uma organização internacional. Foi um orgulho muito grande para nós, mas o trabalho de TV não se faz só, é um trabalho em equipe com cinegrafistas, editores e etc.; mas foi muito importante. Sempre que trabalhamos em uma tragédia de grande impacto, aquilo é uma vivência para a nossa carreira, para o nosso pessoal e tudo, sempre é um crescimento para a gente, pessoal e profissional naturalmente.

Isso nos dá uma bagagem importante sobre esses dilemas que nós vivemos cotidianamente no jornalismo: até aonde avançar? Como apurar sem impactar tanto as testemunhas diante do que já falamos sem fazer com que elas revivam aquela tragédia? Pois, depois simplesmente damos as costas aquela tragédia. Não! É ouvir e sempre repetir aquele testemunho de que aquilo não acabou. Então nós precisamos sempre aprender com essas tragédias, de que o jornalismo é essencial para que essas injustiças não se perpetuem. Então em resumo é isso. Nós somos testemunhas oculares de tragédias e não por acaso. Se nós nos preparamos talvez para essa situação, quando ela chega temos que dar o melhor para trazer a verdade, dar voz a quem não tem, buscando a justiça sem deixar que em momento algum aquela tragédia se dissipe no tempo.

APÊNDICES B – Transcrição da entrevista realizada com Edilene Lopes

1 - Qual o impacto, em sua vida pessoal, do trabalho jornalístico realizado a partir de tragédias?

Eu já saí da cobertura de Mariana mudada. Eu estava em uma pauta de economia, coincidentemente sobre mineração, quando a barragem rompeu. Fui enviada para Mariana, com a roupa do corpo, e lá fiquei por dez dias seguidos. Depois fiquei voltando em casa uma vez por semana a cada três meses. Tudo de roupa e higiene pessoal que eu usei nessa primeira fase da cobertura foi comprado em Mariana. Eu só tomei banho e dormi 30 horas depois que cheguei lá. E ao ver as pessoas perdendo absolutamente tudo, desde entes queridos até os documentos, os remédios controlados, o dinheiro do pão (...) eu voltei com a percepção mais viva de que de uma hora pra outra tudo pode mudar.

O que eles passaram em Mariana, Brumadinho, foi um golpe violento na dignidade. Um dia sua vida tá normal e no dia seguinte você não tem um documento, um cartão, o seu remédio. E desde então, mesmo com uma cobertura tão longa e depois com a cobertura de Brumadinho, eu me emociono toda vez que falo sobre as coberturas. Com certeza, mexeu com o meu psicológico mais do que eu consigo identificar ou descrever. Como certamente foi com os Bombeiros e muitos e muitos outros profissionais e voluntários que trabalharam nos pós-desastres, como os moradores de Brumadinho que trabalharam na identificação dos corpos de parentes e amigos no pré IML improvisado.

2 - Você acredita que o jornalista tem uma responsabilidade como produtor de sensação e reflexão acerca dos fatos? Por quê?

Com certeza, principalmente do rádio. Narrar é fazer sentir. E reportar de forma fiel, com uma abordagem humanizada que não fira e não aumente o sofrimento dos atingidos e parentes de vítimas que além de serem fonte, também fazem parte do público, é uma tarefa delicada. E narrar e descrever é apenas uma parte desse tipo se cobertura, investigar e dar luz a denúncias é outra parte tão importante quanto auxiliar na promoção da justiça, que em casos em que ha forte poder econômico atuando, como é a mineração, é sempre mais difícil.

3 - Você concorda que jornalistas que cobrem tragédias precisariam de um “acompanhamento psicológico”, como auxílio para saber lidar com situações impactantes?

Acredito que as pessoas precisem de acompanhamento psicológico rotineiramente, independente do seu exercício laboral. Mas nesses casos específicos, de coberturas assim, acredito que, como essa assistência não é algo disponível nas redações, poderia até ser, cada profissional deve refletir sobre a necessidade de ajuda. Ao palestrar ao lado de outros jornalistas que participaram da cobertura e Bombeiros que participaram dessas operações partilhamos inúmeras vezes à ideia de que nenhum de nós sabe ao certo o quanto fomos emocionalmente atingidos ou alterados, fato é que ninguém sai o mesmo do trabalho no pós-tragédias como essas. E todo nosso sofrimento não passa nem perto do das famílias.

4 - O jornalista, mesmo que inconscientemente, acaba por ocupar o lugar de “testemunha” em um fato/acontecimento? Nesse sentido, como você acha que o jornalista deveria agir?

Não só testemunha como o narrador de fatos importantes da história. Depende da ação. Nossas equipes, por exemplo, pararam a cobertura diversas vezes pra ajudar. Eu, por exemplo, avalio que não é um caso de escolha. Exemplo: Um dos nossos motoristas, Seu Afonso e uma de nossas repórteres Amanda, auxiliaram os Bombeiros no resgate em Brumadinho. Viram e ouviram vitimas e apontaram os locais exatos pra resgate e ajudaram a tirar animais da lama. Não era nosso trabalho, mas era nosso dever ético e humano e isso vem antes do profissional.

5 - Em uma cobertura impactante, qual o lugar de fala do jornalista? O que você acredita que o público espera do jornalista em coberturas de acontecimentos de grande impacto?

O público espera sempre novidade e detalhes e nós devemos oferecer sempre a informação mais completa, que tenha abordagem ética do início ao final, da abordagem da fonte até a entrega do produto, da matéria. E possível ter uma rotina de furos, informações em primeira mão, exclusivas, sem ter que "vender a alma" por isso ou fazer qualquer coisa pra ter uma matéria que chame a atenção. É possível fazer dentro da ética, do respeito e do bom jornalismo.

6 - Durante alguma cobertura jornalística você já passou por situações que tenham lhe causado transtornos emocionais?

Depende do que chamamos de transtornos emocionais (risos). Já segurei muito choro durante as matérias, também já chorei muito durante as matérias e quando falo de algumas

coberturas, principalmente quando o fator injustiça é forte. Ele mexe comigo. Mas em geral, no cotidiano, não levo muito pra casa. É uma chave que meu cérebro, de forma sábia e misteriosa, costuma virar. Isso me ajuda muito.

7 - Você conhece meios de ajuda/suporte para lidar com a cobertura de tragédias? Já precisou utilizar algum?

Não conheço nenhum específico e nunca recorri. Seria interessante se fosse ofertado pelas empresas ou entidades de classe, como o sindicato.

8 - É possível manter sentimentos de empatia e sensibilidade diante de uma situação impactante? Como você faz para que isto aconteça enquanto desenvolve seu trabalho?

Não só é possível como é fundamental manter empatia e sensibilidade nessas coberturas, já que estamos tornando públicos os piores momentos da vida de pessoas que além de fontes, fazem parte do público. Esse tipo de abordagem que costumam chamar de "humanizada" (o que eu acho bizarro porque humanizado deveria ser o procedimento padrão (risos)) é parte do meu estilo, então posso dizer que é quase automático.

A preocupação com a segurança e o bem estar da fonte, principalmente em alguma situação de vulnerabilidade, é uma regra pétrea pra mim. Exemplo: Já deixei de entrevistar sobrevivente de chacina por saber que mesmo distorcendo a voz e não falando o nome, seria impossível esconder a identidade dele dos algozes, que ao ouvir a história o identificariam. Era uma história de arrepiar, mas não valia a vida de um adolescente, porque história nenhuma vale a vida de ninguém.

9 - Como o profissional deve recontar falas e histórias ouvidas de pessoas que acabaram passar por uma situação impactante?

Respeitar as versões. Procurar todas as versões possíveis. Buscar ver sempre além. Não distorcer. E ser ético. Não tem segredo. Regras do velho e bom jornalismo.

10 - Você acha que, quando o jornalista aborda alguém que acabou de passar por um momento traumático, ele está fazendo com sua fonte reviva o acontecido? Como você vê e interpreta isso?

Certamente, ao contar, a fonte revive. Por isso, antes de abordar, o jornalista deve avaliar as condições e o contexto. Exemplo: É péssimo cobrir velórios, mas faz parte da rotina. Eu nunca abordo direto um parente, nunca chego exibindo microfone... É necessário

chegar com calma, respeito, se identificar pra algum amigo da família, alguém que você observe que tenha conhecimento e esteja mais confortável e aí ver se a pessoa pode intermediar.

11 - É possível que o jornalista escolha entre se envolver ou não na produção de narrativas impactantes?

A narrativa depende, além das regras do jornalismo e características de cada veículo, da bagagem e do estilo de cada repórter. Há uma escolha de abordagem em certa medida, mas ela raramente se dá em uma cobertura especificamente ou isoladamente, ela se dá no trabalho cotidiano, onde o olhar do repórter se molda, de acordo com o que ele vê no dia a dia da profissão e com tudo que ele já viu.

12 - Por favor, fale sobre uma reportagem impactante da qual você participou, apontando, sobretudo, como ela refletiu em sua vida pessoal e profissional?

Muitas coberturas, ao longo desses 14 anos de reportagem foram impactantes, mas antes de Mariana e Brumadinho, os acidentes frequentes na descida do Anel Rodoviário no Betânia, com muitas mortes sempre, me arrancavam lágrimas. Tanto os acidentes do anel, onde há na rodovia um erro de engenharia de via e tráfego a ser corrigido, quanto nos desastres em Mariana e Brumadinho têm algo em comum. Em todos eles, houve omissão e falha do poder público que contribuíram para as ocorrências, significa que, em tese, todos poderiam ter sido evitados se os representantes da população tivessem agido conforme prevê a lei.

No caso das barragens, a lei frágil que permitiu e continua permitindo praticamente uma autofiscalização das mineradoras (eles declaram dados de segurança e os fiscalizadores apenas conferem), colocou a vida dos mineiros na mão do poder privado, de empresas, que se mostraram irresponsáveis e incapazes de zelar por elas. Sendo assim, a constatação da incapacidade fiscalizatória do poder público e a conclusão de que grandes setores empresariais, de atividades de risco, não têm a responsabilidade que deveriam fazer com que combater essas omissões, injustiças e desigualdades viraram, mais que nunca, uma missão pra mim.

13 - Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito?

Como jornalistas em formação, assim como eu, porque estamos sempre em formação. Nunca se esqueçam que o jornalismo é fundamental para o exercício da cidadania e para

manter e aprimorar a democracia. Por isso, vendo que essa é a vocação de vocês, agarrem essa missão, buscando sempre o melhor nível de qualificação e profissionalização. Não parem de estudar e pesquisar. Reflitam sobre o exercício da profissão, lutem por seus direitos e pela valorização profissional, porque devemos ofertar produtos de qualidade, mas ninguém vive de brisa - temos que melhorar a faixa salarial do jornalista e garantir condições legais, institucionais e administrativas para que façamos um trabalho bem feito. O jornalismo é uma das profissões mais importantes do mundo. Pode salvar vidas tanto quanto a medicina. Vamos nos apropriar do lugar que é nosso. Abraço! E vamos em frente.

Você tem experiência em grandes coberturas e entrevistas exclusivas de repercussão nacional e internacional. Você poderia me falar um pouco sobre isso?

Tudo que fazemos profissionalmente e que é considerado relevante é fruto de um trabalho cotidiano que nem sempre é tão perceptível. É o cultivo de fontes, é o sigilo de fontes, é o trato ético, o respeito na abordagem, à busca por entrevistas exclusivas, o cuidado com cada matéria mesmo que naquele dia se tenham feito 20 matérias. Tudo isso, uma hora, culmina em bons resultados. As exclusivas, por exemplo, 99% delas não fazem parte da pauta pré-determinada pra mim. Corro atrás, tento marcar, aguardo o tempo da fonte... Então é tudo um cultivo e um investimento, que depende muito do esforço pessoal profissional, que pode ser difícil, mas compensa.

Você também atuou intensamente na cobertura da tragédia de Mariana. Como foi isso?

Tudo começou como narrei na primeira resposta e até hoje mantenho contato profissional, apurando, e pessoal (mandando mensagem e ligando pra perguntar como estão) com a população de Mariana, o que vai desde os atingidos, até prefeito, promotor...

Novamente envolvendo uma tragédia de grandes proporções, você fez a cobertura da tragédia em Brumadinho e foi homenageada por essa cobertura. Como foi para você e para sua equipe realiza-la?

Quando rompeu Brumadinho, eu estava chegando na rádio pra trabalhar. Dirigindo, não vi o celular, ele já estava 'pipocando' de chamadas de fonte falando do rompimento. Eu só vi depois que entrei na redação e minha chefe falou do ainda "suposto" rompimento, e eu não acreditei que reviveríamos aquele pesadelo outra vez. Já fui engasgada! Ligando pra celular de secretário de estado, chefe do Bombeiro, conhecido na cidade. Nenhuma autoridade

dava a dimensão da tragédia, mas, certamente, no primeiro sobrevoo souberam que era terrível.

A repórter Amanda Antunes foi pela entrada de Córrego do Feijão e eu pela entrada principal da cidade. Quando cheguei à placa de Brumadinho, vi um carro da PM parado, a entrada da cidade já estava fechada, eu cheguei na janela do passageiro, perguntei pro oficial a situação. Ele desceu, me chamou de lado e falou: "Não é informação oficial, mas estive lá. O restaurante tava lotado. Capacidade pra no mínimo 200 pessoas. Desapareceu na lama.". Foi quando eu tive a real dimensão da tragédia e foi a primeira vez que noticiamos um número aproximado na rádio. Depois daquela sexta, eu só voltei pra casa no domingo, nove dias depois. Meu marido fez as malas, mandou com outros carros da rádio que foram depois. E de Brumadinho a gente narrou à tristeza inadmissível que o mundo todo acompanhou...

APÊNDICES C – Transcrição da entrevista realizada com Fernando Rocha

1. Qual o impacto, em sua vida pessoal, do trabalho jornalístico realizado a partir de tragédias?

Bom, tenho mais um acontecimento para colocar nesta lista, além do acidente do avião da TAM em 2007, que foi muito marcante; eu também trabalhei acompanhando as buscas em Brumadinho, mais recente em 2019. Eu acho que a gente (jornalista) é muito suscetível a essas tragédias. Como a própria população é. Acho que a gente não fica fora do lugar comum que todo mundo tem de impacto, né. O impacto que todo mundo sente. Eu não conseguiria separar a vida do jornalista da vida de uma pessoa que está acompanhando os fatos. O problema é que temos que contar a história, contamos com o coração dilacerado, de forma muito envolvida.

E eu vi isso muito claro também na tragédia de Brumadinho, onde fiquei duas semanas acompanhando as buscas e vivi a rotina e o dia a dia da cidade. Acompanhei tudo com uma tristeza profunda, porque eu tinha uma ligação muito grande com a cidade, tive um sítio lá durante muito tempo e ver aquilo tudo, aquele sofrimento todo. Mas ao mesmo tempo eu tinha que cumprir o meu trabalho. Então eu digo que o impacto na minha vida pessoal é o mesmo impacto causado na vida de um cidadão comum, com a diferença que além de sofrer, eu tenho que contar a história.

2. Você acredita que o jornalista tem uma responsabilidade como produtor de sensação e reflexão acerca dos fatos? Por quê?

Eu acho que o jornalista tem um papel, uma função social muito importante, principalmente quando ele (o jornalista) entende a estrutura da notícia e o porquê dos fatos. Vamos citar dois exemplos: Primeiro, o acidente de avião. É claro que teve uma falha grave, pessoas morreram. Você está ali, mas a investigação não cabe nesse momento falar ou fazer alguma analogia se foi erro técnico, é tudo muito maior. Existiu um erro evidente, se trata de algo muito maior, que está fora do nosso alcance.

Mas uma cobertura como em Brumadinho, existe uma evidência grande de uma responsabilidade que causou uma tragédia ambiental. Então, eu concordo que o acompanhamento destas tragédias como produtor de sensação e reflexão é fundamental, porque você poderá dar ênfase a coisas que também podem produzir reflexão em quem acompanha a notícia também. A tristeza de uma cidade inteira, a comoção nacional. Mas ali, naquele epicentro da emoção, você pode direcionar o rumo deste se emocionar, né?!

3. Você concorda que jornalistas que cobrem tragédias precisariam de um “acompanhamento psicológico”, como auxílio para saber lidar com situações impactantes?

Eu penso que o jornalista, precisa de muito mais coisa do que um acompanhamento psicológico. Acho que todos os profissionais precisam: um advogado, um juiz, um carcereiro. Eu não acho que o jornalista tenha essa exclusividade, por exemplo: eu trabalhei muito tempo como repórter de trânsito, voando todos os dias no helicóptero. É uma profissão de risco? É! Já fiz também reportagens em lugares perigosos, você sabe desse risco. Então, a gente precisava até de ganhar mais por causa disso. Então, a gente precisa de muito mais coisas além do psicológico, do acompanhamento psicológico. Eu não queira ser exclusivo, não queria ter essa, eu acho que o jornalista não precisa dessa exclusividade. Têm muito mais coisas além desse acompanhamento psicológico, então a resposta seria que não.

4. O jornalista, mesmo que inconscientemente, acaba por ocupar o lugar de “testemunha” em um fato/acidente? Nesse sentido, como você acha que o jornalista deveria agir?

Então, vamos falar novamente de Brumadinho. A chegada à cidade de Brumadinho naqueles dias era muito impactante, continham várias faixas dizendo: orem por Brumadinho, respeitem a nossa dor, vamos encontrar o culpado por nossas lágrimas. Eu podia ter passado direto e aquilo ali só ter mexido comigo, mas eu tentei na semana que eu conduzia as reportagens do programa, Bem Estar, (incrível que um programa chamado Bem Estar tenha passado duas semanas lá em Brumadinho fazendo reportagens ao vivo né?). Eu conduzia justamente pra essa dor, porque eu gostaria que a dor que as pessoas sentissem causasse essa indignação de perguntar: - Por que isso aconteceu? Quem fez com que isso acontecesse?

Eu estava lá com os bombeiros, cavando no meio da lama, procurando segmentos de corpos, nem era o corpo inteiro, porque já não tinha mais como achar sobreviventes. E ali eu deixava bem claro: - Olha, a gente está numa área de estacionamento, as pessoas estavam aqui, tem cinco metros de lama aqui em cima e lá embaixo tem carros, tem trator, tem escavadeira. Tudo foi pra debaixo da lama, e em questão de segundos. Então, a própria reportagem que eu tentava fazer nas transmissões, era passando essa indignação para se pensar: meu Deus do céu, tudo aqui embaixo, lá em cima a barragem, como é que tudo isso foi construído aqui e durante tanto tempo ninguém percebeu nada? Então esse papel eu acho que o jornalista deve ter. Agir com essa indignação, de quem está ali vendo, principalmente como cidadão sensível, na percepção mesmo do fato.

5. Em uma cobertura impactante, qual o lugar de fala do jornalista? O que você acredita que o público espera do jornalista em coberturas de acontecimentos de grande impacto?

Bom, eu acho que principalmente o público espera informação útil e de qualidade sobre os fatos que estão surgindo. Um exemplo: primeiro, quando está acontecendo naquele momento um incêndio, todos querem saber se há sobreviventes, se há uma chance de encontrar alguém vivo, são informações preliminares. Mas eu acho que nessa cobertura, nesse lugar de fala, o que você acredita que o público espera do jornalista é exatamente a curiosidade que uma pessoa comum poderia ter em uma situação como aquela. O que aconteceu?! Isso aqui é lama? Como tá a textura dessa lama? Tem jeito de alguém ficar ali debaixo por alguns minutos? Ou segundos?

A percepção de ver os bombeiros naquele trabalho insano, incansável, os helicópteros subindo e descendo. Eu tive a oportunidade de ver o trabalho de descontaminação dos bombeiros. Depois daquele trabalho que era incrivelmente feito com muita minúcia, havia todo um processo: voluntários ficavam jogando duchas nas roupas enlameadas deles, esses bombeiros tinham que passar por uma barreira de contenção, porque a lama era altamente tóxica, isso depois de um dia inteiro ali.

Então olha só, todos esses detalhes são importantes para que quem está acompanhando possa ter uma ideia do todo que o jornalista tem. O jornalista já fez um juiz de valor, o jornalista já entendeu o quê que está acontecendo, mas ele não pode explicar de forma informal pra todo mundo, inclusive nem pode dar opinião dele. Essa opinião surge nesses detalhes que ele escolhe pra elencar uma reportagem.

6. Durante alguma cobertura jornalística você já passou por situações que tenham lhe causado transtornos emocionais?

Olha, eu acho assim, que a vida causa mais transtornos emocionais do que uma situação de cobertura jornalística. Sou repórter há muito tempo e tenho uma casca dura para enfrentar acidentes, tragédias, situações com mortos e corpos, já vi muitos. Eu já fiquei muito triste e depois fui criando uma defesa para enfrentar essa miséria humana, não só de acidentes, mas da própria vida mesmo. Então eu acho que, não são situações de catástrofe que vão causar esses transtornos emocionais, mas a própria vida do jornalista, que muitas vezes é insalubre, que muitas vezes é prejudicada por falta de um trabalho mais decente, bem remunerado, com apoio. Isso sim causa transtorno. Não acho que uma cobertura cause transtornos emocionais. Porque um bom profissional está sabendo o que ele está fazendo ali e que aquilo pode lhe algum problema, mas ele vai saber diferenciar aquela situação.

7. Você conhece meios de ajuda/suporte para lidar com a cobertura de tragédias? Já precisou utilizar algum?

Não tenho nada assim. Nunca tive acesso a nenhuma utilização desses meios de ajuda ou suporte. Trabalhei durante quase trinta anos em uma empresa grande, que é a TV Globo, e lá nunca me ofereceram nenhuma ajuda ou suporte para lidar com essas coberturas. Enfim, é isso: vamos lá, se vira, vamos fazer e se não tiver bom outra pessoa vai. É assim que a grande mídia, a grande imprensa trata os seus funcionários, repórteres, jornalistas e todos os radialistas, que trabalham com ondas maquiô fônicas. Nunca tive conhecimento disso. Bom, mas se tivesse e fosse oferecido eu gostaria de usar, mas não sei de ninguém que ofereça.

8. É possível manter sentimentos de empatia e sensibilidade diante de uma situação impactante? Como você faz para que isto aconteça enquanto desenvolve seu trabalho?

Eu até completaria esta pergunta dizendo: Como fazer para que isso não aconteça tão desmedidamente? Porque esse sentimento de empatia, de sensibilidade, eles estão o tempo inteiro nesse processo de observação que eu venho falando desde lá do início. Essa percepção, esse olhar de curiosidade, é um olhar também de abraçar, de acolhimento e de empatia. Porque você percebe: Puxa que dor é essa?

Eu fiz uma reportagem muito forte em Brumadinho. Quando eu fui acompanhar uma quarta-feira de futebol à noite, as pessoas estavam nos bares completamente vazias. Esse era o dia de ir ver o jogo no bar e existiam três ou quatro bares que tinham essa programação. E essas pessoas não sabiam o que fazer, porque elas não conseguiam ficar em casa, elas continuavam indo para o bar, porque os companheiros de futebol, das peladas nos finais de semana e também de assistir o jogo na televisão, já não estavam mais lá. E elas estavam lá completamente atônitas, com o olhar perdido. O olhar de luto estava na cidade inteira, não existia como passar despercebido por isso. No hotel onde eu estava tinham vários sobreviventes que estavam sem casa. Tinha um senhor que tinha perdido a família inteira. O engenheiro só sobreviveu porque teve uma reunião em Belo Horizonte. Eu conversava, tomava café com ele todas as manhãs durante essa semana, era impossível não se impactar, não sentir essa dor também.

Então eu ficava preocupado em não ficar emotivo demais e fazer com que essa emoção ficasse sobreposta nas informações, informações práticas, ou seja, quantos soldados estão trabalhando aqui? Quanto tempo o corpo de bombeiros trabalha por dia? Quantas equipes de resgate estão fazendo o trabalho aéreo? E na terra, são quantos voluntários? Quantos corpos já foram achados? Quantas famílias estão sendo deslocadas? Há alguma

chance delas voltarem para suas casas? Tem muita informação, se a gente não se atentar, ela fica... tampada, nublada só pela emoção e eu pelo menos tive muito esse cuidado.

9. Como o profissional deve recontar falas e histórias ouvidas de pessoas que acabaram passar por uma situação impactante?

Eu acho que sendo o mais fiel possível. Voltando para a pergunta anterior a essa emoção, porque essa emoção precisa estar viva. Próximo à entrada da mina mesmo tinham casas fantásticas, pousadas, eu já havia passado várias vezes por lá. Este senhor engenheiro, disse que tinha uma casa maravilhosa que ele construiu e morava em uma dessas casas próximas a mina. Tinha um cachorro muito bacana, de raça. A mulher dele também era engenheira. Eles trabalharam na Vale durante a vida inteira e já estavam aposentados, mas queriam ficar ali perto, pois era uma região muito bonita. Ele conta que foi para Belo Horizonte, despediu da sua mulher e, quando voltou, viu a sua casa toda debaixo do barro, da terra. Ele conta que falou com o bombeiro: “eu preciso encontrar minha mulher” e o bombeiro a procurou. Já estava de noite e aquela situação toda de risco. Ele conta que o bombeiro lhe falou assim: “eu prometo para o senhor que eu vou buscar a sua esposa.”. E ele voltou com a mulher do engenheiro nos braços depois de vasculhar muito a lama.

A história dele é terrivelmente triste, porque ele perdeu tudo. O senhor continuou: “olha eu tinha dinheiro no cofre, ouro, joias, obras preciosas de artistas famosos e, tudo está na lama. Tudo que eu tinha de material, de valor emocional e de amor mesmo. Minha mulher, meu cachorro, meus carros (eu tinha três carros), tudo perdido em poucos minutos.”. Como é que a gente conta isso? Eu acho que com a melhor das tintas possíveis, usando a tinta da emoção né?! Acho que é assim, pegar tudo isso, dar uma filtrada e fazer disso uma boa tinta.

10. Você acha que, quando o jornalista aborda alguém que acabou de passar por um momento traumático, ele está fazendo com que sua fonte reviva o acontecido? Como você vê e interpreta isso?

Então, eu conversava todos os dias com este engenheiro, porque ele estava hospedado no mesmo hotel em que eu estava. A empresa da Vale estava pagando hospedagem em todos os hotéis da região, para todos que tivessem pessoas na tragédia ou que ficaram desabrigados. Eu encontrava vários sobreviventes, todo mundo tinha uma história para contar e na situação em que eu fui e vi aquilo, as pessoas precisavam falar. Então, quando você as abordava você era um jornalista. Mas você era um ouvinte, você era só o canal de interlocução de uma

pessoa que estava precisando falar, desabafar e muitas vezes, não raro, precisava de um abraço, precisava de um carinho, de um afeto.

Isso também acontecia no desdobramento do acidente da TAM, quando as famílias ficavam completamente perdidas, atônitas, sem saber o que fazer. Quando elas eram abordadas, elas queriam falar. O que eu percebo de situações assim é que as pessoas querem falar, elas não são só fontes. Elas veem a imprensa como uma forma de desabafar e falar: isso aí precisa ser resolvido. Porque não nos esqueçamos de que nos dois casos, houve mortes prematuras absurdamente injustificáveis e as pessoas que ficam querem falar e esperam que alguma coisa seja feita. Elas procuram o jornalista, o repórter com uma sensação de que podem obter justiça, que ela pode ser feita.

11. É possível que o jornalista escolha entre se envolver ou não na produção de narrativas impactantes?

Claro. Acho que é possível sim, mas eu acho que é melhor se envolver. Sempre é possível essa escolha, mas o trabalho vai ficar muito mais elaborado, sentido, perceptível com o envolvimento. Eu sempre escolho me envolver e não acho que há nenhum problema nisso.

12. Por favor, fale sobre uma reportagem impactante da qual você participou, apontando, sobretudo, como ela refletiu em sua vida pessoal e profissional?

Bom Brumadinho, de novo. Era um lugar onde eu tinha um sítio. Já saí de Belo Horizonte tem vinte anos e nunca esqueço Minas Gerais, “a gente sai de Minas, mas Minas não sai da gente”. E a tragédia de Brumadinho foi uma tragédia em um lugar familiar, um lugar de casa, o lugar das minhas referências. Então isso tudo refletiu na minha vida pessoal e mais ainda, como eu disse no início, é muito impressionante que um programa chamado Bem Estar, que falava sobre saúde e qualidade de vida, estivesse pontualmente em uma tragédia.

Isso foi muito importante também para que eu percebesse, em algum momento, olhando ali aquele trabalho, no meio dos bombeiros, aquela tragédia toda, enquanto se procuravam os segmentos de corpos, eu percebi que alguém estava no lugar errado. E no caso não eram os bombeiros e sim, eu. Um mês depois acabei dando uma ‘pivotada’ na minha vida, saí da TV Globo, encontrando outros caminhos para seguir a diante. Então uma tragédia foi impactante particularmente para que novos caminhos acontecessem na minha vida. É isso!

13. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito?

Sobre a tragédia do voo 3054 da TAM:

Vamos citar o primeiro caso mais emblemático que eu cobri. Fui o primeiro jornalista a chegar pelo ar, estava pelo Globocop e, cobri o acidente da TAM, o maior acidente da aviação civil do Brasil, em 2007. Não tem jeito de você ligar o piloto automático. Não tem jeito de ninguém que passou por isso, que chegou ali naquele dia para fazer a cobertura e, não foi uma cobertura de um dia, foi uma cobertura de pelo menos um mês, porque o desdobramento foi muito grande. O trânsito de São Paulo foi impactado, porque as chamadas, as cinzas continuaram. A dor continuou, com a identificação dos corpos, o trabalho do IML continuou. O comitê de gerenciamento de crise da TAM em frente ao IML aqui em São Paulo continuou por mais de um mês.

Então a cobertura continuou por 60-70 dias e todo mundo ficou impactado. Não teve um jornalista que não ficou impactado, ninguém ligou o piloto automático porque não é uma tragédia que acontece todo dia, não tem jeito. [...] Mas ali, esperando a identificação das vítimas, esperando as famílias chegarem de Porto Alegre, esperando os dirigentes da TAM, falarem o que aconteceu; não tem jeito. É só emoção o tempo inteiro, emoção com os familiares chegando, identificando quem é que estava no voo, conhecendo as histórias, conhecendo uma a uma as quase duzentas vítimas que estavam ali, sabe?!

Então não tem como não se emocionar, não levar para casa, não voltar e no dia seguinte entender e querer saber. Então, ali é um caso muito atípico, ali é um caso de marcar para sempre, de marcar e ficar o tempo inteiro, o tempo inteiro falando: Puxa vida, eu estive ali! Então é quase como se eu fosse da família. É muito próximo, é diferente. Tanto eu quanto meus colegas que foram cobrir, as pessoas que cobriram, colegas de jornal, de rádio, todos, todos. Porque você fica lá... Eu passei dias e dias depois fazendo a cobertura.

[...]

Eu achava que era um acidente de trânsito, eu tinha as limitações por estar no Globocop. E, estando no Globocop, tinha poucas informações, porque só tinha as informações visuais. Eu lidei no começo o tempo inteiro até ter as informações visuais, como se fosse um acidente de trânsito, achando que um caminhão tivesse batido na Avenida Washington Luís. Mas logo vi pela confusão da avenida e da própria pista do aeroporto que era uma coisa sem precedentes. E imediatamente já entrou um flat ao vivo que eu tinha que narrar. E logo falei que era uma coisa que ainda não dava para saber direito o que era, mas o Bonner me chamou e falou: olha, tem um acidente ali na pista do aeroporto de Congonhas, parece que não há vítimas, o Fernando tem informação.

E eu falei para o Bonner que não era na pista. Era um avião que saiu da pista. Nós estávamos vendo, parecia uma coisa absurda, mas ele saiu da pista. Do outro lado parecia que era um outdoor, mas não era um outdoor. O que estávamos vendo era à asa do avião do outro lado. Parece absurdo para falar. O avião saiu da pista, atravessou a Washington Luís, que é a maior avenida de ligação do norte com o sul da cidade de São Paulo. E o que tem do outro lado é um hangar, um prédio da TAM. Ele estava totalmente em chamas. O que estava do lado de fora parecia uma placa, um outdoor da TAM, mas era a cauda do avião. O que tinha pro lado de dentro era o avião inteiro. O que estava em chamas, pegando fogo era o avião todo. Narrar isso, poucos instantes depois de ter acontecido, foi assim de pura emoção, foi muito forte. Eu não conseguia nem falar direito, porque era surreal o que eu estava descrevendo. Depois disso surgiam as perguntas: De onde estava vindo este avião? Quantas pessoas tinham no avião? Que manobra o piloto tentou fazer? Porque realmente isso tinha acontecido. Que absurdo era esse? E já estava de noite né?!

O aeroporto é perto da Globo, depois durante muitos anos (que eu digo assim, uns três anos depois), eu continuei fazendo Globocop e eu conseguia ver a marca na grama, no aeroporto de Congonhas. Quando você pedia autorização para passar, era possível ver que a marca ficou cravada na grama da pista durante muitos anos, daquela manobra do avião em tentar frear. Era uma coisa muito forte de ver e isso me deixou muito impactado. Depois eu continuei cobrindo a tragédia. Continuei acompanhando as famílias que vieram do sul, de Porto Alegre, entraram reportagens, links de Porto Alegre, enfim. Foi uma noite que não terminava nunca. Era já no início da tarde. Eu fiquei até o jornal da Globo terminar. Fiquei entrando e voltando. Aí entrei no Jornal Nacional, entrei na programação. Foi um absurdo, conectando com o pessoal. Reportagem por terra entra link, chamadas, tudo direto.

[...]

Foi uma tropa de choque para fazer estas coberturas. Você imagina só se falou nisso durante os próximos, trinta a quarenta dias no Brasil inteiro. Eu era repórter do SBP (filiada da Globo, em São Paulo), que é o equivalente ao MGTV. E aqui em São Paulo, só se falou disso também. Então eu fui um dos repórteres que trabalhou nisso e também acompanhei as famílias chegando. Lembro de acompanhar a movimentação no IML, onde ocorria o reconhecimento dos corpos. Foram dois, três, caminhões frigoríficos no IML, o dia inteiro praticamente. Ficávamos o dia inteiro no IML, do aeroporto para o IML e do IML para o aeroporto.

[...]

Olha a cobertura do acidente da TAM deu muito esforço, musculatura profissional para entender como a vida muda de uma hora para outra, como a profissão muda os rumos e você tem que apostar na sua verdade. Como a profissão de jornalismo tem nuance-as determinantes, você está ali e tem que estar preparado. Um segundo e tudo muda. Um segundo você tá ali pronto pra cobrir o maior acidente da aviação civil de todos os tempos, é você que vai fazer. Então você tem que tá preparado o tempo todo, né. Então isso que muda.

E porque não falar?! Quando eu subi no helicóptero, quando vi uma situação que estava posta, quando vi que existia uma tragédia de uma proporção absurda, eu estava vendo ali e porque não falar?! O maior jornalista brasileiro estava me dizendo: Olha, está ocorrendo um acidente no hangar da TAM, mas não há vítimas. Ele queria apaziguar a situação, ele não tinha certeza, não estava vendo nada, ninguém estava vendo nada, ninguém queria dar nada. A Globo é mestre em colocar ‘panos quentes’ em tudo. Eles sabiam que o avião tinha caído, mas ninguém queria falar nada, ninguém queria colocar a informação, porque ainda ninguém sabia nada. Eu tinha acabado de ver, o avião tinha caído, mas era uma coisa tão absurda. Fui o primeiro a dizer que o avião caiu. Mas ele não havia apenas caído. Tinha explodido um outro prédio. Era uma situação absurda.

O que eu estou dizendo é sobre a responsabilidade em dizer isso. Muitas pessoas às vezes tem medo de dizer. E esperam para falar somente quando tem mais certeza. Mas qual é a sua responsabilidade? Fala! Vamos falar. Você não está vendo?! Fala! O avião caiu. O piloto que estava comigo falou assim: “foi um avião que explodiu, ele está lá do outro lado, você está vendo?” Olha aí, não tem nenhum avião explodindo dentro de um hangar da TAM, tem um avião explodindo dentro de um prédio da TAM do outro lado, porque você não vai falar?! Porque vai esperar mais dez minutos para falar?! Você está na maior emissora da América Latina e está com a possibilidade de falar, porque não vai falar?! Vai esperar? Por medo?!

É preciso transferir para a sociedade o que foi visto e sentido, uma entrevista é uma aula sobre determinado assunto, você está aprendendo todos os dias, tendo uma lição. Essa é responsabilidade, a grande lição que fica. Depois você respira, aliviado e pensa: Puxa vida! Nossa! Que medo em?! Eu falei, mas será que é isso mesmo? E se não fosse? E se fosse só um outdoor? E se fosse uma placa? E se fosse... Mas não tinha jeito de não ser, infelizmente.
[...]

As pessoas saem engrandecidas destas grandes coberturas, tanto é que pessoas escrevem livros sobre isso, escrevem relatos. E saem, apesar de tudo, melhores do que entraram.

APÊNDICES D – Transcrição da entrevista realizada com Guilherme Belarmino

1. Qual o impacto, em sua vida pessoal, do trabalho jornalístico realizado a partir de tragédias?

Eu acho que ha uma coisa importante para se falar. O nosso trabalho como jornalista mesmo antes das tragédias, de cobrir essas grandes tragédias, ele influencia muito a nossa vida pessoal, principalmente porque no começo da carreira a gente se esforça muito e isso vale para quem trabalha com hardnews, com factual. Nos esforçamos muito para estar nestas coberturas, para trabalhar o tempo inteiro, para ter visibilidade. Então ao longo desses primeiros anos de jornalismo, mesmo que você não trabalhe diretamente com tragédias, é natural ou pelo menos comum que você deixe sua vida pessoal de lado para poder se destacar profissionalmente.

Então, é fato que tem uma ruptura muito grande. Eu passei por isso de já nos primeiros meses da faculdade começar a sumir dos eventos da minha vida pessoal, perder aniversários, não ter contato com pessoas da minha família, deixar de ver as pessoas, começar a trabalhar muito em fins de semana. E por mais que isso pareça um problema menor, quando a gente pensa na cobertura de tragédias, acho que é importante citar um pouco, já quão descolado um jornalista está da sua família e da sua base emocional até então.

Digo isso citando o meu caso, mas eu acho que é muito mais obvio o impacto disso ao longo prazo. Eu tenho amigos jornalistas, jornalistas conhecidos inclusive, que trabalham há vinte, trinta anos como repórteres, alguns até mais, quarenta anos. E aí só nesse momento da carreira, com pessoas que são extremamente bem sucedidas, é que a gente consegue enxergar, como esse impacto de distanciamento da família acaba atrapalhando a vida pessoal da pessoa e acaba gerando impactos até na vida dos filhos. Então pensando nesses meus amigos de carreira, que são um pouco mais velhos do que eu e que cobriram muitas tragédias também, eles perderam o parto das filhas, perderam o velório de amigos, perderam o aniversário dos pais. E, isso pode parecer um problema menor, mas quando você fala de impacto emocional, acho importante destacar um pouco esse perfil do jornalista, principalmente do jornalista visto como ‘bem sucedido’, que cobre hardnews, que cobre essas grandes tragédias. Muitas vezes ele tem uma base emocional que difere de outros profissionais assim sabe?! Além também de ter um bom salário, mas em outras áreas e que conseguem manter ao longo da carreira um contato com a família e com os amigos.

Agora entrando na questão das tragédias, o jornalista meio que ao longo da carreira tem que decidir quase que diariamente abdicar da sua vida pessoal para entrar nessas grandes

coberturas. E aí eu acho que isso gera um reflexo que a gente vê na imprensa hoje também, que é quase um ‘vale-tudo’ na hora de cobrir essas tragédias. Porque elas acabam virando e todos os jornalistas sabem disso, grandes casos de repercussão. Então o jornalista quando ‘entra’ em uma tragédia e isso acho que não isenta o jornalista, muito pelo contrário, acho que tem que ser um motivo de preocupação para a gente, para não espetacularizarmos a notícia.

Eu vejo que muitos repórteres percebem e, não só repórteres, mas que a cobertura de uma tragédia é uma oportunidade na carreira dele, uma grande oportunidade. E eu acho que isso é uma distorção da nossa carreira, que oferece visibilidade, mas muitas vezes não cobra do jornalista um senso crítico no que ele está fazendo. Não cito neste caso nem jornalistas que trabalham muito próximos de mim, mas eu acho que, não quero citar nomes não, a gente percebe que a cobertura de tragédia no Brasil é espetacularizada.

E eu acho que isso vem também desse sentimento que alguns jornalistas têm de que essa é uma ‘grande oportunidade’. Então, é claro que a gente tem que falar sobre o impacto emocional do jornalista. Mas acho que também tem um pouco da questão da instrumentalização das tragédias serem vistas nas redações como grandes espetáculos midiáticos, algo que eu discordo totalmente. Acho que quando cobrimos os casos que estão perto de nós, os casos que muitas vezes não tem tanta repercussão quanto as grandes tragédias, acho que podemos fazer um jornalismo de muita qualidade e muito humano. Tem esse lado do jornalista, de encarar a tragédia e de alguma maneira ser impactado por ela, mas também de instrumentalizar esta tragédia, para que de alguma maneira ela tente fazer valer essas ausências que ele tem ao longo da vida, acho que esta é uma questão.

Como você me perguntou especificamente sobre a minha vida pessoal, eu também sinto esse impacto, de alguém que com certeza ao longo da carreira, priorizou o jornalismo em detrimento da vida pessoal, principalmente nos primeiros anos da carreira. De nunca negar fazer nada na sua carreira, evitar ao máximo dizer um não para uma cobertura, sempre se esforçar para estar nessas coberturas. E no meu caso, nos primeiros anos, eu nem tive essa oportunidade de fazer grandes coberturas. Eu trabalhava com economia, cobrindo o mercado financeiro, entre outras coisas. E mesmo naquele momento sem cobrir grandes tragédias eu já tentava trabalhar ao máximo para me destacar. Então no começo da carreira eu percebia que já era muito afetado na minha vida pessoal mesmo sem cobrir tragédias, então é isso que eu gostaria de destacar antes de entrar no caso das tragédias.

2. Você acredita que o jornalista tem uma responsabilidade como produtor de sensação e reflexão acerca dos fatos? Por quê?

Bom, eu acredito que sim. Temos essa responsabilidade de produzir sensação e de causar reflexão também nas pessoas. A imprensa tem esse papel como um todo, né?! Acho que os vários veículos de comunicação têm não só esse direito, mas esse dever. A gente trabalha produzindo essa reflexão e eu acho que nós jornalistas, individualmente também, temos que pensar nessa responsabilidade. Como cada jornalista tem uma vivência, tem uma história de vida, eu acho que é isso que deve nortear essa nossa preocupação da reflexão, o interesse público.

Acho que na hora de pensarmos no impacto que as notícias causam nas pessoas, temos que imaginar sempre o critério jornalístico de interesse público. Para pensarmos em que medida, temos que falar sobre o que está acontecendo, que contexto dar para cada uma dessas notícias, dos acontecimentos, que nós transformamos em notícia. Eu vejo nesse caso que está acontecendo agora, nos Estados Unidos, os protestos por causa da morte do George Floyd, desse homem que foi morto pela polícia. E eu percebo que é uma notícia que poderia causar muita reflexão para nós brasileiros, mas que em alguns momentos, a reflexão acaba sendo um pouco desproporcional.

Acho que a imprensa brasileira tem um pouco de dificuldade para explicar para as pessoas daqui, que nós vivemos uma situação muito parecida com a dos americanos, ou em alguns aspectos até pior. Então, eu acho que o jornalista tem essa função de contextualizar, de produzir essa reflexão. E esse critério de interesse jornalístico tem que ser levado em consideração, ele é muito importante. Nesse caso, por exemplo, eu acho que a gente poderia estar fazendo uma cobertura maciça do que está acontecendo lá, simplesmente porque nós vivemos em uma situação muito parecida aqui de racismo e de violência policial. Acho que ao produzir essa reflexão, sobre os fatos e as sensações sobre o que acontece, o jornalista não tem que pensar exatamente nisso. Acho que o nosso pensamento tem que ser sobre seguir o critério jornalístico, e não exatamente em aumentar ou em diminuir o impacto das notícias.

Acho que se seguirmos bem o critério jornalístico, vamos conseguir causar uma reflexão em uma medida correta para as pessoas. Por outro lado, eu também acho que os jornalistas não devem tentar aumentar, potencializar a sensação das notícias, tentando dar uma dimensão maior do que as notícias realmente têm. Porque isso é o que chamamos de sensacionalismo. Quando você tenta de alguma maneira maximizar a dor das pessoas que estão assistindo ou das pessoas que você está retratando, sem uma ligação direta com o critério jornalístico.

Percebemos muitas vezes, que algumas notícias sobre crimes não acontecem com frequência, mas quando são cobertos com muita intensidade levam a uma distorção. Por

exemplo, crimes que acontecem na periferia, tem uma cobertura muito menor do que crimes que acontecem em regiões de classe média alta. Então essa acaba sendo uma distorção que a imprensa tem em alguns momentos. Como acontecem muitos crimes na periferia, isso causa uma certa naturalização, uma banalização da violência lá, e quando acontece um crime em um local de classe/renda mais alta, a imprensa tende a cobrir mais. Muitas vezes as pessoas acham por causa dessa cobertura exagerada, que a população de renda mais alta está mais vulnerável à violência, o que não é verdade.

Então, acho que sim. Nós temos essa responsabilidade, mas eu acho que o que deve nortear essa busca por reflexão e por causar sensações nas pessoas, tem que ser sempre o critério jornalístico.

3. Você concorda que jornalistas que cobrem tragédias precisariam de um “acompanhamento psicológico”, como auxílio para saber lidar com situações impactantes?

Acredito que os jornalistas - principalmente os que trabalham na rua - deveriam ter acesso a profissionais da área psicológica dentro de seu espaço de trabalho, não só para mensurar e assimilar melhor o impacto psicológico das coberturas jornalísticas das quais participam, mas também para mitigar os efeitos psicológicos que suas reportagens causam nos entrevistados e nos telespectadores. Sem orientação psicológica, acredito que a maioria dos jornalistas criam mecanismos de defesa para se proteger e serem menos afetados pelo que veem e registram durante o trabalho. Isso pode até reduzir o impacto psicológico, mas também pode fazer com que o profissional se torne "insensível" ou frio diante dos acontecimentos com o passar do tempo.

Acredito que as redações não estão preparadas para lidar com o efeito psicológico das coberturas de violações de direitos humanos. Mesmo assim, ao conversar com amigos que fazem terapia ou acompanhamento psicológico, percebi que as questões que eles buscam resolver são mais de ordem pessoal e/ou relacionadas às incertezas do mercado de trabalho do que propriamente geradas por traumas adquiridos durante o fazer jornalístico. Quando falo sobre a carreira, vale destacar que, de maneira geral, nós, jornalistas, estamos mais submetidos a pressões internas do que externas. Até os profissionais que nunca cobriram nem cobrirão uma tragédia se preocupam - e muito - com prazos apertadíssimos, problemas hierárquicos, concorrência, exatidão da informação etc.

Vejo que os profissionais com problemas psicológicos realmente ligados à situações específicas do trabalho jornalístico são os que foram vítimas de violência durante as

reportagens: profissionais roubados, agredidos, hostilizados, sequestrados, torturados etc. Isso não quer dizer, obviamente, que apenas esses profissionais sofram os impactos psicológicos das coberturas, mas dá um pouco a dimensão de como os jornalistas, até certo ponto, conseguem criar uma certa "casca" para reduzir os efeitos na saúde mental do que presenciam.

4. O jornalista, mesmo que inconscientemente, acaba por ocupar o lugar de “testemunha” em um fato/acometimento? Nesse sentido, como você acha que o jornalista deveria agir?

Acho que é papel do jornalista tomar cuidado para que essas pessoas que passam por violência e por tragédias não a revivam durante uma entrevista. O nosso trabalho no Profissão Repórter tem uma característica interessante para analisar isso. Falando sobre o meu caso, muitas vezes quando eu viajo para um estado para cobrir uma violação de direito humano, eu vou atrás de pessoas que já falaram muitas vezes com a imprensa.

Então até chegar ao local onde aconteceu uma chacina, por exemplo, e falar com as mães desses jovens; elas já falaram muitas vezes com outros jornalistas antes de mim. Além de perguntar, obviamente, sobre o que aconteceu e as circunstâncias do que aconteceu, eu gosto de conversar com essas pessoas também sobre como foi o tratamento da imprensa até aquele momento nos primeiros dias de cobertura.

Geralmente, isso é muito triste. O que essas pessoas relatam é que mesmo cinco, seis, sete dias após a tragédia, elas já se sentem revitimizadas, sentem que a imprensa de alguma maneira fez com que elas revivessem o que aconteceu. E é claro que é o nosso papel perguntar, e do meu ponto de vista, um jornalista não pode deixar de perguntar algo para alguém de maneira geral só por causa do impacto psicológico. Acho que tem uma questão específica com vítimas da violência e com crianças, mas muitas vezes as pessoas que passam por violência, querem contar o que aconteceu, querem passar a visão delas. Essa é a grande questão neste caso: “Como o jornalista pode fazer o trabalho dele sem revitimizar essas pessoas, sem causar um impacto psicológico ainda maior na vida delas?”.

Percebo que as pessoas são impactadas não só no momento em que elas ficam ali cara a cara com os jornalistas, e com base no que eles conversam, mas principalmente, sobre como esse material é tratado depois e como ele é levado ao ar. É por isso que tenho algumas ressalvas à maneira como os jornalistas cobrem a violência, porque temos casos recentes de pessoas que foram inclusive avisadas ao vivo da morte de familiares. Acho que o jornalista sofre o impacto sim, mas ele também causa um impacto muito forte nas vítimas com quem conversa.

Isso é um caminho de mão dupla. Aí eu acho que talvez cheguemos a um lugar

interessante, que é: quanto mais empatia com o entrevistado o jornalista tem, talvez mais impacto psicológico ele sinta e menos impacto ele cause. E quanto menos empatia ele sinta pela pessoa, talvez mais impacto ele cause e menos impacto ele sofra. Obviamente eu não sou psicólogo para falar sobre isso, mas eu conheço muitos jornalistas que têm um trabalho diferenciado em relação às vítimas, que realmente conversam com estas pessoas, que de alguma maneira sentem o drama destas pessoas, que continuam em contato com elas depois. E esses jornalistas são os que mais sentem impacto psicológico do meu ponto de vista. Os jornalistas que mais sentem para falar sobre quão machucados eles estão das coberturas são os que mais ouvem as pessoas, são os que mais se envolvem com elas. É como se fosse uma via, do meu ponto de vista, de mão dupla, você tem que tomar cuidado com uma vítima de violência e isso se torna quase que um sintoma, porque você vai sofrer com o drama daquela pessoa ao longo do tempo.

Então eu não faço nenhum juízo de valor do trabalho dos outros jornalistas, de como eles trabalham e de como eles abordam essas pessoas, mas pensando como um ser humano, eu me ofenderia em diversas ocasiões se eu fosse tratado da maneira que eu vi jornalistas tratando pessoas que passaram por situações de violência. Não é difícil achar exemplos gravados disso quando acontece, de jornalistas agindo de uma maneira muitas vezes insensível com pessoas que passaram por violência. Mas isso também gera aquilo que eu tinha dito antes, o jornalista de alguma maneira sabe o que a população espera dele, que é a empatia. Uma empatia que muitas vezes ele não tem. Nem todo mundo sente uma empatia por uma pessoa, porque cada um tem a sua história de vida, suas opiniões, ideologias, então nem todo jornalista é obrigado a sentir. E eu acho que essa é uma questão pessoal, nem todo jornalista é obrigado a se identificar com aquelas pessoas que ele retrata.

Mas eu acredito que para qualquer tipo de jornalista e pensando no perfil de cada um, pensando na história de vida de cada um, todos os jornalistas tem responsabilidade, alguma responsabilidade sobre o impacto psicológico, ao conversar ou entrevistar uma pessoa, uma vítima de violência, uma pessoa que passou por uma grande tragédia. E eu digo isso, porque quando vamos conversar com essas pessoas, por mais que cada um seja responsável pelos seus próprios atos, inclusive os nossos entrevistados. Mas eles estão em uma situação de vulnerabilidade tão grande que essas pessoas não conseguem dosar bem, não conseguem mensurar o impacto psicológico que algumas coisas podem ter ao longo prazo.

E é claro que a decisão final de dar uma entrevista ou do que fazer tem que ser do entrevistado, afinal ele é autônomo, ele é o protagonista da própria história. Mas acho que nós, jornalistas, isso é curioso, nós passamos mesmo de fora por estas situações de violência

mais do que as próprias vítimas. Quando eu como repórter, vou conversar com uma mãe que perdeu o filho vítima da violência ou vítima da polícia, essa mãe muitas vezes não sabe dos riscos que ela corre. Porque é a primeira vez que ela perde o filho, um pai que passa por isso, na maioria dos casos, é a primeira vez que ele passa por isso. Mas eu como repórter já cobri essa história mais de vinte, trinta vezes, então acho que é moralmente importante e deveria fazer parte da nossa ética, nós que já passamos por essa situação de alguma maneira, definirmos as regras desse contato, pensando também no impacto psicológico que essa história vai ter para esta pessoa.

5. Em uma cobertura impactante, qual o lugar de fala do jornalista? O que você acredita que o público espera do jornalista em coberturas de acontecimentos de grande impacto?

Bom, eu acho que no Brasil de hoje, nós jornalistas não podemos nos guiar muito pelo que as pessoas esperam de nós. Depois de tantos anos estudando jornalismo e conhecendo um pouco as questões centrais de ética, da informação do que nós fazemos, não podemos simbolizar só pelo que as pessoas esperam de nós. Até porque acho que em muitos momentos as pessoas por não entenderem ou por causa das suas opiniões políticas e das ideologias, elas não desejam necessariamente que o jornalista faça o seu trabalho cobrindo determinado fato da maneira mais isenta possível ou da maneira que para nós jornalistas, é a mais correta possível.

Eu acredito muito que o papel do jornalista sempre vai ser tentar retratar da maneira mais fidedigna possível o que ele está vendo ali, principalmente contextualizando essa história. Porque para o Brasil, que é um país tão desigual, muitas vezes estamos fazendo o jornalismo retratando uma realidade para pessoas que não estão inseridas nessa realidade. Quando vamos cobrir, por exemplo, no meu caso, violência policial, eu tomo cuidado para que as pessoas entendam um pouco o contexto do que está acontecendo ali. E, de maneira geral, quando falamos de tragédias ou chacinas, a população não concorda com a cobertura destes casos.

Você humaniza aquela história, você tenta muitas vezes criar uma empatia nestas tragédias, por exemplo, na chacina de Osasco, morreram mais de vinte pessoas na periferia, mortes por policiais militares e guardas civis. E logo no primeiro momento, a repercussão de alguns setores da sociedade foi dizer que aquelas pessoas eram criminosas. Esse é um comportamento recorrente. Então eu acho que se ao longo da nossa carreira só pensamos no que fazer nestes momentos, com bases no que a população espera de nós, será muito fácil errar.

Acho que tentar retratar de uma maneira fidedigna o que acontece ali de acordo com o contexto. Porque isso acontece também historicamente. A violência e essas tragédias são tão seletivas no Brasil e isso pode causar um impacto maior na população. E de alguma maneira, tentar explicar para a população que por se tratar de fatos, opiniões, ideologias, elas não podem definir o norte das nossas coberturas.

Sobre como agir e o que as pessoas esperam de nós também nessas grandes coberturas, eu percebo que assim como a opinião da população molda o jornalismo, a atuação do jornalismo também molda um pouco a expectativa das pessoas. Muitas vezes quando o jornalista se emociona com uma grande cobertura, com uma tragédia, quando morrem duzentas, trezentas pessoas ou até em uma tragédia pessoal que é tão grande quanto, quando uma mãe perde um filho, a emoção do jornalista é quase que esperada pela população, as pessoas se conectam automaticamente com isso, tem uma empatia ali.

Lembro-me de algumas coberturas em que os jornalistas não conseguiram retratar, por exemplo, a fome de pessoas, que por causa de uma grande tragédia não tinham acesso à alimentação. E mais do que tentar chegar e ouvir essas pessoas, o jornalista que vivia em uma realidade totalmente distante daquelas pessoas, mas que estava ali exposto às mesmas coisas que elas estavam, chorou ao dizer que ele também tinha passado fome. E isso causou uma comoção nas pessoas, no meu ponto de vista, muito maior do que se ele tivesse conseguido mostrar realmente a fome que as pessoas estavam passando ali. Isso me faz pensar um pouco, até que ponto as pessoas hoje consomem o jornalismo como entretenimento, mais do que uma experiência audiovisual que realmente tente retratar o que acontece e os fatos?

Eu acho que o jornalismo é um instrumento e o jornalista acaba sendo um instrumento para criar empatia, mas acho que faz parte da nossa profissão, isso não é novo de maneira nenhuma, isso é uma questão histórica de um dilema histórico jornalista de tentar retratar o que acontece com as pessoas ali. (...) Porque não importa quanto sofrimento você esteja passando ao longo da cobertura, o seu sofrimento, do meu ponto de vista, não é comparável com o da pessoa que passa por aquilo. Então se como jornalista você tem um impacto psicológico em uma cobertura, as pessoas que você retrata com certeza terão um impacto maior. E eu acho que entender isso é importante na hora de analisar psicologicamente os problemas psicológicos que os jornalistas têm também.

Resposta conjunta: questão 6 junto à questão 13

6. Durante alguma cobertura jornalística você já passou por situações que tenham lhe

causado transtornos emocionais?

13. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito?

(Tem uma reportagem que você fez sobre feminismo na qual logo depois você foi vítima de ataques pelas redes sociais, ameaçado de morte e intimidado como jornalista. Como foi isso? Você acha que a notícia tem um preço?).

Essa reportagem de 2015 reúne alguns fatores específicos que fizeram com que o impacto psicológico fosse muito pesado. Sou um repórter negro que trabalha denunciando violações de direitos humanos, principalmente contra a população negra, e que faz isso trabalhando em redações que, infelizmente, quase sempre só tem profissionais brancos. Essa é a realidade de quase todos os jornalistas negros da grande imprensa brasileira. Quando fui vítima de racismo e de ameaças de morte recebi apoio total de meus colegas e da direção - tanto do programa como da Globo. Por mais que eles não soubessem exatamente como eu me sentia, esforçaram-se, desde o primeiro momento, para que eu ficasse bem e superasse aquilo tudo. De qualquer maneira, a situação estava posta: um jornalista negro ofendido e ameaçado, em rede nacional, por um grupo racista.

O falso e tênue equilíbrio racial brasileiro tinha sido quebrado mais uma vez, já que eu tinha sido vítima de uma agressão que, apesar de frequente, o país não está acostumado, nem disposto, a discutir, denunciar e combater - muito menos em rede nacional. Psicologicamente, a ameaça de morte, por incrível que pareça, ficou em segundo plano. No caso do racismo, minha primeira sensação foi de impotência em saber que, pelo menos nos anos seguintes, eu teria que conviver com esse crime, aceitando a impunidade. Mais do que isso. Que eu teria pouquíssimas pessoas com quem conversar seriamente a respeito. Cito a palavra impotência porque, de uma maneira ou de outra, é essa palavra que meus colegas jornalistas têm usado quando me contam das violações de direitos humanos que sofrem ou sofreram durante o trabalho. Conheço jornalistas que foram sequestrados, torturados, agredidos, intimidados e, mais do que o impacto da agressão em si, é recorrente essa percepção, o gosto amargo de que "não há nada que eu possa fazer.". Esse caso para mim é um exemplo do impacto psicológico latente que algumas coberturas podem deixar em profissionais de grupos que historicamente sofrem preconceito. Acredito que muitos profissionais talvez não consigam perceber nem mensurar o impacto que esses ataques causam em suas vidas. Não é difícil perceber que as jornalistas, por exemplo, sofrem machismo o tempo todo durante as coberturas - inclusive de outros jornalistas - e, com frequência, sofrem assédio. É por situações específicas como essas, que acredito que, o que

determina o nível de impacto psicológico é a identidade e a empatia do jornalista, e não necessariamente o tamanho da "tragédia" que ele cobre.

7. Você conhece meios de ajuda/suporte para lidar com a cobertura de tragédias? Já precisou utilizar algum?

Não conheço nenhum meio de suporte psicológico específico para jornalistas. Curiosamente, quando fui ofendido e ameaçado de morte, recebi mensagens de apoio e oferecendo auxílio jurídico, mas não me lembro de nenhuma mensagem de ajuda psicológica. O que é uma constatação, não uma crítica, já que dificilmente aceitaria, mesmo sabendo que talvez precisasse.

8. É possível manter sentimentos de empatia e sensibilidade diante de uma situação impactante? Como você faz para que isto aconteça enquanto desenvolve seu trabalho?

Acredito que é a empatia que irá definir em uma cobertura, o seu nível de envolvimento e o quanto você vai ser impactado pelo que você está vendo. Acho que essa questão da empatia, de você se identificar com a história que você está retratando, ela será preponderante na hora de analisar o quão impactado o jornalista é pelo que ele está vendo. Por exemplo, eu sou um homem negro que tem uma história da periferia. Nasci aqui na zona leste de São Paulo, fui morar em uma cidade do interior e pude crescer com uma oportunidade por causa do trabalho dos meus pais, em muitas das pessoas que nasceram no mesmo lugar em que eu nasci não tiveram.

Então eu tive uma bolsa de estudos, pude sair e fazer uma faculdade logo depois que eu me formei. Isso que aconteceu ao longo da minha infância, não acabou apagando a ligação que eu tenho com a periferia e com pessoas que se parecem comigo, com as histórias dos negros, com as histórias das pessoas que tem menos e muitas vezes são oprimidas por grandes corporações, ou pela violência policial, ou pela falta de acesso a saúde, educação.

Com essas histórias que eu tento contar ao longo da carreira, eu fico feliz de poder trabalhar, meio que especificamente, com violações de direitos humanos, com essas pessoas. Isso tem um impacto muito forte na minha vida pessoal, porque eu me identifico com elas. Quando eu vou contar uma história na periferia de uma pessoa que morreu, que foi morta pela polícia ou que não teve acesso a saúde, educação, eu me identifico com esta história, porque eu vejo muito da minha família ali. Eu vejo as histórias que os meus pais contavam sobre a vida deles, sobre o quanto os meus avós falavam sobre o sofrimento que eles passavam.

Lembro-me de quanto eles tiveram que trabalhar, o quanto eles tiveram que sofrer para que eu tivesse acesso à educação, para não reproduzir este sofrimento que eles tiveram.

9. Como o profissional deve recontar falas e histórias ouvidas de pessoas que acabaram passar por uma situação impactante?

Eu acho que a gente sempre tem que ponderar muito nesses casos. Porque quando você conversa com pessoas em situação de vulnerabilidade, que foram vítimas ou testemunhas de crimes, você percebe que existe uma simetria psicológica muito grande entre o jornalista e essas pessoas nessa situação. Por mais que o jornalista também seja afetado pela realidade que retrata, é fato que quando você chega para conversar com essas pessoas que passaram por algo, elas são as maiores afetadas. Elas contam a história, mesmo sendo e estando muito afetadas pelo o que passaram. Então, eu acho que também faz parte da função jornalística ponderar isso na hora de passar para os telespectadores ou para os leitores, né?!

Muitas vezes quando você vai ouvir essas pessoas, elas falam coisas das quais se arrependem depois. Ou quando você conversa com mães, por exemplo, que perderam filhos, que em um primeiro momento não agem da maneira geral, como a sociedade espera que essas pessoas ajam né, então... Eu acho que isso deve ser levado em consideração. Não é um padrão de comportamento de vítimas, é psicológico, mesmo não sendo profissional, nós escutamos psicólogos. Que diz que cada pessoa pode reagir de uma maneira diferente depois de ser vítima de uma tragédia, de presenciar alguma coisa.

Acho que faz parte da nossa função jornalística ponderar e entender a situação em que aquela pessoa está, pelo que ela está passando. Também acho que cabe ao jornalista preservar um pouco essa pessoa. Muitas vezes na ânsia de fazer justiça ou na tentativa de levar algum fato a público, essas pessoas se expõem demais, testemunhas podem mostrar o rosto, podem acabar acusando outras pessoas, que podem ou não, serem os autores desses crimes, e isso sem pensar nas consequências.

Também acho que o jornalista tem a função, primeiro e primordialmente, de passar sempre a versão mais próxima e mais fiel aos fatos possível, ou seja, nada pode fazer com que o jornalista afaste o que aconteceu dos fatos. Temos que pensar que o nosso primeiro compromisso não é com a pessoa que está contando a história, não é com a nossa empresa jornalística, e não é com o público que está lendo. Do meu ponto de vista, o primeiro compromisso do jornalista é com o fato em si, então, é claro que a gente tem que ponderar, tem que preservar essas pessoas, mas sempre mantendo o fato como a questão central, o que aconteceu, e a partir daí você conta.

Acho que nesse contato com as vítimas, o jornalista e principalmente, o repórter, é uma figura central. O repórter tem o primeiro contato com essa pessoa, então, nas situações em que essas pessoas exigem algumas condições para falar, por exemplo, o que você conversa com a pessoa ali tem que ser cumprido. Ou você como jornalista, já tem que falar: olha, nessas condições eu não posso te ouvir, eu não posso contar a sua história.

Então, se tem uma parte da história que é importante para mim como jornalista saber e você não quer me contar, talvez não vale a pena contar só a versão que te interessa. Se eu faço, tenho esse compromisso com as pessoas de não mostrar o rosto, “olha eu só topo conversar e contar o que eu vi, sem mostrar o meu rosto.”. Se eu aceitar e achar que naquele momento essa entrevista sem identificação é útil e justificável, se a pessoa está com medo, está em situação de risco, então eu mantenho esse compromisso até o final e inclusive perante os meus colegas de trabalho.

Se você tem um compromisso com uma fonte, você tem o compromisso de manter a sua palavra. Inclusive internamente na redação, aonde pode ocorrer que o seu editor tenha uma outra visão sobre a reportagem. Então o repórter ocupa nesse momento, essa função também de intermediar entre as pessoas que estão fora, que confiaram em você e com os outros profissionais da equipe jornalística.

10. Você acha que, quando o jornalista aborda alguém que acabou de passar por um momento traumático, ele está fazendo com sua fonte reviva o acontecido? Como você vê e interpreta isso?

Bom, a outra pergunta sobre o jornalista quando ele se vê como testemunha de algum acontecimento. Acho que isso acontece com muita frequência assim, mais do que a gente imagina, né? Muitas vezes nós jornalistas, por meio de uma cobertura nos vemos como testemunhas, ou de um crime ou de uma conduta que pode ser questionada moralmente mesmo que não seja um crime. Então, eu acho que primeiro a gente tem que dar essa medida para as pessoas, jornalisticamente a gente tende a cobrir mais o que é crime.

Porque o crime ele é um fato de interesse público. Inclusive nos processos criminais, tem como regra serem públicos daí não sigilosos, isso tem que nortear um pouco o nosso trabalho então, nem tudo que o jornalista vê como testemunha só pelo fato de ser um jornalista tem que virar uma notícia, e muito do que a gente vê enquanto está cobrindo tem que ser noticiado como crime. Então, temos que acabar seguindo o que a gente acostuma falar para as pessoas, costuma orientar durante as nossas reportagens. O jornalista quando ele presencia um crime, quando ele é testemunha de um fato, ele tem a obrigação de denunciar.

Eu passei por essa situação em 2015 na reportagem em que eu fui vítima de racismo, e por ser um crime de racismo, que é uma coisa que mexe muito com a minha área de atuação, eu não ‘tubieei’ em nenhum momento em denunciar.

Desde o primeiro momento que aconteceu, eu já sabia que eu ia denunciar esse crime, por uma questão pessoal. Mas também, mesmo que não fosse um crime de racismo, eu me sentiria na obrigação de denunciar, de tornar isso público, mesmo que por algum motivo a minha reportagem não saísse. Acho que ser repórter não nos coloca numa posição superior a das outras pessoas em relação ao aperfeiçoamento da sociedade. Acho que é obrigação do cidadão, quando ele vê um crime, quando ele é testemunha, denunciar.

E acredito que isso vale para nós jornalistas também. Quando você cita a testemunha, você quer dizer isso também. Faz uma referência a quando nos vemos envolvidos em alguma situação dentro da nossa reportagem. Por mais que a gente tem essa obrigação de denunciar um crime, a posição de jornalista em alguns momentos faz com que você tenha um acordo de confiança com uma pessoa ali, em que você tem que analisar bem a circunstância do que você está fazendo.

Por exemplo, muitas vezes durante uma cobertura você vai não se deparar com um crime ou alguma situação aleatoriamente, mas você vai atrás de uma situação, você vai tentar conversar com pessoas que cometem um crime. Então, você não está andando na rua e se torna testemunha de um crime que está acontecendo, mas você entra em contato com pessoas que você sabe que tem algum tipo ou podem ter algum tipo de uma conduta criminosa. Você pode conversar com pessoas que tenham armas e que seja ilegal. Você pode conversar com pessoas que são do tráfico de drogas e isso é ilegal. Você pode conversar com pessoas, no meu caso, que trabalham com direitos humanos, que fazem aborto ou que defendem o aborto ou que fizeram o aborto, e, que são condutas ilegais.

Eu acho que não é certo que o jornalista use a relação de confiança que ele construiu com alguém para depois denunciar essa pessoa, que fosse uma mera testemunha. Não podemos usar o nosso privilégio, nosso acesso jornalístico para denunciar essas pessoas, principalmente quando elas estão em situação de vulnerabilidade. Isso pode ser um pouco paradoxal.

Mas eu acho que muitas das pessoas que cometem algum tipo de crime e que são estigmatizadas por esses crimes, elas muitas vezes encontram, veem no jornalista, uma pessoa com que elas podem contar e problematizar o que está acontecendo. E é uma decisão difícil, mas que a gente tem que tomar baseado sempre caso a caso. Eu acho que pela via de regra, não faz sentido que a gente oriente a população a denunciar crimes se a gente também não

está disposto a fazer isso. Eu acho que é algo importante, que tem que ser levado em consideração. Por outro lado, eu não acho eticamente correto que o jornalista, muitas vezes engane as pessoas, estabeleça com ela uma relação de confiança e depois use isso para denunciar.

Muitas vezes eu já me peguei nessa situação de conversar com pessoas que eventualmente poderiam cometer algum tipo de crime durante a reportagem. Você vai falar com pichadores, por exemplo, que estão ali cometendo um crime. Acho, que se o jornalista quer denunciar algum tipo de conduta, principalmente uma conduta que às vezes não depende de uma relação pessoal com o criminoso, ele pode tentar fazer isso sem enganar essa pessoa. Ele deve tentar fazer isso sempre que possível, mas nem sempre é possível.

Vemos reportagem de câmera escondida, em que o jornalista pode se passar por outra pessoa. Isso é questionável, mas acontece. Mas, eu sempre prefiro em uma situação em que eu tenha que denunciar alguém, que eu faça isso, porque é correto dentro da nossa profissão, mas que eu faça sem me passar por alguém nesse primeiro contato com ela, sem que eu tenha que ganhar a confiança dela e depois trair essa confiança. Temos essa obrigação de denunciar o que a gente vê como testemunha. Isso pode ser feito sem que você engane essa pessoa.

E tem uma outra observação também. Muitas vezes o jornalista se vê como testemunha de crimes de condutas ilegais, que a polícia também tem conhecimento. É uma situação diferente de se ter, e a polícia não tem. E aí se colocar nesse dilema entre: eu vou denunciar ou não vou denunciar? Ou você constatar algo que a polícia já sabe. Muitas vezes denunciar um crime que é recorrente, ou seja, você vai em uma comunidade que há tráfico de drogas e que a polícia sabe que isso acontece ali, e aí eu como jornalista, não me vejo na posição de reforçar para a polícia um crime que eles já sabem que é cometido. Acho que temos que analisar caso a caso, mas via de regra, quando você pode impedir um crime, se eu acho que é uma regra importante que a polícia não sabe, é uma relação de você precisar mesmo. Muitas vezes você está falando de populações que são extremamente vulneráveis e que não tem a quem recorrer.

Temos esse papel de denunciar, de pelo menos informar as autoridades. Mas acho que isso é feito por meio da reportagem. Eu não gosto muito da ideia de que isso tem que ser feito apenas quando atinge o repórter de maneira pessoal. Quando o repórter é vítima, ele se comporta como vítima, mas quando ele é testemunha, eu acho que o próprio trabalho jornalístico, ele cumpre esse papel de fazer a denúncia e de informar a população sobre o que está acontecendo. Eu não vejo e acho que o jornalista tenha que estar em contato direto com as autoridades para informar sobre as condutas que ele encontra, porque o próprio trabalho

jornalístico, o fazer jornalístico já é uma parte importante para levar essa transparência à população.

Também acho que tem uma outra constante que conversamos muito nessas reportagens, o fato do jornalista tentar alterar o mínimo possível a realidade, ou seja, se existe um crime que é cometido há muito tempo e a polícia sabe e não combate. Acho que essa é a notícia. É o papel do jornalista dizer que aquele crime existe, noticiar, ou seja, denunciar esse crime, mas denunciar também que as autoridades não combatem. Não acho que seja certo que o jornalista descubra um crime que a polícia sempre negligenciou e depois leve esse crime para a polícia, para que dentro da sua reportagem a polícia apareça como um agente de solução, que na verdade ela não é.

Faz parte do nosso trabalho divulgar o que acontece, os vários aspectos, inclusive quando a polícia está falando especificamente de crimes quando ela não atuou até aquele momento. Então, eu não me vejo primordialmente como uma ponte entre crimes e condutas ilegais, e não vejo a polícia, se não exclusivamente por meio do meu trabalho, das divulgações nas reportagens.

11. É possível que o jornalista escolha entre se envolver ou não na produção de narrativas impactantes?

Não tem como o jornalista escolher entre não se envolver em narrativas impactantes, pois isso inviabilizaria sua participação em boa parte das coberturas. Como o jornalista tende a buscar a máxima repercussão de seu trabalho, acho que hoje os profissionais fazem exatamente o oposto: tentam participar cada vez mais de narrativas com o máximo impacto, e que de preferência, reverberem nas redes sociais - o que vejo com ressalvas, porque em um país desigual como o Brasil, nem sempre o que repercute mais, tem mais importância jornalística.

12. Por favor, fale sobre uma reportagem impactante da qual você participou, apontando, sobretudo, como ela refletiu em sua vida pessoal e profissional?

Acredito que na minha vida pessoal o grande impacto resumidamente, seja contar histórias de pessoas que sofrem violações de direitos humanos, seja em grandes tragédias ou não. E depois me deparar com o fato de que as reportagens que fazemos talvez não ajudem as pessoas na medida em que eu esperava. O grande impacto que sinto na minha vida pessoal, é voltar para a minha realidade, voltar para a redação de um grande veículo de comunicação e perceber que muitas vezes o nosso trabalho não tem um impacto positivo esperado na vida

daquelas pessoas. As reportagens que nós fazemos, elas podem sim mudar a vida das pessoas, transformar uma realidade. Mas no meu caso específico, a questão na minha vida pessoal, até porque eu cubro histórias de pessoas que tem uma origem muito parecida com a minha, é perceber que por mais que o jornalismo contribua para melhorar um pouco a realidade, essa contribuição a essa mudança social não atinge o grau esperado por mim.

Se eu for pensar o impacto na minha vida pessoal, a grande questão é esta: voltar para a minha realidade e nunca me desvencilhar totalmente das histórias que eu conto, nunca olhar para trás e falar: bom, o problema daquela pessoa que nós retratamos há dez anos pelo menos foi resolvido ou minimizado, e agora podemos encarar uma outra história, de uma outra pessoa; já que o nosso trabalho como jornalista de alguma maneira contribuiu para uma mudança social. É claro que o nosso trabalho contribui bastante para essa transformação social. É difícil imaginar o Brasil sem as denúncias jornalísticas de vários veículos de comunicação, mas também não dá para ignorar o fato de que é muito difícil mudar a nossa sociedade.

O que eu enxergo é que ao longo desses quase quinze anos de carreira, eu ainda me vejo lembrando das reportagens que eu fiz no primeiro ano da faculdade de jornalismo, sabendo que aquilo ali, que aqueles problemas, que aquelas violações de direitos humanos continuam se repetindo. Ao mesmo tempo, quinze anos depois, eu recebo dezenas, centenas de mensagens por mês, por semestre, de outras pessoas com os mesmos problemas ou com problemas novos que naquela época não existiam ou não atuavam em grande escala.

Então para mim, o maior impacto na minha vida pessoal depois de tantos anos fazendo jornalismo é perceber que nós estamos em um oceano de problemas e a gente só consegue fazer uma ou duas ou três matérias de uma maneira totalmente seletiva. De uma maneira geral, também pensando nas grandes tragédias, o que me aflige é isso, o drama individual de cada uma dessas pessoas. Eu vejo que a imprensa transforma, em alguns momentos, as grandes tragédias em um espetáculo, e isso acaba diminuindo o drama individual daquelas pessoas.

O que me afeta mesmo nas grandes tragédias, são os dramas individuais, a bem empatia que eu criei com cada uma daquelas pessoas ao perceber que elas têm um drama muito específico, porque algumas perderam os pais, perderam as mães, perderam amigos ou continuam sofrendo violações, e que estas situações não são resolvidas.

13. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito?

Acredito que a empatia do jornalista pode definir o nível de impacto psicológico que as reportagens terão sobre ele. Em minha opinião, fatores como sexo, cor, origem social, experiência de vida são preponderantes e podem mudar completamente a maneira como um profissional encara as "tragédias" que testemunha e reporta. Um repórter branco que cobre casos de racismo, por exemplo, será impactado de uma maneira totalmente diferente e mais branda do que um repórter negro na mesma situação. Uma repórter que ouça em detalhes o relato de uma jovem estuprada assimilará o que foi contado de um jeito que não poderá ser comparado com um homem.